

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA - UNIMEP
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - FACIS
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**



**(DES) ENCONTRO DE GÊNEROS NA GINÁSTICA RÍTMICA:
um estudo sobre Formação Profissional
em Educação Física**

LARISSA AUREA TEREZANI

**PIRACICABA – SP
2007**

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA - UNIMEP
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - FACIS
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

LARISSA AUREA TEREZANI

**(DES) ENCONTRO DE GÊNEROS NA GINÁSTICA RÍTMICA:
um estudo sobre Formação Profissional
em Educação Física**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Curso de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física, da Faculdade de Ciências da Saúde, da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física. Área de concentração: Corporeidade, Pedagogia do Movimento e Lazer.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Roberta Gaio.

Piracicaba - SP
2007

Terezani, Larissa Áurea
(Des) Encontros de Gênero na Ginástica Rítmica: um estudo
sobre Formação Profissional em Educação Física / Larissa Áurea
Terezani – Piracicaba – Universidade Metodista de Piracicaba,
2007..

183 p.

Dissertação (Mestrado em Educação Física). UNIMEP – SP.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Roberta Gaio.
Inclui bibliografia.

1. Educação Física. 2. Formação Profissional. 3. Gênero.
4. Ginástica Rítmica. I. Título.

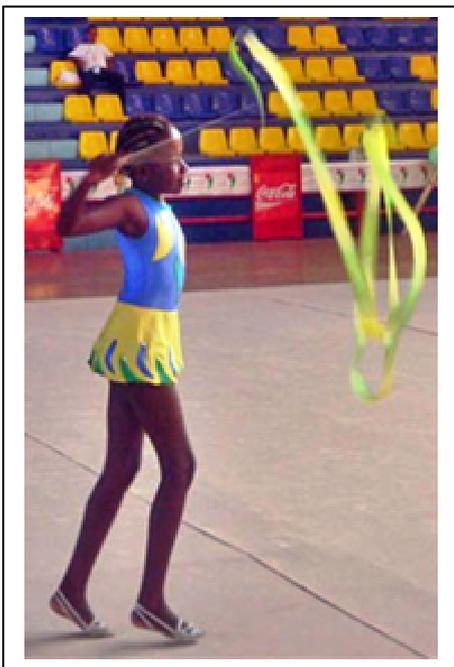
BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Roberta Gaio

Prof^a Érica Renata de Souza

Prof^a Tânia Mara Vieira Sampaio

Fonte: Home Page, www.specialolympicsbrasil.org.br/jogosnacionais/imagens/fotos/thumb.html, acessada em 22 mai 2007.



Alunos/as do curso de Educação Física da Universidade "1" na disciplina de Ginástica Rítmica em Jun 2006.

Fonte: Arquivo pessoal da Prof.^a Larissa Terezani



Dedico à minha mãe, Leticia Helena Sarcedo Terezani e à minha avó, Bárbara Luzes Sarcedo, já desencarnada; ambas me forneceram um grande ensinamento: superar dificuldades.

Dedico, também, a todos e todas que desejaram e/ou desejam praticar a Ginástica Rítmica recebendo iguais oportunidades independente das diferenças que emergem de cada ser humano.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à todos e todas que, por algum motivo, tiveram interesse em ler este trabalho.

Aos meus companheiros guardiões que me orientaram neste estudo e iluminaram cada palavra. Agradeço ao Mestre e ao Pai supremo que me conduziram para o caminho da luz e do esclarecimento.

Ao André, meu amor, meu companheiro e meu guia.

Ao meu pai, Oswaldo Luís Terezani, e à minha mãe, Letícia Helena Sarcedo Terezani, que me criaram e me ensinaram os mandamentos da vida; que possibilitaram, até então, os meus conhecimentos e este estudo; que tiveram paciência nos momentos de dificuldade.

Ao meu irmão, Denis Roberto Terezani, por ser o exemplo de mestre, professor e, principalmente, amigo.

Maria Tereza, tia, madrinha, amiga, que por muitas horas disponibilizou seu tempo para eu estudar.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a. Roberta Gaio, que me ensinou desde cedo a fazer Ginástica Rítmica ‘Popular’ e agora a estudá-la. Agradeço pela oportunidade que me proporcionou de trabalhar com a Equipe de Ginástica Rítmica de Piracicaba. Também às participantes do projeto de desporto de base que integraram e integram esse grupo.

Em especial ao Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino, que me incentivou, primeiramente a dar continuidade aos estudos acadêmicos.

Às minhas amigas e companheiras do curso de Educação Física, que me apoiaram desde o momento da minha decisão pela área. Aquelas que me fazem chorar de saudades e rir de alegria. Natália Maria Bortoleto, companheira desde a infância, quando realizei meus primeiros passos com uma ponteira de Ginástica Rítmica e, mais tarde, pelo reencontro rumo à profissão. Anelissa Frutuoso que me fez apaixonar pela música e o movimento e a ver com novos olhos as possibilidades do

corpo. Fabíola Capeline Landim, pela sinceridade e exemplo de mulher forte e guerreira. Cáthia Alves, pela parceria na continuidade dos estudos. Agradeço pelas amizades construídas durante esses quatro anos de faculdade.

Aos amigos Derli Batista e Jean Carlo Ribeiro que, juntamente com suas famílias, me ajudaram a crescer, sempre confiando nos meus próprios passos ao deixar de ser menina para aprender a ser mulher. Recebam minha eterna gratidão pelo carinho e pela dedicação nos momentos difíceis da minha vida. Agradeço às demais amizades que germiram e deram muitos frutos durante o mestrado, Paulo, Mirleide, Dina...

Agradeço à UNIMEP, pelo seu honroso corpo docente que há dez anos contribui para a minha formação, apesar de no presente momento ser a reitoria acadêmica e seus aliados, motivo de dores e lágrimas diante de tanto desrespeito.

Ágradeço à Juraci Beraldi, a mais nova amiga que compartilhou para o crescimento deste trabalho.

Agradeço por mais esta oportunidade de aprendizado e por cada um que fez parte desta história.

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo refletir sobre a formação profissional em Educação Física, investigando o conhecimento sobre gênero, presente na disciplina de Ginástica Rítmica. Considerando que esse esporte oficialmente é somente feminino, que faz parte do conteúdo da Educação Física Escolar e que os ingressantes nas faculdades são alunos e alunas, surgem alguns questionamentos voltados para a forma como essa modalidade é abordada nos cursos de Educação Física e, no preparo dos discentes para trabalhar essa modalidade com ambos os Gêneros. A pesquisa está metodologicamente estruturada com base numa pesquisa bibliográfica sobre Gênero, Formação Profissional em Educação Física e Ginástica Rítmica, bem como num estudo comparativo entre três universidades particulares, que foram selecionadas pelos projetos de extensão, presentes nos seus cursos de Educação Física. A universidade “1”, do Estado de São Paulo, tem um projeto de extensão em Ginástica Rítmica “Popular” que promove o esporte para a construção da cidadania; a universidade “2”, do Estado do Paraná, realiza um projeto de extensão em Ginástica Rítmica que tem como perspectiva, o alto-nível de desempenho e a universidade “3”, do Estado de São Paulo, que desenvolve um projeto de extensão para deficientes, sendo a modalidade uma das atividades oferecidas. Para tanto, foi aplicado um questionário fechado aos discentes do sexto semestre desses cursos de Educação Física, que cursaram as disciplinas de Ginástica Rítmica pertencentes à grade curricular. Na universidade “1” (SP) 12,06% dos questionários respondidos são de discentes do sexo feminino e 18,04% do sexo masculino somando 30,07%; na universidade “2” (PR) são 9,02% do sexo feminino e 12,03% do sexo masculino, totalizando 21,05%; na universidade “3” (SP) são 20,30% do sexo feminino e 28,57% do sexo masculino resultando em 48,78%. A soma das três universidades corresponde a 100% de questionários respondidos. Analisando e comparando as respostas foi detectado que a universidade “2” se encontra mais distante do entendimento das teorias sobre gênero e da possibilidade de se trabalhar a Ginástica Rítmica com ambos os sexos; a universidade “3” está distante do entendimento das teorias sobre gênero, porém, mais próxima da possibilidade de se trabalhar a Ginástica Rítmica com ambos os sexos; a universidade “1” é a que mais se aproxima do entendimento das teorias sobre gênero, e da possibilidade de se trabalhar a Ginástica Rítmica com ambos os sexos. Contudo, as respostas entre as universidades apresentam poucas diferenças e, em algumas questões, se equivalem. Esta pesquisa demonstra que os alunos e as alunas do ensino superior em Educação Física, das universidades em estudo, possuem pouco conhecimento sobre as teorias de gênero aprofundadas em bibliografias, e estão prestes a ensinar a Ginástica Rítmica para ambos os sexos, apesar de revelarem nas suas respostas que vivem em uma sociedade que, em geral, diferencia as atividades femininas das masculinas. Portanto, é esperado com esta pesquisa, que os docentes e as docentes, por meio de um olhar diferenciado sobre este estudo, reformulem suas propostas e que os erros, os acertos, as dificuldades e as facilidades, que fizeram parte desta jornada, possam instigar a busca por novas respostas, contribuindo academicamente para um tema tão relevante.

Palavras-chave: Educação Física – Formação Profissional – Gênero – Ginástica Rítmica.

ABSTRACT

This work has as goal to reflect about the professional development in Physical Education, investigating the knowledge on gender, present at the Rhythmic Gymnastics discipline. Considering that this sport is officially feminine, and it is part of the School Physical Education syllabus and that the people entering universities are male and female students, there are some questionings about how this modality is approached in Physical Education courses and in the preparation of pupils for working this modality with both genders. The survey is methodologically structured based on a bibliographical research about Gender, Professional Development in Physical Education and Rhythmic Gymnastics, as well as in a comparative study among three private universities, which were selected by the extension projects, present in their Physical Education courses. University "1", from Sao Paulo State, has an extension project on Popular Rhythmic Gymnastics, which promotes the sport for building up citizenship; university "2", from Parana State, has an extension project on Rhythmic Gymnastics which has as perspective the high level of performance; and university "3", from Sao Paulo State, develops an extension program for mentally disabled people, and the modality is among the ones being offered. For this purpose, a closed questionnaire was applied to the pupils from the sixth semester in the Physical Education courses, who had had Rhythmic Gymnastics as a curricular component. At University "1" (SP), 12.06% of the questionnaires replied are from female pupils and 18.04% are from male pupils, adding up 30.07%; at University "2" (PR), 9.02% are female pupils and 12.03% are males, adding up 21.05%; at University "3" (SP), 20.30% are females and 28.57% are males, adding up 48.78%. The sum of the three universities add up 100% replied questionnaires. Analyzing and comparing the replies, it was detected that University "2" is more distant from understanding the theories about gender and the possibility of having Rhythmic Gymnastics with both sexes; University "3" is distant from understanding the theories on gender, but it is closer to working the Rhythmic Gymnastics with both sexes; University "1" is the closest to understanding the theories on gender and the possibility of offering Rhythmic Gymnastics with both sexes. Nonetheless, the replies among the universities present few differences and, in some questions, they are equivalent. This survey shows that both male and female students from Physical Education graduation courses, at the above-mentioned universities, have little knowledge about the gender theories deepened in bibliographies, and are about to teach Rhythmic Gymnastics for both sexes, despite having revealed that they live on a society when, generally, makes differences between the male and female activities. Hence, it is expected, with this survey, that the male and female teachers, by having a different look at this study, remodel their proposals, and that the errors and hits, difficulties and eases which were part of this journey, may instigate the seek for new replies, academically contributing for such a relevant theme.

Key-words: Physical Education – Professional Development – Gender – Rhythmic Gymnastics

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	O início do projeto Ginástica Rítmica Popular em Piracicaba, foto retirada do livro “Ginástica Rítmica Desportiva Popular”: uma proposta educacional.....	96
FIGURA 2	Festival de Ginástica Rítmica de Piracicaba em Julho de 2006, apresentação do Grupo do Bairro Cecap.....	97
FIGURA 3	Festival de Ginástica Rítmica de Piracicaba em Julho de 2006, apresentação do Grupo da Estação da Paulista.....	97
FIGURA 4	Festival de Ginástica Rítmica de Piracicaba em Julho de 2006, apresentação dos Grupos de Treinamento ‘Preto’.....	98
FIGURA 5	Festival de Ginástica Rítmica de Piracicaba em Julho de 2006, apresentação dos Grupos de Treinamento ‘Rosa’.....	98
FIGURA 6	Conjunto da Equipe Piracicabana de 2006, meninas selecionadas do projeto de Ginástica Rítmica ‘Popular’ para participar dos Jogos Regionais e Abertos.....	98
FIGURA 7	Individual da Equipe Piracicabana de 2006, meninas selecionadas do projeto de Ginástica Rítmica ‘Popular’ para participar dos Jogos Regionais e Abertos.....	98
FIGURA 8	Detecção de talentos - Universidade “2”	100
FIGURA 9	Ginastas da Escolinha - Universidade “2”.....	102
FIGURA 10	Seleção Brasileira da Olimpíada de Sidney 2000 – Universidade “2”.....	103
FIGURA 11	Equipe de base - Universidade “2”	104

LISTA DE TABELAS

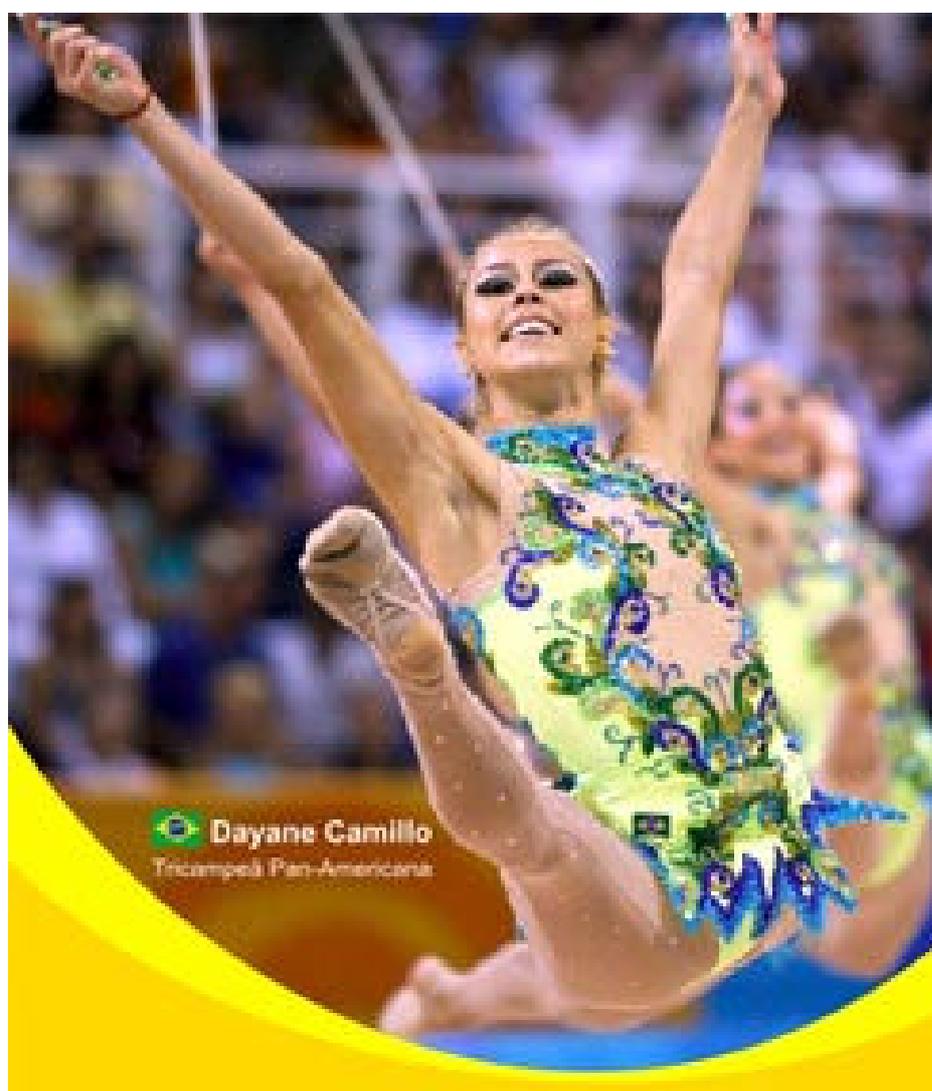
TABELA 1	Total de discentes participantes da pesquisa e total de cada universidade selecionada	111
TABELA 2	Total de discentes femininos participantes da pesquisa de cada universidade selecionada	111
TABELA 3	Total de discentes masculinos participantes da pesquisa de cada universidade selecionada	111
TABELA 4	Respostas dadas à primeira pergunta do questionário.....	112
TABELA 5	Respostas dadas à segunda pergunta do questionário.....	114
TABELA 6	Respostas dadas à terceira pergunta do questionário.....	117
TABELA 7	Respostas dadas à quarta pergunta do questionário.....	120
TABELA 8	Respostas dadas à quinta pergunta do questionário.....	123
TABELA 9	Respostas dadas à sexta pergunta do questionário.....	124
TABELA 10	Respostas dadas à sétima pergunta do questionário	126
TABELA 11	Respostas dadas à oitava pergunta do questionário.....	128
TABELA 12	Respostas dadas à nona pergunta do questionário.....	133
TABELA 13	Respostas dadas para a décima pergunta do questionário.....	136
TABELA 14	Respostas dadas à décima primeira pergunta do questionário.....	138
TABELA 15	Respostas dadas à décima segunda pergunta do questionário.....	144
TABELA 16	Respostas dadas à décima terceira pergunta do questionário.....	148
TABELA 17	Respostas dadas à décima quarta pergunta do questionário.....	150
TABELA 18	Respostas dadas à décima quinta pergunta do questionário.....	154
TABELA 19	Respostas dadas à décima sexta pergunta do questionário.....	156
TABELA 20	Respostas dadas à décima sétima pergunta do questionário.....	158

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 ENTRE SALTOS E SALTITOS OS ENCONTROS E DESENCONTROS DE GÊNERO	19
1.1 Conceituando gênero	20
1.2 Gênero e história	26
1.3 Gênero e Educação Física	35
2 FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: O PONTO FIXO NA DISCIPLINA DE GINÁSTICA RÍTMICA	47
3 ESPORTE E GÊNERO: NO RITMO DA GINÁSTICA RÍTMICA PARA AMBOS OS SEXOS	75
4 A GINÁSTICA RÍTMICA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA E O DISCURSO SOBRE GÊNERO	91
4.1 Metodologia	92
4.2 Universo da Pesquisa	93
4.3 Interpretação dos Resultados	109
4.4 Análise geral dos resultados	161
CONCLUSÃO	162
REFERÊNCIAS	166
APÊNDICES	178
Apêndice 1	178
Apêndice 2	183

*Trazemos no corpo
O mel do suor,
Trazemos nos olhos
A dança da vida,
Trazemos na luta,
A morte vencida.*

Casaldáliga e Tierra (2000)



Fonte: *Home page* da universidade "2", acessada em 01 nov 2006.

INTRODUÇÃO

Durante alguns anos como praticantes, professoras e técnicas da Ginástica Rítmica foi possível realizar e participar de torneios e campeonatos de ordens municipais, regionais e estaduais nas categorias individual e conjunto. Nesse tempo, estivemos, na maioria das vezes, acompanhadas de meninas e mulheres como ginastas, professoras, técnicas e árbitras realizadoras dos eventos e integrantes de equipes. Esse retrato formava um contexto feminino e competitivo que, possivelmente, pouco mudou. Mesmo em participações de festivais e apresentações em que as regras não eram o principal objetivo, poucas vezes, presenciamos o sexo masculino em ação.

Assim, analisando os fatos enquanto praticantes da modalidades deveríamos escolher um caminho: o repetitivo exercício de uma modalidade feminina seletiva ou o início de uma profissão com possíveis reflexões sobre esta realidade.

Mesmo com incertezas demos continuidade aos estudos no ensino superior em Educação Física, uma nova caminhada que não teria sentido com acontecimentos exatos, pois as dúvidas foram fundamentais para impulsionar nossos pensamentos à reflexão. Diante do conflito de idéias surgiu a necessidade de pensarmos e repensarmos sobre as atitudes a serem tomadas. Contudo, compreendemos que tentar adivinhar o destino ou o amanhã, pode ser uma tarefa ilusória, como ilustra Morin (2001) ao afirmar que a história da vida é uma desconhecida aventura. O futuro é imprevisível e o ser humano terá evoluído quando parar de prevê-lo para acreditar no progresso incerto.

Mesmo com questionamentos, ampliamos nossos conhecimentos do fazer para o compreender; da dicotomia entre corpo e mente para a corporeidade; do movimento isolado para a sua concretude moral, social, sentimental, cognitiva e motora; da ginástica estereotipada à Ginástica Rítmica na escola para todos os tipos de corpos.

Apesar da progressão desses saberes, conflitos continuaram existindo. Preocupações nos perseguiram mesmo após recebermos o título de professoras/profissionais de Educação Física, pois faltavam respostas para algumas perguntas. Dessa forma, buscamos em Morin (2001) o conforto para nossas inquietações quando enfatiza que o conhecimento traz o risco da ilusão e do erro.

Com essa expressão do autor estamos aprendendo a lapidar nossas percepções; afinal não é por que temos um conhecimento, que não podemos errar;

quando não temos o conhecimento não erramos, ou seja, simplesmente não conhecemos. Para chegarmos ao erro ou ao acerto deste conhecimento é preciso seguirmos uma meta que, muitas vezes, ilude, principalmente, quando as idéias ficam distantes da realidade. Isso, é comum quando o aprendizado da academia não está harmonizado ao conhecimento da sociedade.

Dessa maneira, começamos a compreender a importância do compromisso para um ou uma profissional. Enquanto educadores e educadoras de Educação Física temos o compromisso com a própria vida e, conseqüentemente, com a vida do outro; pois ela, a vida, é o principal objeto de estudo da área.

Por isso, traçamos um compromisso pautado na auto-superação que como praticantes da modalidade era um, como estudantes de Educação Física outro e hoje enquanto pesquisadoras, também é diferente; são visões de mundo importantes para a construção da nossa corporeidade.

Constatamos, assim, que a ginástica foi instituída há tempo no país, aderida, a princípio e em maioria, pelos homens, o que não ocorreu com a Ginástica Rítmica oficialmente dedicada ao público feminino. Mesmo porque, acreditamos que muitos ouviram sobre estas siglas, *G.R.*, mas, a minoria conhece o seu significado. A Ginástica Rítmica pode e deve estar na escola, ou em outro campo de atuação, onde esteja o professor e a professora de Educação Física para proporcionar o desenvolvimento integral dos seus alunos e das suas alunas.

Entretanto, unificando as posições de valores sociais com as posições de valores da modalidade, possíveis argumentações podem ser estruturadas para a Ginástica Rítmica estar vinculada ao único ser humano, muito embora seja necessário, antes de incluí-la na escola, analisarmos como os professores e as professoras estão preparados para esta ação.

Nesse caso, ensinar só aquilo que sabemos resulta em alunos e alunas conhecedores dos ensinamentos recebidos. Aqueles professores e aquelas professoras que descobrir as inúmeras ações que seus alunos e suas alunas são capazes de realizar estarão contribuindo para a criticidade, a criatividade e a complexidade de conhecimentos. Quem sabe assim, as pessoas seriam menos copiativas e deixariam de reproduzir quem está à frente regendo uma sociedade obediente?

A epidemia do silêncio abateu sobre o ser humano que, em geral, aceita, repete, se acomoda e fica apático ao combate desta doença contagiosa. Assim,

muitas vezes, enquadra-se quem atua com a Educação Física e se contagia pelo vírus do comodismo ou se mostra faminto de novos saberes. Talvez, seja necessário socorrer seus alunos e alunas que poderão ser fadados à morte da criação, da expressão, da ação, da construção.

Apesar dos passos lentos em que sobrevive a escola e o ensino é importante retratarmos alguns acontecimentos que vitalizaram essa realidade, com especificidade, na formação profissional. Como e quando ocorreram as mudanças curriculares nos cursos de ensino superior em Educação Física, ao longo da sua história, que favoreceram a Ginástica Rítmica, já que esta passou a ser uma disciplina em algumas universidades?

A partir das mudanças históricas na Educação Física e na Ginástica Rítmica, nos reportamos a Gebara (1997) quando enfatiza que em todo conhecimento há uma visão e compreensão do mundo e do ser humano, e para conhecer é preciso definir uma posição diante dos valores universais.

A educação é ponto de partida para que aconteça uma mudança consciente e esta deve estar aprimorada nas instituições que formam os professores e as professoras. Esses devem ser os intercessores do conhecimento acadêmico para a sociedade, aproximando a teoria da prática. Talvez assim, a intervenção possa ser palpável construindo, paralelamente, novos estudos científicos.

Além da formação profissional, o desafio da pesquisa está no paradigma culturalizado biologicamente. A diferença de gênero é um valor pertinente para o/a profissional competente desencadeá-lo na escola. A formação de quem atua com a Educação Física deve estimular os alunos e as alunas a detectar, também, a positividade das diferenças, como por exemplo, as diferentes ideologias e perspectivas; transformando-se em um intermediador da cultura do gênero dimensionada por tabus entre a mulher e o homem que precisam ser rearticulados (GEBARA, 2000).

A Ginástica Rítmica como conteúdo da formação profissional pode ser um caminho para repensarmos o conceito social do sexo masculino e feminino. Os cursos superiores em Educação Física devem inserir a modalidade como disciplina formulando um programa de ensino para sua intervenção e atuação na escola com participação de todos e todas.

Desses apontamentos surge o seguinte problema: será que os docentes e as docentes dos cursos de ensino superior em Educação Física, que ministram a/s

disciplina/s de Ginástica Rítmica discutem com seus alunos e suas alunas sobre as relações de gênero presentes em nossa sociedade, que influenciam no desenvolvimento dessa modalidade no Brasil e, principalmente, dão conta de formar profissionais para atuar com os sexos?

A partir desse problema contruímos alguns objetivos como: revisar a literatura sobre as palavras chaves Gênero, Educação Física, Formação Profissional e Ginástica Rítmica; realizar um estudo comparativo entre as três universidades particulares selecionadas para a presente pesquisa por conter a disciplina de Ginástica Rítmica na grade curricular do curso de Educação Física, sustentada por um projeto de extensão com a prática da modalidade para a comunidade; relatar os projetos de extensão dos cursos de Educação Física das três universidades selecionadas; colher o discurso dos alunos e das alunas do ensino superior em Educação Física que cursaram a/as disciplina/s de Ginástica Rítmica nas universidades selecionadas para a pesquisa sobre a modalidade e as relações de gênero, bem como a preparação para atuar com os sexos.

De acordo com esses objetivos estruturamos o trabalho em quatro capítulos seguidos pelas considerações finais. No primeiro capítulo abordamos, por meio de levantamento bibliográfico, um estudo sobre gênero relacionado com a modalidade Ginástica Rítmica que, oficialmente, é determinada para o sexo feminino. Um retrato histórico sobre a mulher foi necessário analisando as suas atividades até o presente momento. Além das discussões sobre as diferenças entre os sexos, classes, etnias e outros grupos inferiorizados pelo sistema.

No segundo capítulo abordamos a formação profissional em Educação Física, fazendo um paralelo com a Ginástica Rítmica para mostrarmos o momento em que esta passou a ser parte integrante do currículo dos cursos de ensino superior. Assim, um levantamento de autores e autoras foi realizado em busca da formação competente desse e dessa profissional, que deve receber durante esse processo estudos sobre os grupos inferiorizados da nossa sociedade, para que na sua atuação não preconize as diferenças, principalmente com a Ginástica Rítmica que pode ser aplicada para ambos os gêneros.

Em seqüência, no terceiro capítulo, realizamos um estudo sobre o surgimento da ginástica que era desenvolvida em prol da preparação dos homens para irem à guerra e que depois se expandiu atendendo toda a população, recebendo, mais tarde, o nome de Educação Física. A partir desse nascimento

surgem os esportes e as ginásticas dos jogos da Grécia Antiga somente para atletas do sexo masculino. Com isso, a reação das mulheres era a de quem também poderia praticar atividades esportivas e participar dos jogos. Assim, para que as mulheres não tirassem a autonomia masculina, foi criada a Ginástica Rítmica para o sexo feminino.

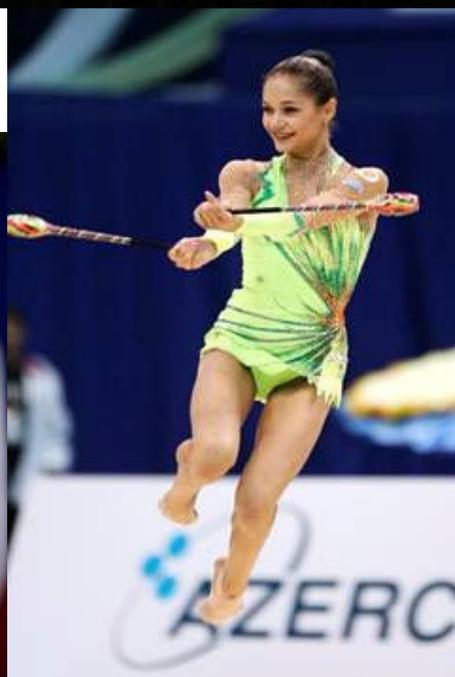
No quarto capítulo apresentamos o estudo comparativo entre três universidades particulares que possuem a disciplina de Ginástica Rítmica na grade curricular do curso de ensino superior em Educação Física e projetos de extensão com o desenvolvimento da modalidade para a comunidade. Nas quais aplicamos um questionário aos discentes e às discentes que concluíram as disciplinas de Ginástica Rítmica.

Portanto, o presente estudo procura contribuir, com dados atuais, para a Formação Profissional em Educação Física, mostrando a vivência da Ginástica Rítmica, no universo humano, a partir de uma proposta pedagógica, considerando a educação uma perspectiva do âmbito escolar e não escolar, propondo a fuga da rotina das aulas de Educação Física. Com isso, se torna possível praticar uma atividade em que se viva, com intensidade e em plenitude, as possibilidades do corpo, bem como explorar a criatividade, a criticidade e o movimento, interagindo com o outro, por meio da ginástica para ambos os gêneros.

Fonte: *Home Page*, Eu amo Ginástica Rítmica, acessada em 08 abr 2007.

Inna Zhukova

Ana Bessonova



Olga Kapranova

Irina Tchachina

Fonte: *Home Page* da Federação Internacional de Ginástica, acessada em 07 abr 2007.

1 – ENTRE SALTOS E SALTITOS OS ENCONTROS E DESENCONTROS DE GÊNERO

As costas do polichinelo arrasas
Só porque fogem das comuns medidas?
Olha! Quem sabe não serão as asas
De um Anjo, sob as vestes escondidas...

Mário Quintana (1997, p.36).

Neste capítulo construímos uma ponte de largas vias, onde possam transitar as relações de gênero, com enfoque na diferença dos sexos e das relações de poder provenientes destas, e a Ginástica Rítmica, uma prática esportiva essencialmente feminina, mas que na escola e na Formação Profissional depara com a presença dos meninos. Como trilhar um caminho em que o docente e a docente sejam capazes de desenvolver este conteúdo da Educação Física sem excluir nenhum dos corpos?

A partir dessa questão, sentimos a necessidade de um referencial teórico sobre gênero dando conta de explicar os motivos da atual situação hierárquica vivida na sociedade, a supremacia do que se refere ao respeito pelo sexo masculino em relação ao feminino. Um breve histórico se faz importante para a compreensão do presente, uma vez que, a trajetória da mulher ao longo dos anos vem sendo discutida por estudiosos e estudiosas do assunto.

Os saltitos são os pequenos deslocamentos e os saltos deslocamentos maiores que formam as diferentes direções durante uma composição coreográfica da Ginástica Rítmica, neste momento, mesmo com erros ou dificuldades a ginasta deve revelar a beleza e a harmonia entre o movimento do corpo, do aparelho e a música. Assim, neste capítulo, por meio de saltos e saltitos vamos ladrilhar este estudo que, apesar dos encontros e desencontros, busca a harmonia entre a Ginástica e as relações de gênero entre o homem e a mulher.

1.1 Conceituando Gênero

Para este estudo sentimos a necessidade de definir logo no início os termos que usamos e seus respectivos significados. Assim, nos apropriamos de Piscitelli (1997) quando cita Shapiro (1981) que sintetizava a distinção entre sexo e gênero no começo da década de 1980. Ao contrastar um conjunto de fatos biológicos com um conjunto de fatos culturais, eles servem (sexo e gênero) para uma proposta analítica útil. Assim, utilizaremos sexo apenas para falar da diferença biológica e

gênero quando nos referirmos as construções sociais, culturais, psicológicas que se impõem sobre essas diferenças biológicas.

Além desse esclarecimento, percebemos que para analisarmos e detectarmos os motivos pelo quais as mulheres se tornaram maioria em algumas atividades, devemos conhecer e estudar igualmente os homens para sabermos as causas que fizeram com que estes fossem desviados das mesmas; bem como, as relações entre os gêneros.

Para Scott (1995), gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão Inter-relacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados como: um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e uma forma primária de dar significado às relações de poder. Como um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas, o gênero implica em quatro elementos inter-relacionais.

Primeiro, os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas - Eva e Maria como símbolos da mulher, na tradição cristã ocidental. Em segundo, conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos, que tentam limitar e conter suas possibilidades metafóricas, expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas. Em terceiro está o desafio de novas pesquisas históricas para explodir essa visão de fixidez, em descobrir a natureza do debate ou da repressão que leva à aparência de uma permanência intemporal nas representações binárias do gênero. Por último, a identidade subjetiva, para examinar as formas pelas quais as identidades generificadas são substantivamente construídas e relacionar seus achados com atividades, de organizações e representações sociais historicamente específicas (SCOTT, 1995).

A partir desses apontamentos, a batalha para a desrotulação do corpo deve seguir seu curso e, para isso, precisamos respeitar o ser humano pela amplitude e magnitude da sua história de vida, permitindo nessa aventura, revelar o seu eu. Um nascimento é suficiente para definirmos os órgãos sexuais, mas não garante a vida que teremos. Devemos nos conhecer por inteiro e gritar pela independência de gestos, valores e atitudes.

Por isso, ao escrevermos uma definição ou um conceito sobre gênero, principalmente na língua portuguesa, o significado das palavras reflete a cultura do povo que a nomeia de acordo com o que considera provável ou desejável.

Infelizmente, os significados das culturas dominantes acabam prevalecendo e sendo utilizadas, muitas vezes de forma equivocada, pelo processo cultural das populações dominadas. Quem possui o maior poder impõem o modelo e os outros e as outras, inquietados, seguem igual, sem comunicar o seu perfil (GUEDES, 1995).

Além, dessas variações possíveis de acordo com as regiões, crenças e valores para definirmos gênero, devemos observar que o mesmo pode acontecer com classe e raça. Assim, comumente, há diferenças entre classe, raça e gênero. Perante Scott (1995) os três assuntos não têm um estudo equivalente. Enquanto a categoria classe tem seu fundamento na elaborada teoria de Marx sobre a determinação econômica e a mudança histórica, raça e gênero não carregam associações semelhantes. É verdade que não existe nenhuma unanimidade entre quem utiliza o conceito de classe.

Entretanto, quando invocamos a classe trabalhamos com ou contra uma série de definições que, no caso do marxismo, implicam uma idéia de causalidade econômica e uma visão do caminho ao longo do qual a história avançou dialeticamente. Não existe nenhuma evidência ou coerência deste tipo para as categorias de raça e gênero. No caso de gênero, seu uso implicou numa gama tanto de posições teóricas quanto de simples referências descritiva às relações entre os sexos (SCOTT, 1995).

Ao aprofundarmos nosso estudo sobre as relações de gêneros que envolveram e ainda envolvem a nossa sociedade, no caso, as relações entre os homens e as mulheres, que ao serem observadas, podem refletir os motivos de algumas atividades serem diferenciadas por sexo. Pois, o homem está diretamente ligado à mulher e a mulher ao homem, por essa razão, precisamos estudar todas as relações existentes entre ambos.

O GÊNERO não tem só a ver com o masculino e o feminino, mas com os elementos que intervêm nessas relações, elementos que supõem o sexo biológico, mas que vão além. Neste sentido, falar a partir do GÊNERO quer dizer, entre outras coisas, falar a partir de um modo particular de ser no mundo, fundado, de um lado, no caráter biológico de nosso ser, e, de outro lado, num caráter que vai além do biológico porque é justamente um fato de cultura, de história, de sociedade, de ideologia e de religião. Neste sentido, falar de GÊNERO é também falar no plural, tendo em vista a diversidade de nossas culturas e situações. Da mesma forma, falar de GÊNERO é afirmar a pluralidade do humano (GEBARA, 2000, p.107).

Discernirmos e assumirmos as diferenças é indispensável e necessário. Diferenças essas presentes não só entre os sexos mas, em cada ser humano, com suas características, personalidades e identidades. Por sua vez, as desigualdades e discriminações não deveriam ser mantidas. Por essa razão, os estudos sobre gênero não podem cessar, o muro do preconceito precisa ser derrubado para enxergarmos as novas e possíveis trajetórias, os muros escondidos do outro lado e a sucessão de novos muros.

Para tanto, Scott (1995) esclarece que não dá para estudar os homens separados das mulheres, principalmente quando tentamos buscar a igualdade entre os seres humanos.

O termo 'gênero', além de um substituto para o termo mulher, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino. Esse uso rejeita a validade interpretativa da idéia de esferas separadas e sustentada que estudar as mulheres de maneira isolada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tenha muito pouco ou nada a ver com o outro sexo (SCOTT, 1995, p.75).

Respeitando esse levantamento, colocamos em questão o cuidado para não vivermos procurando um conceito fechado e estático. Apropriando-nos das palavras de Santin (1992), a corporeidade deve ser mais vivida que estudada e conceituada; ela deve transcender os pensamentos do ser humano na busca do entendimento do seu eu.

Da mesma forma, a exatidão no discurso sobre gênero reduziria os relacionamentos, as experiências, os problemas, as dúvidas que movem a humanidade incessantemente por respostas novas. Embora para Scott (1995, p.75) o termo gênero deve ser utilizado para designar as relações sociais entre os sexos,

Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar a luz e de que os homens têm uma força superior. Em vez disso, o termo 'gênero' torna-se uma forma de identificar 'construções culturais' – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. (...) gênero é uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (...) tornou-se uma

palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens.

Assim, gênero é muito mais do que simplesmente as diferenças corporais. Todas as relações vividas entre os homens e as mulheres devem ser analisadas para discutirmos sobre as questões de gênero. Gebara (2000) reforça esse raciocínio, argumentando sobre a necessidade do ser humano querer separar o biológico das outras ações que complementam a sua corporeidade:

O biológico humano é um biológico cultural, um biológico que não existe independentemente da nossa realidade social, comunitária e da alteridade vivida por cada pessoa. Não há meio de isolar o biológico humano e de exprimi-lo como um fato independente do conjunto da realidade humana (GEBARA, 2000, p.107).

Como o homem pode ser considerado homem por que tem a genitália classificada biologicamente como masculina, sem analisar todas as suas experiências e realizações? O mesmo perguntamos para as mulheres, são catalogadas femininas por que nasceram com vagina? Scott (1995, p.76) esclarece:

Ainda que os/as pesquisadores/as reconheçam a conexão entre sexo e aquilo que os/as sociólogos/as da família chamaram de 'papéis sexuais', esses/as pesquisadores/as não postulam um vínculo simples ou direto entre os dois. O uso de 'gênero' enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente pelo sexo, nem determina a sexualidade.

Para atingirmos esta compreensão precisamos anteriormente superar os nossos próprios preconceitos. A partir do trecho da poesia "Dizes-me: tu és mais alguma coisa", de Fernando Pessoa (2005, p.153), em que ampliamos nossas visões, notamos que a discriminação não é carga só do Brasil e dos países em desenvolvimento, mas de quase todo o mundo. O desrespeito às diferenças é notória para muitos:

Sim: há diferença.
 Mas, não é a diferença que encontras;
 Por que ter consciência não me obriga a ter teorias sobre as cousas:
 Só me obriga a ser consciente.
 Se sou mais que uma pedra ou uma planta? Não sei.
 Sou diferente. Não sei o que é mais ou menos.
 Ter consciência é mais que ter cor?
 Pode ser e pode não ser.
 Sei que é diferente apenas.
 Ninguém pode provar que é mais que só diferente.

De acordo com o poeta português, ter consciência não basta para cessar as repressões, é preciso mais, é preciso transformar as ações dos seres humanos. Os investimentos em ações educativas de conscientização sobre o racismo, o machismo e tantos outros grupos maltratados e ofendidos pela sociedade são muito importantes, embora, insuficientes para extingui-los. Cada ser humano depende da sua reforma interior, que ao olhar para dentro de si, consiga detectar as suas atitudes e se empenhar para mudá-las, mesmo em um processo lento.

Mesmo sabendo que somos diferentes, muitos agem como se pela tonalidade da pele fosse possível definir o grau de valor, como se a miscigenação fosse fruto do pecado, como se refletir de outra forma impedisse de construir uma trajetória, como se uma prova resolvida garantisse inteligência para as atitudes de uma vida inteira. Por isso, focalizando o poder entre os sexos antes mesmo de chegar neste mundo, Gebara (2000, p.111) salienta: “A criança que nasce já encontra um modo cultural de ser esperada ou acolhida como menino ou menina. Há uma cultura no biológico e uma biologia na cultura, onde as oposições, os modos de ser e os valores já estão presentes”.

Antes mesmo de sair da barriga, os pais e as mães ficam curiosos para saber se terão um filho ou uma filha. Quantas vezes os avós e os padrinhos querem descobrir o sexo do bebê para comprar os presentes. Quando o médico detecta a genitália feminina, certamente, bonecas, babados e vestidos cor-de-rosa decorarão o quarto da menina, caso contrário, o pai e os avós brigarão para comprar a camisa do time de futebol preferido, sem contar as bolas, os carrinhos e os caminhões. Passam a subjugar o outro, independente de quem seja, afastando as manifestações espontâneas.

Esse entendimento de gênero deve ser estendido para os esportes? Uma vez que, são identificados pelos estilos corporais, de forma que, usualmente, os negros são encaminhados para atividades velocistas, os brancos para atividades aquáticas, os pequenos para atividades de força, os homens para o Futebol e as mulheres para o Nado-Sincronizado ou a Ginástica Rítmica; os últimos, talvez, por explorarem mais graça e leveza.

Cada um é conduzido a um espaço e um aprendizado culturalmente especificado para o seu sexo biológico, ou seja, as meninas executam os primeiros passos com meias finas e sapatilhas e os meninos usando meiões e chuteiras. Essas manifestações cultivadas tradicionalmente, de geração para geração,

constroem corpos que se expressam diferentemente numa hierarquia de poder, muitas vezes, conferindo ao homem uma pseudo superioridade em relação à mulher.

Dessa forma, cada pesquisa, cada estudo, cada ensinamento, discussão ou palavra que provoque a consciência da igualdade e da liberdade devem ser valorizados, mesmo com gotas de mudança dentro de um oceano de repressão. Não existe um caminho certo para seguirmos, pois as relações de gênero podem ser um dos caminhos para construirmos valores de igualdade a partir desse contexto atual da humanidade.

1.2 Gênero e História

Entre os séculos XVI e XVIII o corpo feminino era visto, tanto por pregadores da Igreja Católica, quanto por médicos, como um palco nebuloso e obscuro no qual Deus e Diabo se digladiavam. Qualquer doença que atacasse uma mulher era interpretada como um indício da ira celestial contra pecados cometidos ou era diagnosticada como sinal demoníaco. Esse imaginário que tornava o corpo um extrato do céu e do inferno, constituía um saber que orientava a medicina e supria, provisoriamente, as lacunas de seus conhecimentos (PRIORE, 2000).

Nessa época, apesar dos estudos existentes, o conhecimento da medicina era restrito e muitas doenças eram desconhecidas, sendo difícil encontrar tratamentos e medicamentos adequados para cada enfermidade. Assim, com a ascensão do catolicismo, seus pensamentos pregados para a sociedade deveriam ser seguidos; a moral e as atitudes das pessoas que contrariavam a igreja serviam de motivo para adquirir determinada doença como um castigo.

Com um conhecimento tão limitado a mulher se transformava num território peculiar e secreto. O esforço da medicina em estudar o útero era proporcional ao mistério que a mulher representava como receptáculo de um depósito sagrado, que precisava frutificar. Tal mistério era refutado por uma crença geral: a fêmea não devia ser mais do que terra fértil a ser fecundada pelo macho (PRIORE, 2000).

O aparelho reprodutor feminino era o que mais a medicina desejava conhecer. As condições precárias para análises e estudos provocavam inúmeras idéias no pensamento dos médicos que, com o interesse em descobrir e comprovar o desconhecido corpo feminino que se diferenciava do masculino, tiravam suas próprias conclusões e criavam definições inteligíveis para a época. Mesmo porque,

não havia distinção entre as dores sentimentais e as dores físicas que, somadas, representavam as forças do sagrado.

A mulher melancólica, por exemplo, aos olhos dos médicos era alguém que sofria de um incêndio acompanhado do medo e da tristeza. Os doutores associavam tais sentimentos à cor negra do humor melancólico, obscurecido pelos vapores exalados do sangue menstrual, causador de alucinações (PRIORE, 2000).

Dessa forma, o desconhecimento anatômico-fisiológico e os simbolismos sobre o corpo feminino abriram espaço para que a ciência médica construísse um saber masculino e um discurso de desconfiança em relação à mulher. Para tanto, a concepção e a gravidez eram remédios para todos os achaques femininos e, nesse caso, o homem ocupava um lugar essencial, pois, dele dependia a procriação e, conseqüentemente, a saúde da mulher (PRIORE, 2000).

Temos, então, que a mulher era direcionada para engravidar, pois, geralmente acreditavam, que quanto mais procriasse mais saudável estaria; um conceito de saúde que submetia à mulher à condição de gestante, sem valorizar nenhuma outra qualidade que pudesse desviá-la desse curso. Todavia, os anos se passaram, mas quais são as representações do corpo feminino na atual sociedade?

Com o passar dos anos, esse olhar médico e religioso sobre a mulher, foi diminuindo aos poucos, chegando ao século XIX com uma nova realidade, apesar dos atos de poder e submissão ainda serem presenciados nessa época. Nesse século, o corpo da mulher não era tão desconhecido como nos séculos anteriores. Elas tinham permissão para trabalhar em alguns setores, a despeito do preconceito e de muitas injustiças terem acontecido, as quais julgamos necessário mencionar.

No século XIX, havia um grande número de mulheres trabalhando nas indústrias de fiação e tecelagem, que possuíam escassa mecanização; elas estavam ausentes de setores como a metalurgia, calçados e mobiliário, ocupados pelos homens. De 1912 a 1919 as mulheres eram maioria nos estabelecimentos fabris, tanto no Estado de São Paulo como no Distrito Federal. Além desse ramo, muitas eram costureiras e contemplavam o orçamento doméstico trabalhando em casa, às vezes até 18 horas por dia, para algumas fábricas de chapéu ou alfaiataria. Para os industriais, era um negócio bastante lucrativo, porque deixavam de pagar impostos e, ainda discretamente, exploravam uma força de trabalho cuja capacidade de resistência era considerada baixa (RAGO, 2000).

Atualmente, esses dados ainda são verdadeiros? As mulheres continuam sendo maioria nas fábricas? Possuem uma carga horária de trabalho duplicada ou triplicada, enquanto chefes e proprietários lucram? As mulheres ainda apresentam pouca resistência, contra as injustiças sociais?

Apesar do elevado número de trabalhadoras nos primeiros estabelecimentos fabris brasileiros, as mulheres vão sendo progressivamente expulsas das fábricas, na medida em que avançam a industrialização e a incorporação da força de trabalho masculina. Existiam muitos obstáculos contra o trabalho da mulher fora de casa. Os pais desejavam que suas filhas encontrassem um bom partido para casar e, com isso, ter o seu futuro assegurado. Os homens se valiam, procurando preservar seu espaço na esfera pública, de desqualificar o trabalho feminino. Sem considerar, que não existia uma legislação que pudesse proteger o trabalho feminino; assim, as reclamações das operárias contra as péssimas condições de trabalho, a falta de higiene nas fábricas, o controle disciplinar e o abuso por assédio sexual encontravam espaço na imprensa operária (RAGO, 2000).

Freqüentemente, as mulheres que trabalhavam nas fábricas, além de serem discriminadas pela sociedade, por acreditarem que estavam abandonando seus lares, eram submetidas há precárias condições de trabalho sem receber nenhum direito trabalhista. Na presente ocasião, ainda existem mulheres proibidas de trabalhar fora do lar? E quando trabalham são discriminadas, por isso? São culpadas por se afastarem dos filhos e das filhas para trabalhar? Diante de tanta opressão contra a mulher que desejava trabalhar e lutar por iguais oportunidades em relação ao homem, se viu surgir no início do século XX, alguns grupos feministas que apresentavam objetivos diferenciados.

No Brasil as feministas liberais defendiam um feminismo moderado, incluíam o trabalho fora do lar, a educação profissional da mulher, seu acesso a todos os campos da cultura e o direito ao voto. Porém, reafirmavam o valor e a importância da preservação da família. Por outro lado, as anarquistas procuravam mostrar como a questão da emancipação da mulher poderia ser encaminhada e resolvida por intermédio da resolução social mais ampla, que daria origem a um mundo fundado na igualdade, na justiça e na liberdade. Assim como as socialistas e as comunistas, as anarquistas consideravam a questão feminina secundária em relação ao conflito entre as classes sociais, cuja resolução acabaria com o problema da opressão sexual (RAGO, 2000).

Contrariamente às feministas liberais, as anarquistas não reivindicavam o direito de voto, por considerarem que nada adiantaria participar de um campo político profundamente atravessado pelas relações de poder, social e sexualmente hierarquizados. Recusavam a criar um partido político, considerando um meio inapropriado para os fins a que pretendiam chegar. De acordo com sua concepção, um partido reproduziria as mesmas relações hierárquicas e de poder que elas procuravam destruir no mundo burguês, e instauraria as mesmas formas da desigualdade que era criticada (RAGO, 2000).

Apesar dos pensamentos defendidos pelos grupos feministas apresentarem diferenças, algumas mulheres brasileiras acordaram para a necessidade de construir um país mais justo. Dessa forma, Rago (2000) afirma:

As relações entre homens e mulheres deveriam ser, portanto, radicalmente transformadas em todos os espaços de sociabilidade. Num mundo em que mulheres e homens desfrutassem de condições de igualdade, as mulheres teriam novas oportunidades não só de trabalho, mas de participação na vida social. A condição feminina, o trabalho da mulher fora do lar, o casamento, a família e a educação seriam pensados e praticados de uma maneira renovada (RAGO, 2000, p.597).

Contudo, estas palavras estão além da realidade vivida e presenciada no início do século XX, no qual algumas pessoas realizaram manifestos e provocaram acontecimentos dolorosos. Os documentos policiais e as circulares dos industriais continham as assustadoras listas dos indesejáveis e dos jovens agitadores que deveriam ser afastados não apenas das fábricas, mas de todo o ramo industrial em que trabalhavam. Entre esses, estava um grande número de moças, responsáveis por atos de ação direta, tais como: sabotagem, boicote, quebra de equipamentos, roubos e greves, como defendiam os libertários (RAGO, 2000).

A partir desse retrato, evidenciamos a vida de algumas mulheres. Aquelas que saíam dos lares para trabalhar; aquelas que se dirigiam ao encontro de reuniões e manifestos pela igualdade e justiça social; aquelas que conheciam os grupos feministas e as suas ações, mas não conseguiam se aliar a eles; e mesmo aquelas menos esclarecidas ou que moravam distantes da cidade que desconheciam os acontecimentos feministas fizeram parte de um contexto historicamente vivido e que foi de suma importância para a época.

Além dos grupos feministas e das suas atuações, outro relato se faz necessário para este estudo, na história da educação do Brasil rumo ao século XX:

quando havia escolas, certamente em maior número, para os meninos, mas também para meninas; escolas mantidas por leigos; professores para as classes de meninos e professoras para as classes de meninas. Ser professor ou professora significava ter que exibir uma moral inatacável, uma casa com ambiente decente e saudável, uma vez que as famílias lhes confiavam seus filhos e filhas. Algumas tarefas eram para ambos os sexos, como os primeiros ensinamentos, ler, escrever, contar, saber as quatro operações e a doutrina cristã. Logo algumas distinções apareciam como, as noções de geometria para meninos e o bordado e a costura para as meninas (LOURO, 2000).

Notamos, assim, que havia distinções evidentes entre o ensino escolar desenvolvido para os homens e para as mulheres. Quais as diferenças que existiam entre os gêneros que resultavam em diferentes aprendizagens? Por que meninas bordavam e não podiam aprender geometria? Nos dias contemporâneos há atividades direcionadas para as meninas e outras para os meninos?

Evidentemente, além das diferentes atividades escolares encontradas entre os sexos, no final do século XIX e início do século XX, as divisões de classe, etnia e raça tiveram um papel importante na determinação das formas de educação utilizadas para transformar as crianças em homens e mulheres. As divisões religiosas, também implicavam em diversidades nas proposições educacionais. Para muitos, a educação feminina não poderia ser concebida sem uma sólida formação cristã, sendo que a referência para a sociedade da época era o catolicismo. As missas, novenas e procissões representavam uma das poucas formas de lazer para as jovens (LOURO, 2000).

A igreja, principalmente a católica, durante séculos caminhou junto com a história do povo brasileiro. Muitas crenças foram estabelecidas e influenciaram os pensamentos da população. Atualmente, o poder do catolicismo permanece no domínio da sociedade ou existem outras formas de poder e opressão?

O sistema de ensino brasileiro atual, de modo geral, apresenta péssimas condições, principalmente as escolas pertencentes aos órgãos públicos municipais, estaduais e até federais. Vemos prédios escolares depredados; violência dentro e fora das escolas; analfabetos encerrando o ensino médio; classes saturadas de alunos e alunas; classes evasivas; entre outros problemas. Contudo, será que há diferença de ensino para as diferentes classes, raças e/ou etnias?

O abandono da educação na província brasileira, denunciado desde o início do Império, estava vinculado à falta de mestres e mestras com boa formação. Reclamavam, então, por escolas de preparação de professoras e professores. Em meados do século XIX, em algumas cidades do país, foram criadas as primeiras escolas normais para formação de docentes. Tais instituições foram abertas para ambos os sexos, embora o regulamento estabelecesse que moças e rapazes estudassem em classes separadas, turnos ou escolas diferentes. A atividade docente no Brasil foi iniciada por homens religiosos, especialmente jesuítas, no entanto, as mulheres eram necessárias passando mais tarde a reger as aulas (LOURO, 2000).

De acordo com este retrato do passado, os homens detinham o poder sobre as mulheres e desejavam vê-las em seus lares cuidando das crianças, porém, as escolas construídas para formarem docentes, com o objetivo de melhorar a educação brasileira, apesar das regras e restrições, recebiam alunos e alunas. Com isso, chegou o momento em que os homens, mesmo contrariados, tiveram que dar espaço para as mulheres também serem professoras. Mas, o que aconteceu ao longo do tempo para as mulheres terem se transformado em maioria no magistério?

Em algumas províncias e regiões do Brasil, e até em outros países, no final do século XIX, os homens começaram a abandonar o magistério quando encontraram novas oportunidades de trabalho com a urbanização e a industrialização. Com isso, as mulheres se tornaram maioria nas escolas com o objetivo de serem professoras; os diretores/coordenadores perceberam que, em geral, estas freqüentavam com mais aproveitamento o curso e tinham talento para a profissão (LOURO, 2000).

Esse processo acontecia sob críticas; a identificação da mulher com a atividade docente era alvo de discussões, disputas e polêmicas. Para alguns parecia uma insensatez entregar a educação das crianças às mulheres, usualmente desprezadas, portadoras de cérebros pouco desenvolvidos pelo seu desuso. Outras vezes surgiram na direção oposta, afirmando que as mulheres tinham uma inclinação para o trato com as crianças. Se o destino natural da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava a extensão da maternidade, sendo uma atividade de amor, de entrega e doação. Esse discurso justificava a saída dos homens das salas de aula (LOURO, 2000).

Se o aumento de mulheres e a diminuição dos homens no magistério permanecessem, quem iria dar aulas para os meninos, sendo as professoras proibidas dessa tarefa? Os homens permitiram que as professoras assumissem esse seu trabalho, tendo contato com as crianças do sexo masculino?

As mulheres eram a maioria nas salas de aula e, muitas escolas, eram mantidas por religiosas, nas quais as mães eram as superiores. Nas escolas públicas, os homens detiveram por longo tempo as funções de diretores e inspetores. Além disso, as professoras eram associadas à imagem de mulher pouco graciosa, solteira, retraída, séria, severa e, de óculos. Nessa época, o toque no corpo do aluno ou aluna era proibido (LOURO, 2000).

Por que essas características foram atribuídas para as mulheres professoras? Eram impedidas de expressarem sentimentos, como amor e bondade aos alunos e as alunas? As docentes, até então são vistas com as características do passado, sérias e severas?

A professora retraída, criada pelo magistério, rompeu essa identidade quando, em meados do século XX, constituiu os sindicatos docentes; por meio deles, muitas mulheres professoras se tornaram militantes e, algumas, líderes sindicais. Como forma de aumentar seu poder organizativo e de negociação, várias entidades passaram a congregar não apenas o professorado do 1º grau, mas também o de 2º grau, no qual a presença masculina mostra-se numericamente mais equilibrada com a feminina (LOURO, 2000).

Contudo, com a expansão de algumas mulheres para o mercado, talvez tenha se criado uma tripla jornada de trabalho, ou seja, fora de casa, dentro de casa e cuidar das crianças. Dessa forma, as mulheres estão, sobrecarregadas de tarefas o que as leva a substituir as horas de lazer por trabalho, mesmo que, segundo Almeida (1998), na década de 1970, devido a um magistério primordialmente feminino, tenham conquistado direitos como: jornada de trabalho compatível, aumento dos salários, aposentadoria aos 25 anos de serviço, licença maternidade e saúde, e outros benefícios. Mesmo com a baixa remuneração a profissão permaneceu.

Por outro lado, enfatizamos algumas questões: como era a vida da mulher e como ela está hoje? Como era a vida do homem, será que mudou? Como eram, em geral, os relacionamentos entre os homens e as mulheres, continuam da mesma forma? No trecho da música “Cotidiano” de Chico Buarque de Holanda (1993),

relata-se a vida rotineira de um casal com sabor de alegria para os comportamentos da época. Uma composição feita há anos que, sem a intenção de inferiorizar a mulher, mostra verdades que prevalecem até hoje:

Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã

Todo dia ela diz que é pra eu me cuidar
E essas coisas que diz toda mulher
Diz que está me esperando pro jantar
E me beija com a boca de café

Palavras essas que, somadas a repetitivas notas musicais, exprimem um ritmo constante caracterizando sonoramente o cotidiano. Observando estas frases, que unidas formam uma história cantada, ficamos a imaginar como seria a vida de uma mulher com hálito de café; incumbida de coá-lo e experimentá-lo para saber se está gostoso para o marido não reclamar; com mãos capazes de pilotar um fogão e decorar a receita preferida sem ter motivos de decepcioná-lo; com braços ágeis para passar a camisa que usará amanhã quando tiver reunião política podendo exibir sua mulher.

As mulheres que se dedicam, comumente, apenas às tarefas domésticas são pouco informadas e transferem para o âmbito de suas casas as ansiedades e insatisfações vividas pelos homens no trabalho e na vida social. Assim, na maioria das vezes, as mulheres carregam nos ombros um pesado fardo de obrigações, ficando grande parte sem horários livres, nem mesmo nos finais de semana, ou nos períodos de férias. Já àquelas mulheres que trabalham fora estão expostas aos mesmos efeitos negativos que os homens sofrem do trabalho moderno, ou seja, além, da pressão sócio-cultural no ambiente profissional, as mulheres cumprem novos expedientes, assumindo, via de regra, a totalidade das tarefas do lar (MARCELLINO, 2000).

Privadas das questões políticas e educacionais deveriam, de acordo com o posicionamento da época, ficar restritas ao espaço do lar. Assim, acompanhavam o crescimento das crianças conhecendo-as fielmente. Hoje, além das aberturas do feminismo temos um avanço nas opiniões da sociedade masculina, provocando uma disputa no campo de trabalho entre os homens e as mulheres. Segundo Marcellino (2000, p.35),

Os movimentos das mulheres, nos dias atuais, não podem mais concentrar todas as suas forças na luta pela conquista da igualdade no campo do trabalho – da profissão. Há um longo caminho a ser percorrido com relação às obrigações e ao tempo do lazer, até mesmo para vivê-lo a dois, mas é fundamental que essa vivência signifique escolha conjunta do que, como e onde fazer, e não apenas submissão ou concessão.

Além, da substituição do lazer o trabalho diminuiu o tempo da mãe e do pai ficar com o filho ou filha e esses podem estar respondendo pelas conseqüências. Atualmente, ambos podem estar longe, mas, torcemos para que voltem enquanto a infância está viva para o sonho continuar. Isso pode ser o início do reflexo da independência feminina ou masculina?

Contudo, declarar esse apontamento como único e acabado pode ser um equívoco, pois a quantidade de tempo ao lado do filho não garante a qualidade dessa presença e a recíproca é verdadeira. Assim questionamos: essa situação é positiva ou negativa? Os filhos e as filhas ganharam ou perderam autonomia e educação? As crianças estão passando mais horas na escola, no clube, na academia, no inglês e outros lugares fora do lar ou com atividades particulares dentro do lar? Assim, precisamos estar atentos, pois as formas e os meios de convivência garantem os seres humanos que seremos.

Segundo Tojal (2004), os valores morais são expressos e adquirem um caráter normal para as pessoas, pela força dos usos e costumes. Nesse universo social, pode-se encontrar, nas diferentes camadas que a compõem, quem vive e convive, sem qualquer questionamento, sobre as razões que levam ao acontecimento dos fatos, dando a mais exata sensação de que aceitam as situações e condições, sem qualquer discussão sobre: valores, princípios, condutas, crenças, costumes e outros fatores. Em geral, vivem dentro de um determinado padrão de senso comum, e estão preocupados em copiar aquilo que as rodeia, procurando manter uma personalidade social conformada ao meio.

Essa situação representa uma parcela da sociedade sem poder de mudança e alienada pelas imposições superiores. Algumas mulheres foram e continuam sendo submetidas a estas condições e, quase sempre, afastadas da vida social pela superioridade masculina. Nos presentes dias, algumas mulheres vêm se igualando aos homens ao expor suas vontades e lutar pelos seus ideais, apesar de muitas, continuarem cuidando dos lares, dos filhos e das filhas.

Essas são algumas das nossas inquietações; tendo como referencial o esporte, em especial a Ginástica Rítmica. Apesar de anos terem se passado, será que estamos distantes dessa realidade? Embora, não devemos afirmar o passado sem conhecê-lo, ou afirmar o presente sem conhecermos o passado; um acontecimento está diretamente ligado ao outro.

Tradições como essas, enraizadas culturalmente, são difíceis de serem arrancadas e provocam os tropeços durante o caminho para uma outra realidade. A compreensão e o respeito às diferenças é um destes valores pertinentes e compete ao professor ou professora desencadeá-lo na escola, expandindo para a comunidade escolar e assim sucessivamente.

Por isso, além de conhecedores do passado, para delimitarmos a ocasião presente, necessitamos do desprendimento das atitudes arcaicas para nos permitir discernir o novo e, então, rasgar o envoltório que nos aprisiona. Precisamos da libertação dos acontecimentos vividos para vivermos a mudança dos fatos.

1.3 Gênero e Educação Física

Assim, temos a necessidade de visualizar a complexidade do mundo, no qual as coisas interagem constantemente dependendo uns dos outros, nos remetendo a pensar na dificuldade em analisar uma pessoa sem enxergar ao seu redor, em ver só a mulher prisioneira desse sistema, em ter isoladamente a Educação Física correndo o risco de extinção caso não busque alternativas.

No nosso caso, vimos a necessidade de penetrarmos no ponto principal da pesquisa, sem perdermos de vista outras pesquisas, uma vez que, não damos conta de resolver os problemas do planeta, nem de um país como o Brasil, ou seja, está em nossa meta que o abraço não seja maior que a distância que nossos braços nos permitem alcançar.

Os problemas sistêmicos estão interligados e não podem ser entendidos isoladamente. Talvez assim, uma série de problemas globais que danificam a biosfera e o ser humano possam diminuir com mudanças paradigmáticas de percepções, pensamentos e valores (CAPRA, 2001). Ter discernimento em detectar as questões que cabem ao outro é importante, mas a construção de caminhos para haver o cruzamento dessas informações são fundamentais na implantação da transdisciplinaridade. O docente e a docente não pode esquecer que o seu principal

foco é o aluno e a aluna e deve estar preocupado em garantir a qualidade desse aprendizado.

Um esforço é necessário para entendermos, não só o homem ou a mulher, não só o corpo ou o espírito, mas a complexidade do ser humano (MORIN, 1990). A partir do momento em que algo é dividido, inicia-se a competição pela supremacia, sobrevivendo quem permanecer por mais tempo no poder. Os homens concorrem entre si; com as mulheres que assumiram o mercado de trabalho; com inimigos e até amigos; com conhecidos e desconhecidos; enfim, competimos entre gêneros, classes, raças, etnias, pesquisas, ciências e com inúmeras maneiras de comparação. Assim, nesse mundo globalizado e competitivo, retardatários estão prestes a serem esmagados pela máquina compressora manipulada pelos poderosos, obrigando a massa a entrar no ciclo das vitórias e derrotas.

Citarmos os conflitos entre a mulher e o homem aceitando suas individualidades ou diferenças, não basta. O esporte também recebe separações, iniciando pelo próprio sexo, quando geralmente meninos praticam canoagem e meninas dançam. Na perspectiva do desenvolvimento encontramos, freqüentemente, as pedagogias dos esportes, aprendizagens esportivas, escolinhas de esporte, desportos de base, esportes cooperativos e outros que para os olhos embaçados de uma parcela da sociedade, se opõem aos treinamentos, rendimentos, esportes de elite, esportes de competição, alto-nível de desempenho e demais nomes.

Como se para aprender, não precisasse repetir a mesma coisa várias vezes; como, se atleta, só repetisse e não aprendesse mais; como se a criança, por ser aprendiz, não estivesse no seu alto-rendimento em busca da sua auto-superação; como se a cooperação, não fizesse parte de uma equipe e na escola ninguém competisse. De acordo com Morin (1990) as divisões tentam isolar as partes que compõem um todo. Cada parte vai se dividindo em mais partes e se reduzindo a nada, sendo que, uma depende inteiramente da outra.

Como um atleta ou uma atleta treina sem aprender? Como uma criança pode aprender sem treinar? Valores infiltraram as paredes do esporte e da Educação Física e mesmo com tantas alterações algumas questões parecem estáticas. Fica difícil só dividir, sendo imprescindível a partida para o processo inverso, ou seja, a união entre os seres humanos com o seu próprio corpo e com os objetos ao redor. Porém, a atitude mais comum é separar os homens das mulheres,

os menores dos maiores, os membros inferiores dos superiores, a cabeça do coração, o pobre do rico e assim por diante.

A partir das observações de Tubino (1992) há divisões no esporte desde os Jogos Olímpicos da Antiga Grécia quando a mulher era proibida até de assistir as competições. Mais tarde, contrariando as idéias do Barão de Coubertin, surgiram as modalidades de participação somente feminina, como a Ginástica Rítmica, o Nado Sincronizado entre outras.

Por isso, acreditamos que as pessoas podem e devem receber diferentes estímulos, aprender outros movimentos e escolher qual ou quais esportes quer praticar. Da mesma forma, nós os e as profissionais de Educação Física, e qualquer profissional com a finalidade de educar, devemos receber conhecimentos e ter consciência para permitirmos ao aluno ou à aluna uma ampla vivência para priorizar um ou alguns esportes e/ou atividades corporais.

Essa modificação, realizada no final do século XIX e início do século XX com o surgimento dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, foi importante para a história, sendo reconhecida até hoje. Entretanto, as estatísticas das últimas olimpíadas apresentadas por Carvalho e Gaio (2006, p.25) revelam que a participação das mulheres aumentou:

Observamos que está havendo um aumento no número de nações na participação dos Jogos Olímpicos. Destaque para o aumento exponencial da participação feminina nos jogos da última década, que aumentou em mais de 50% o número de mulheres de Barcelona (1992) para Sidney (2000), enquanto os homens praticamente permaneceram quantitativamente estáveis em tal período, o que acarretou na elevação do total de atletas na competição.

O aumento da quantidade de mulheres nos Jogos Olímpicos não significa que estão presentes em todas as modalidades, e o mesmo acontece com os homens que, apesar de serem a maioria, não participam da Ginástica Rítmica, por exemplo. Por isso, mudanças para uma nova era olímpica são imprescindíveis para este século, uma vez que há esportes, até então, praticados competitivamente por atletas de um sexo.

Contudo, a responsabilidade está não só com o sexo masculino, mas também com o feminino e, igualmente, com quem possa intervir para conceder liberdade na expressão de novos movimentos, igualdade de escolha, competidores e competidoras com quaisquer características corporais. Nós, seres humanos,

aprenderemos a ser realmente humanos, com sensibilidade para oportunizar o esporte para todos os gêneros, considerando que o desenvolvimento corporal depende das inúmeras ações e movimentos experienciados?

Uma das características fundamentais do esporte moderno, surgido na Inglaterra foi a perspectiva única do rendimento. É evidente que a ação de Coubertin restaurando o Movimento Olímpico com os Jogos Olímpicos de Atenas, em 1896, veio a dar sentido a essas práticas esportivas e a outras surgidas ao longo do tempo. O remo e o atletismo eram as modalidades mais praticadas, embora o boxe, o golfe, o rúgbi e o futebol ganhassem espaço (TUBINO, 2000).

Além desses esportes citados, possivelmente, muitos outros apresentaram e ainda apresentam a característica do rendimento, principalmente, quando passam a integrar os Jogos Olímpicos sendo reconhecido como uma modalidade competitiva; sem tirar o seu valor e dos atletas praticantes.

Por volta de 1964, o esporte impregnado de política e ideologia provocou a intelectualidade internacional a reagir contra os excessos, para a vitória que degradava a ética esportiva, surgindo o movimento “Esporte para todos”. Esse cresceu em todo o mundo, democratizando as práticas e experiências esportivas, mostrando que era possível ocorrer competições com o sentido de reforçar a convivência humana. Assim, o que marca o esporte contemporâneo é a sua abrangência social e a sua dinâmica de desenvolvimento, que ocorre, inclusive, quando este fenômeno sócio cultural transcende o esporte de rendimento (TUBINO, 2000).

Apesar desse movimento “Esporte para todos” ter acontecido há algum tempo na história, notamos que muitas modalidades ainda são direcionadas para algumas pessoas, diferente de como era defendido pelos manifestantes. No caso da Ginástica Rítmica, os professores e as professoras destinam, em geral, a modalidade ao público feminino. Outros esportes também vivem esta mesma situação (Nado sincronizado, etc.); alguns são direcionados, em maioria, para o público masculino (Remo, Levantamento de Peso, etc.); existem aqueles que necessitam de recursos financeiros sendo praticados, em sua maior parte, por uma minoria elitizada (Tênis de campo, Esgrima); aqueles com predominância de brancos (Natação, Ginástica Artística); com predominância de negros (atletismo, salto em distância); e inúmeras características esportivas que selecionam os corpos

aproximadamente semelhantes, por demonstrarem teoricamente mais facilidade para praticarem determinadas modalidades.

Analisando os esportes, é comum existirem restrições para um sexo e abertura para o outro, podendo direcioná-lo com equívocos, ao partir de um referencial biológico e cultural. Com essa realidade dentro da formação profissional em Educação Física, enxergamos a sua importante influência nos ambientes de trabalho, nas famílias, nos relacionamentos com os amigos e as amigas, nas escolas, nos processos de aprendizagem e outros.

No esporte, habitualmente, meninos jogam futebol e meninas fazem ginásticas ou danças? Há uma cultura que reforça as diferenças na autonomia de cada corpo, definindo tarefas e gostos? Os docentes e as docentes podem trazer uma vivência cultural capaz de influenciar as aulas, podendo criar alunos e alunas com gestos e ritmos padronizados, enterrando, freqüentemente, as descobertas e os questionamentos? Nestas questões, Zuzzi (2005, p.25), adiciona uma reflexão.

A cultura influenciada por oposições binárias, tomou como base as diferenças biológicas para qualificar ou desqualificar os seres humanos do sexo masculino e os seres humanos do sexo feminino. A cultura ocidental afirma um padrão de corpo homem forte, racional e agressivo, por meio de uma sustentação de ordem biológica, assim como afirma para o corpo mulher o inverso, isto é, fragilidade, sensibilidade e emoção.

Dessa maneira, enquanto os docentes e as docentes do ensino superior não se atentarem para isso, dificilmente seus alunos e suas alunas serão profissionais diferentes. Por isso, vemos como necessário o entendimento do respeito e da compreensão das diferenças para se trabalhar com os gêneros.

Contudo, não dá para excluirmos o esporte de alto-nível de desempenho, para o qual, vários estudos estão sendo desenvolvidos, em busca da detecção de talentos tentando direcionar o melhor biotipo para cada modalidade esportiva. A forma seletiva que estes esportes estimulam, todavia, não precisa ser seguida por todos os e as profissionais e em todos os lugares, onde as atividades esportivas querem, por exemplo, propiciar o lazer, a iniciação sem um recurso pedagógico, entre outros possíveis atributos.

Quem sabe assim, com os esportes sendo direcionados para todos e todas, principalmente no processo de base, poderemos, futuramente, ver atletas com biótipos diferentes daqueles pré-estabelecidos para cada modalidade? Poderemos

ver meninos e meninas fazendo Ginástica Rítmica? Meninos e meninas “surfando”? Poderemos ver as pessoas escolhendo o esporte ou ainda teremos quem trabalha com o esporte escolhendo as pessoas?

Ao docente caberá a mais nobre das tarefas: apagar interesses e vocações pessoais, proporcionando aos praticantes a possibilidade de escolherem, num leque alargado, em liberdade consciente, as atividades integradas que, para além das conhecidas, incluíram as outras entretanto criadas (ROSÁRIO, 2000).

O professor e a professora devem ser sensibilizados para permitirem ao menino com dor, esvaziar suas lágrimas ao invés de inundá-lo de tristeza; à menina enraivecida, expor seus motivos em vez de morrer de amargura. Talvez assim, cada corpo possa ter o direito de redescobrir seu sentido de viver, a sua existencialidade, a sua corporeidade com passos para a libertação natural. Cada corpo deve buscar a auto-superação para a vida ser mais vivida, os sentidos mais sentidos, as danças mais dançadas e a ginástica mais praticada com harmonia, aberto às diferenças.

Mas, a escola e os inseridos nesse espaço são os únicos responsáveis pela dificuldade do ser humano atingir a autonomia e a liberdade de expressão?

Segundo Romero (1995), precisamos rever as práticas de socialização das crianças tanto na escola quanto no âmbito familiar. Uma sociedade estruturada em divisões entre classes e sexos será sempre injusta, separando a classe dominante da classe subalterna, o sexo feminino do sexo masculino. O resultado é a opressão de uns sobre os outros. Assim, precisamos analisar o papel sexista da escola, para entendermos porque a educação escolar está contribuindo para a manutenção de um corpo reprimido e o aprisionamento dos pensamentos.

A trilha para a autodescoberta, enquanto professores ou professoras e, primeiramente, como seres humanos, não está sendo bloqueada somente pela escola, já que muitos fatores externos impossibilitam as humanas relações de gênero. As ações promovidas pelas redes televisivas, por exemplo, e por outras formas de acesso a informação, influenciam nas atitudes dos seres humanos.

Um bebê quando nasce, geralmente, tem suas características definidas, há um interesse da mídia em reforçar o modelo masculino e feminino. Os pais e as mães, freqüentemente, reforçam no primogênito aquilo que disseram ter nascido, isto é, de menina ou menino. Isso aflora o prazer, na maioria das pessoas; induzidas desejam o produto igual do outro. O vício do consumo passa a ser alimentado por

essas e muitas outras ações ligadas à busca pela mercadoria, mesmo em um país subdesenvolvido com famílias sem remuneração para o leite da criança.

Dessa forma crescem aprendendo, de forma deturpada, o que significa ser homem e ser mulher em nossa sociedade e, com isso, são privadas de várias vivências consideradas como essenciais a ambos os gêneros. Receptivas ao aprendizado apreendem as informações fornecidas pelos pais e as mães que, muitas vezes, são rotulados pelo sistema e, às vezes, reproduzem-nas. A criança cresce e começa a ver suas possibilidades e, em geral, perde a coragem de expô-las.

Por outro lado, retomamos para mais uma das perspectivas desse estudo, no caso o esporte como meio de competição, no qual evidenciamos algumas diferenças estabelecidas pelos órgãos federativos que constroem as regras para realização dos eventos esportivos, separando por muitas vezes os sexos.

Segundo Zuzzi (2005) existem algumas normas que perpassam a cultura e são incorporadas pela sociedade como sendo o modelo ideal. Porém, pensar o esporte apenas como competitivo, distribuindo-o entre os sexos, reforça representações culturais construídas para cada gênero, como percebemos em algumas competições que são estritamente masculinas e outras femininas.

Além das crianças, muitos são os influenciados pela mídia, inclusive os praticantes de esportes e seus adeptos. Se antes o que era produzido deveria atender determinados padrões, atualmente deve ser fabricado segundo os critérios preponderantes da rentabilidade, da praticidade e do mercado de consumo. Sem dúvida, é pelos meios de comunicação de massa que se veiculam preconceitos com relação às minorias, os estereótipos, a imagem corporal idealizada. Os procedimentos que devem prevalecer no esporte, o que se precisa fazer para ter sucesso, exercem efetiva influência sobre o imaginário social, na medida em que se criam expectativas de ascensão social, que molda um comportamento passivo ou ativo do público (TEVES, 2000).

Notamos, assim, que a imagem corporal defendida pela mídia, pode ser mais uma das muitas formas de poder mencionadas neste estudo, que influenciam a opinião e a decisão da sociedade. Dessa forma, podemos considerar que a mídia expõe o que, provavelmente é mais rentável? Será que o esporte é rentável?

Por outro lado, Betti (1998, p.149) reforça que apesar dos problemas produzidos pelos meios de comunicação de massa devemos enquanto profissionais de Educação Física saber usá-los ao nosso favor,

A mídia exerce uma função de conhecimento sobre o esporte (...), embora como uma função complementar, porque a principal é a especulação. Não podemos nos esquecer da importância cognitiva que a imagem adquiriu nos nossos tempos, que pode contribuir para enriquecer a apreciação e a interpretação do telespectador. Precisamos entender que a mídia possibilita um conhecimento publicamente partilhado no campo da cultura corporal de movimento.

A partir desses apontamentos, precisamos lapidar as informações televisivas e audiovisuais, transportando para nossas vidas os ensinamentos que possam contribuir para uma formação educativa e cidadã. Apesar de Betti (1998, p.149) dizer que: “O esporte telespetáculo exige uma ampliação dos limites conceituais”.

Caso contrário, assistiremos sempre os mesmos esportes com deturpação dos conhecimentos. Diante desta realidade, não podemos condenar o docente e a docente por não ensinar, na maioria das vezes, a Ginástica Rítmica para o sexo masculino, sendo que a mídia em contraposição, geralmente reforça a escolha pelo futebol. Muito menos, impedir a influência negativa que a mídia pode depositar sobre os seus alunos e as suas alunas e demais pessoas em convívio.

Dessa forma, como seria o diálogo do docente ou da docente em Educação Física com o pai de um aluno que foi jogador de futebol, tentando explicar que seu filho escolheu praticar Ginástica Rítmica?

Isso só acontecerá quando o aluno conhecer a ginástica, a partir do ensino de quem atua com a Educação Física. Dependerá de um rico e variado repertório motor desenvolvido por docentes e praticado por discentes. Com a oportunidade de experimentar outros esportes o aluno ou a aluna pode ter mais facilidade para escolher aquele ou aqueles que demonstrem interesse. O aluno talvez possa expandir seus sentimentos inclusive para os pais e as mães. Mas, esses, antes de saber o desejo do filho, na maioria das vezes, decidem por ele a atividade que irá praticar e, possivelmente, escolherão o futebol.

Assim, não aceitam quando o filho declara querer fazer Ginástica Rítmica ou uma modalidade que não seja da sua vontade culpando o professor ou a professora de ensinar outras coisas, ao invés, do futebol. Nesse caso, é preciso coragem e competência, enquanto profissionais de Educação Física, para direcionarmos os

pais e as mães a compreenderem a necessidade de o filho praticar várias atividades para desenvolver o maior número de capacidades e habilidades corporais; que a sua afinidade com a modalidade deve ser respeitada para que tenha prazer; que a liberdade existe e os esportes podem e devem ser praticados por todos e todas e, principalmente, cada qual tem o seu livre-arbítrio, ou seja, o direito de escolher a atividade que gosta. Como cita Marcellino (2000), a criança não pode ser tratada como uma miniatura do adulto.

Quando a criança é treinada para repetir o adulto perde o direito de traçar a sua história. Embora, seja difícil perdermos aquilo que não temos, elas provavelmente estão deixando de ganhar. Ao entrar na escola a criança deve buscar no docente e na docente o estímulo para desenvolver a sua autonomia e a conhecer seus valores.

Ao fazermos a comparação da Ginástica Rítmica com o Futebol, não temos a intenção de desvalorizar esse esporte que conquistou sua popularidade sendo capaz de mobilizar e comover multidões. Mesmo porque, também somos amantes do futebol, que apresenta sua importância durante o desenvolvimento do ser humano, utilizando-o como exemplo para que um dia as ginásticas e outros esportes possam ser desejados tanto quanto ele, mas por meninos e meninas. Estamos lutando por direitos iguais entre os sexos e que assim seja também nos esportes; que as pessoas possam praticar Futebol assim como Ginástica Rítmica e outras modalidades ou atividades físicas.

Segundo Altmann (2002) de um modo geral as meninas tendem a se excluir do futebol, na medida em que ele é culturalmente marcado como um jogo para meninos; quando isso não acontece, elas são, então, excluídas. Os argumentos mais freqüentes dos meninos são: elas não sabem jogar, atrapalham o jogo, dão chutes para qualquer lado e caneladas. O jogo com a presença de meninas tende a ser interpretado, pelos próprios meninos, como um jogo que não é jogado “a valer”, no qual não podem se exercitar plenamente já que interessam apenas aos meninos.

A partir do momento em que as meninas praticam futebol são excluídas para fora da área de jogo pelos meninos, que julgam dominar esse esporte. Com o desejo de jogar, com quem eles acham que dominam mais, ou seja, somente o sexo masculino, colocam as meninas para escanteio. Essas acabam desistindo, pois muitas vezes o futebol é socialmente jogado só pelos meninos, mesmo que elas tenham interesse e/ou habilidade.

Com as praticantes da Ginástica Rítmica, possivelmente, pode acontecer a mesma reação. As meninas influenciadas pelo sistema cultural, em muitas situações, classificam os meninos como seres incapazes de realizar um acompanhamento musical, de ter flexibilidade, de colocar expressão nos movimentos, de manusear um aparelho, de apresentar uma coreografia, excluindo-os dessa modalidade. Com isso, os meninos acabam, por muitas vezes, desistindo de descobrir e gostar desse esporte.

Cada modalidade desportiva tematiza o corpo à sua maneira, isto é, estabelece com ele um relacionamento específico, ditado pelo código de regras e pela estrutura das exigências e dos rendimentos inerentes às ações. Nesse sentido, cada modalidade desportiva oferece um quadro muito próprio de circunstâncias propensas à configuração e à modelação de um determinado protótipo de corpo. Em cada uma delas emerge uma versão de corpo, concordante com os ditames de funcionalidade, economia, estética, ou de outros em causa. Em outras palavras o corpo do voleibolista é outro que não o do futebolista, do ginasta ou do maratonista, por exemplo. A lógica da função preside à construção corporal; é ela que orienta os esforços do construtor e certifica a garantia do modelo alcançado (grifo nosso, BENTO, 2006^a, p.155).

Ao observarmos quem atua com a Ginástica Rítmica, principalmente no alto-nível de desempenho, percebemos que a maioria não discorda desse contexto, uma vez que, as ginastas e os ginastas tentam atender, em geral, as regras e as exigências da modalidade. Será um esporte que necessita de bastante flexibilidade, no qual os corpos devem ser longelíneos aparentando amplitude nos movimentos? Como todo esporte de alto-nível de desempenho, seleciona os corpos talentosos e enquadra-os nas suas necessidades? De acordo com Sampaio (2006, p.67)

Os padrões rígidos de estética corporal tornam-se ora código de exclusão ora de inclusão social, provocando mortes reais e sociais cotidianamente. O corpo ativo passa a ter no espelho seu retrato aprovado ou reprovado. E seguimos 'brigando' com a bruxa da história da Branca de Neve e nem ao menos desconfiamos da 'maldade do espelho', o qual tinha um olhar sobre o Outro que condenava o corpo com base em uma beleza estética única e normativa. A beleza ou não revelada no espelho, pode dar-nos a dimensão de nós mesmos, isso se o olhar constituir-se em uma visada de si mesmo e não de um olhar-se como se o corpo fosse uma entidade outra (aquele que se tem e não se é).

Homens praticando Ginástica Rítmica, possivelmente, quebram o espelho ou paradigmas, ao ver aqueles que foram, culturalmente, ensinados para demonstrar a robustidade, apresentando uma coreografia com expressão dos sentimentos e fundo

musical? Por outro lado, as mulheres podem ser mais aceitas pelo espelho praticando Ginástica Rítmica? Esse esporte está destinado, na maioria das vezes, ao sexo feminino com predominância de professoras, técnicas, arbitras, atletas e outras, nas escolas, nos clubes, academias, em apresentações, torneios e campeonatos pelo Brasil?

Por isso, o professor ou a professora ao propor à turma atividades ritmadas, dançadas, com expressões e pontas de pé, observará que os meninos, domados pelo sistema, ficarão preocupados com a aparência rejeitando a aula. Sugerimos inserir esse trabalho nas séries iniciais, nas quais, a maioria dos aprendizes ainda não foram marcados pela padronização. Quando a turma passar de ano o docente e a docente poderão acompanhá-los com a didática conhecida para acrescentar novos saberes.

Comprovando essa proposta, resgatamos estudos realizados na educação infantil, durante as brincadeiras na escola, conduzidas pelo professor e pela professora de Educação Física, em que as crianças conseguem desprender da imitação do mundo adulto revelando seu verdadeiro ser. Nesse momento do brincar, não dão valor para estereótipos e comportamentos, agindo por prazer (FINCO, 2003).

Os pais e as mães inseridos na mesma sociedade seguem os regentes ou são os regentes do poder registrando a brincadeira como improdutiva, uma vez que, furta os horários de trabalho, estudo, etc. Aos poucos, as crianças são inseridas nesta sociedade, consideradas como seres inacabados, sem opinião e sentimentos. Acabam suprimindo seus filhos e filhas com atividades diárias investindo, às vezes, somente no seu futuro, com a seguinte preocupação: - o que meu filho ou filha vai ser quando crescer? Assim, apagam o presente, antecipando a vida do adulto para a vida da criança. Segundo Marcellino (2000, p.37):

[...] o brincar possibilita à criança a vivência da sua faixa etária, e ainda contribui de modo significativo, para sua formação como ser realmente humano, participante da sociedade em que vive, e não apenas como mero indivíduo requerido pelos padrões de 'produtividade social'.

Mas, numa sociedade regida por políticos, empresários e cientistas, o pensamento colorido da infância muitas vezes é ignorado. Por isso, a oportunidade de trazermos pesquisas que demandam a espontaneidade do ser humano mesmo

por alguns anos de vida e em alguns lugares permitidos, conduzindo-os para a compreensão de si do outro e da outra.

Assim, GAIO (2006) traz na sua pesquisa que os profissionais e as profissionais de Educação Física podem, pela dança estimular o discente e a discente, as pessoas, em geral, a visualizarem uma sociedade aberta às diferenças, na qual o respeito pelo próximo passa pela aceitação dos corpos, uma vez que somos diferentes. Essa reflexão pode ser transferida para a Ginástica Rítmica, atividade na qual também podemos estimular a busca pelo respeito às diferenças.

Contudo, aprofundando nosso olhar, é como se o tempo não tivesse passado. Fatos de épocas atrás talvez estejam vivos no presente, provocando a necessidade de serem investigados, principalmente, nas relações de gênero presente nos cursos de ensino superior em Educação Física durante as disciplinas de Ginástica Rítmica.

Sentimos então, a necessidade de que os dados mencionados durante este capítulo serem disseminados por todos e todas que tiverem a oportunidade de ler essa inicial discussão sobre gênero, no qual propusemos como eixo a Ginástica Rítmica, mas que não impede de ser levada para a realidade de cada um. Aqui, tentamos mostrar que meninos e meninas podem e devem praticá-la.

No capítulo que segue, abordamos a formação profissional em Educação Física com o intuito de assimilar a sua dimensão pedagógica e metodológica que, muitas vezes, não desenvolve os conteúdos sobre gênero, preponderantes nas disciplinas de Ginástica Rítmica.



Alunos e alunas do curso de Educação Física da universidade “1” em Jun 2006.
Fonte: Arquivo pessoal da Profª. Larissa Terezani.



Heather Mann

Fonte: *Home Page*, Eu amo Ginástica Rítmica, acessada em 08 abr 2007.



Ana Paula Ribeiro

2 – FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: O PONTO FIXO NA DISCIPLINA DE GINÁSTICA RÍTMICA

O que sabemos é uma gota
O que ignoramos é um oceano.

Isaac Newton (1643 – 1727).

As questões e definições, apresentadas no capítulo anterior, sobre gênero estão distante dos temas propostos na formação profissional? Estão os discentes aptos para discutir os preconceitos, as atitudes de poder e submissão, necessários para a construção da cidadania, com os seus futuros alunos e alunas?

Neste momento, nosso estudo se volta para a formação profissional em Educação Física, com enfoque na disciplina de Ginástica Rítmica presente em alguns currículos dos cursos de ensino superior. Preocupadas em saber como os alunos e as alunas concluintes foram, estão e devem ser preparados para desenvolver a Ginástica Rítmica, principalmente na escola, para ambos os gêneros, sentimos a necessidade de uma revisão de literatura discutindo com pesquisadores e pesquisadoras, o assunto.

O “ponto fixo” é o ponto para o qual as ginastas fixam o olhar durante os giros, pivôs e equilíbrios obtendo a sustentação do movimento. No nosso estudo, o “ponto fixo”, é a disciplina de Ginástica Rítmica, para a qual focamos o olhar, em busca da sua sustentação e do seu equilíbrio, como parte da formação em Educação Física.

Refletimos, primeiramente, de forma mais ampla sobre todos os conhecimentos, como afirma Morin (2001, p.31),

Quantas fontes, quantas causas de erros e ilusão múltiplas e renovadas constantemente em todos os conhecimentos! Daí decorre a necessidade de destacar, em qualquer educação, as grandes interrogações sobre nossas possibilidades de conhecer. Pôr em prática essas interrogações constitui o oxigênio de qualquer proposta de conhecimento.

Em qualquer conhecimento temos nossas dúvidas e inquietações que caminham ao nosso lado. Contudo, para discernirmos essas questões e colocá-las nas ações de cada dia, encontramos um abismo de perturbações e incertezas que, muitas vezes, impede a continuidade do percurso; estamos alertando sobre a dificuldade de chegarmos nas respostas de todas as incógnitas que temos.

A nossa caminhada é um ciclo de perguntas e respostas, pois, quando pensamos que resolvemos uma questão, logo surge outra. Por isso, não podemos

pensar que as mudanças nas relações de gênero, durante o processo de formação, resolverão todos os problemas provenientes das diferenças sociais.

Com essa realidade percebemos a dificuldade do docente e da docente desenvolver pedagogicamente na escola atividades para ambos os gêneros. Isso implica no confronto com pais, mães, familiares e outros docentes, sem a devida preparação para conseguir um desligamento das normas sociais ficando, na maioria das vezes, adormecidos na rede escolar, desencadeando dúvidas e inquietações. Dessa forma, devemos ficar presos a rotina ou enfrentamos os desafios?

Embora a formação profissional não seja neutra em relação às desigualdades sociais, por outro lado, não podemos afirmar que a formação de professores e professoras reproduza, automática e perfeitamente, as desigualdades das relações de classe, raça ou gênero (FARIA JR., 1992). Desse modo, precisamos investigar, primeiramente, se os cursos de ensino superior em Educação Física juntamente com os professores e as professoras que desenvolvem as aulas, discutem com seus alunos e suas alunas sobre a aplicabilidade de atividades para ambos os gêneros.

Para isso, julgamos como importante uma análise na história da Educação Física que repercute na sua situação atual. Em Darido e Silva (2002), encontramos que o esporte sempre esteve presente nos cursos de formação em Educação Física. Em 1969 foi estabelecido um currículo mínimo, obrigatório para todas as escolas de Educação Física, que possibilitou ter a formação de técnico esportivo junto com o curso de licenciatura, com duração mínima de três anos e máxima de cinco anos. Faziam parte do currículo mínimo as seguintes disciplinas básicas: biologia, anatomia, fisiologia, cinesilogia, biometria e higiene; no currículo das disciplinas profissionais estavam: socorros urgentes, ginástica, rítmica, natação, atletismo, recreação, matérias pedagógicas e mais duas de esportes escolhidas pelo discente para o título de técnico esportivo ou técnica esportiva (grifo nosso).

Diante desse fato histórico, podemos observar que a ginástica e a rítmica eram duas disciplinas separadas quando começaram a fazer parte do processo de formação em Educação Física. Desde essa época, vemos a preocupação em formar profissionais conhecedores dos conteúdos do ritmo e do movimento ginástico. Hoje, encontramos instituições de ensino superior em Educação Física que apresentam currículos com a disciplina de rítmica; outras com a disciplina de ginástica; algumas

com a disciplina de Ginástica Rítmica; algumas abrangendo duas dessas disciplinas e poucas com as três disciplinas.

Contudo, Soares (1995) cita que, a história da ginástica é confundida com a própria história da Educação Física. O termo ginástica definia a Educação Física de modo mais abrangente até a primeira década do século XX. Na teoria geral da ginástica, berço de toda a história das atividades corporais na sociedade ocidental moderna, nos deparamos com tratados de pedagogia e de filosofia para discursar sobre jogos, danças, lutas e até ginástica.

Assim, percebemos o quanto a ginástica foi importante para a área. Com essa abrangência, uma única disciplina para a ginástica não consegue atender a todos os seus conteúdos. Por isso, encontramos no ensino superior em Educação Física as suas ramificações como Ginástica Rítmica, Ginástica Artística, Ginástica de Academia, entre outras; cada uma com o seu desenvolvimento característico enquanto desporto e fundamentos, para atender todos os seres humanos.

Retomando as modificações que a Educação Física sofreu ao longo da sua história, para compreendermos a existência da disciplina de Ginástica Rítmica e das possíveis discussões sobre gênero na formação dos professores e das professoras, relatamos as novas decisões tomadas em 1987, isto é, há aproximadamente duas décadas após a instituição do currículo mínimo, que foi motivo de muitas críticas e debates. A resolução dividiu o currículo em duas partes: formação geral (humanística e técnica) e aprofundamento de conhecimentos (DARIDO e SILVA, 2002).

Nessa nova etapa, percebemos uma inicial preocupação em se ter uma formação com duas vertentes que demandavam uma ruptura na Educação Física, sendo os conteúdos práticos separados dos teóricos, porém, com classes mistas. Com uma proposta humanística e técnica os professores e as professoras, das diferentes disciplinas, teriam que consolidá-los, expondo para o discente e a discente que na sua atuação também deveriam manter a união entre a teoria e a prática. Outro fator, foi assumir a necessidade de construir um alicerce para os conhecimentos da área formando docentes de Educação Física compromissados com a sua profissão.

A mesma resolução foi contemplada com um novo currículo, no qual alunos e alunas dos cursos de ensino superior em Educação Física escolhiam entre a formação de bacharelado, licenciatura ou ambos e, assim, os cursos com três anos

passaram para quatro anos de duração (TEREZANI, 1994). Essa foi uma superação para a área, que competia com cursos de maior duração, porém, sufocada em apenas três anos, uma vez que a Educação Física possui ramificações nas três grandes áreas de conhecimento (humanas, biológicas e exatas) com a necessidade de uma grade curricular bastante abrangente. A ampliação permitiu englobar um número maior de disciplinas, conteúdos, professores e professoras, alunos e alunas.

Analisando de uma outra forma, diante desse acontecimento importante para a evolução da Educação Física, notamos que a quantidade de horas de ensino não significa a qualidade do ensino e vice-versa. A Educação Física esteve e ainda está necessitando mais de mudanças de hábitos e atitudes do que horas destinadas para a sua formação. Mesmo porque, a instauração de uma nova legislação não promete a incorporação da mesma. Até hoje encontramos instituições com currículos estruturados nas propostas do passado, tais como: dicotomia entre teoria e prática; só disciplinas práticas; só disciplinas técnicas; só disciplinas esportivas; sem proposta de ensino ou com a proposta desconhecida pelos alunos e pelas alunas.

Apesar de muitos cursos terem se adequado ao novo parecer, sem alterar suas propostas pedagógicas e sem acrescentar novas disciplinas, a Ginástica Rítmica foi favorecida em alguns cursos. Passou a fazer parte da grade curricular de algumas universidades como uma disciplina específica de caráter obrigatório, em outras, foi sendo contemplada dentro de disciplinas gerais (TEIXEIRA, 1996).

Todavia, com a carga-horária dobrada, as questões sobre gênero, começaram a ser abordadas na disciplina de Ginástica Rítmica e nas demais?

A introdução da Ginástica Rítmica nos cursos de ensino superior foi um avanço para a modalidade, iniciando um processo de massificação da sua prática. Surgiram novas pesquisas e estudos na área dentro do Brasil que, até então, eram escassas. A consulta desses materiais renovaram conceitos, atitudes e ampliaram os rumos para a suas modificações e inserções.

Nas palavras de Darido e Silva (2002), as disciplinas esportivas, grupo em que está classificada a disciplina de Ginástica Rítmica, incluídas no currículo, são fundamentais e ocupam grande parte na formação profissional. Hoje, mais da metade da carga horária dos cursos de Educação Física estão voltados aos conteúdos esportivos.

Entretanto, quando os cursos de ensino superior em Educação Física ampliaram sua formação de licenciatura para bacharelado as disciplinas de

modalidades específicas adentraram aos currículos e algumas modalidades começaram a ser estudadas e, conseqüentemente, desenvolvidas na escola. Mas, a quem coube ministrar essas disciplinas, se o número de professores e professoras titulados na formação profissional era restrito?

Os profissionais que atuam com as disciplinas esportivas apresentavam, e ainda apresentam, uma experiência anterior como atleta ou técnico e técnica da modalidade que ministram na formação profissional (DARIDO & SILVA, 2002).

Acreditamos que essa situação está presente na Ginástica Rítmica, pois, certamente, os professores e as professoras optaram por desenvolver a disciplina ao ter integrado ou dirigido equipes de alto-nível. Contudo, ao integrarem ou dirigirem essas equipes tiveram, provavelmente, contato somente com o sexo feminino. Como desenvolveram ou desenvolvem essa disciplina na formação profissional, ao deparar com ambos os gêneros?

Rinaldi e Cesário (2005) propõem, para a Ginástica Rítmica ser inserida e tratada como conhecimento nas aulas de Educação Física da Escola, que o professor e a professora dominem a disciplina em seus aspectos teórico, pedagógico e metodológico. O conhecimento da Ginástica Rítmica precisa da técnica e da ciência das manifestações ginásticas que, casadas aos fundamentos didáticos e metodológicos, garantem um conhecimento básico para o docente e a docente ensiná-la, estabelecendo novas construções.

Dentro de uma disciplina de Ginástica Rítmica que atribui um plano de ensino com técnicas, pedagogias e metodologias, compreendemos que um dos objetivos seja a aplicação dessa modalidade na Educação Física da escola, em que participam meninos e meninas. Assim, é cabível durante o processo de formação, a indicação de bibliografias sobre gênero e discussões sobre as mesmas podendo os alunos e as alunas compreenderem como as desigualdades entre os gêneros se estabelecem em nossa sociedade, para além do aspecto biológico. Com o conhecimento adquirido chega o momento de vivenciá-lo, colocando-o em prática, por meio dos estágios e dos estudos.

Embora os apontamentos elaborados por Borges (1998), após o seu estudo sobre a construção dos saberes de quem atua com a Educação Física, tenha levantado a valorização das experiências como uma alternativa, ainda assim, devemos tomar cuidado para não valorizarmos essas experiências que levam às

diferenças entre os seres humanos, mas sim, privilegiar a igualdade de oportunidades.

Quando encontramos pessoas que atuaram no campo competitivo da modalidade, ministrando uma disciplina na formação profissional, estamos arriscando a detectar a ausência de reflexões históricas, filosóficas, científicas e até sobre gênero, alimentando a reprodução da desigualdade? Os discentes e as discentes serão orientados para valorizar os corpos esteticamente preparados a cada modalidade? De acordo com Darido e Silva (2002, p.157),

Não discordamos desses professores, no sentido de que experiências anteriores na modalidade trazem conhecimentos realmente valiosos à atuação profissional; o que questionamos é o fato de o docente universitário se restringir a esses conhecimentos, e não buscar outras fontes que auxiliem o processo ensino-aprendizagem das diferentes modalidades esportivas.

Aos docentes e às docentes que trazem na sua bagagem a experiência da modalidade, uma vez reflexivos, devem ampliar os seus conhecimentos, tático e técnico, com sequências e repetições para conteúdos que permitam o desenvolvimento integral dos alunos e das alunas; principalmente na escola, local onde encontramos diferentes corpos, necessitados de intervenção e compreensão do movimento; para nas aulas de Educação Física ser possível o conhecimento de novas manifestações corporais.

Enquanto os docentes e as docentes de Educação Física da escola incentivam a repetição, negam a criatividade e o surgimento de novos movimentos, reduzindo o esporte ao invés de transcendê-lo, mesmo sendo conteúdo curricular há bastante tempo.

Analisando essas questões, novamente sentimos a necessidade de relatarmos mais um acontecimento do passado, ocorrido dois anos após as renovações universitárias, quando uma nova postura foi tomada em prol da popularização das Ginásticas que estavam restritas a algumas equipes de alto-nível de desempenho. Teixeira (1996, p.22) descreve a decisão da Confederação Brasileira de Ginástica em expandir o esporte da área competitiva para a educativa:

Segundo o código de pontuação da Confederação Brasileira de Ginástica (C.B.G.) de 1989, o resultado deste trabalho foi a inclusão destes conteúdos nos currículos de 1º e 2º grau (...) dois campos distintos começam a se evidenciar: o educativo e o competitivo (...)

como consequência essa prática poderia ser mais duradoura e serviria de base para subsidiar o campo competitivo.

Há dezessete anos as pessoas responsáveis pelo desenvolvimento das ginásticas no país, ampliaram o seu papel de alto-nível de desempenho para serem vivenciadas nas aulas de Educação Física escolar. Pode ser pouco para uns, bastante para outros e para nós é um tempo significativo recheado de conquistas, desafios e decepções. Talvez, pelo fato de os órgãos superiores não terem se atentado para a Ginástica Rítmica, no meio de outras ginásticas, que como modalidade tem competições somente para o sexo feminino, enquanto na escola encontramos ambos os gêneros.

A popularização da Ginástica Rítmica seria mais fácil caso esses responsáveis oferecessem condições para os professores e as professoras trabalharem as diferentes ginásticas para os diferentes corpos inseridos na escola. Mas, segundo Darido e Silva (2002), o modelo curricular mais freqüente no país, é o tradicional, caracterizado por disciplinas práticas em que devemos saber executar para ensinar, especialmente nas habilidades esportivas, com distinção entre teoria e prática. O conteúdo apresentado na sala de aula é caracterizado como teórico e o prático elaborado nas quadras, piscinas, pistas, etc.

Moreira et al (2004, p.63) também defendem essa idéia; revelam que “uma das dicotomias históricas na formação de profissionais na universidade, em especial encontrada na habilitação de professores e professoras em cursos de licenciatura, é a oposição entre teoria e prática”.

Esse ensino dicotômico, talvez seja um dos fatores que influenciam a ausência de discussões sobre gênero nos cursos de Educação Física. De acordo com os currículos mais comuns, as leituras e discussões cabem às disciplinas caracterizadas como teóricas (sociologia, filosofia...) e nas disciplinas práticas (Ginástica, Tênis de Mesa, Natação) detectamos o ensino do movimento. Nesta perspectiva, ambos os conteúdos não cabem na única disciplina de Ginástica Rítmica.

Observamos que alguns currículos, independente de serem práticos ou teóricos, inseriram disciplinas de ginásticas e até a Ginástica Rítmica, porém, não se preocuparam com aqueles professores e aquelas professoras que retiraram seus títulos antes dessas mudanças, quando já atuavam nas escolas. Como, então, receberam esse novo conhecimento?

Talvez seja este o ponto fragilizado da situação, quem estava em formação ou depois destas reformulações adentraram aos cursos superiores, receberam esses conhecimentos, mesmo em processo de construção. Por outro lado, os docentes e as docentes com seus cursos concluídos, que ministravam as aulas de Educação Física nas escolas, ficaram distantes das informações acadêmicas e poucos inseriram esse conteúdo, a ginástica.

Contextualizando essa necessidade dos novos conhecimentos chegarem a quem atua com a Educação Física, ao invés de mantê-los como privilégio dos estudantes, seria importante o mundo universitário abrir suas portas para todos e todas terem a oportunidade de receber informações constantemente, sendo papel da universidade e dos órgãos superiores de ensino, possibilitar a formação continuada para os atuantes no mercado de trabalho. Acreditamos que essa necessidade não seja exclusividade da nossa profissão.

Contudo, vimos como importante, mencionar mais uma reformulação que a sociedade passou e que influenciou diretamente na rede escolar, que foram as alterações referentes à Orientação Sexual contida nos PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais. Os PCNs, a partir de um Documento Introdutório, contém orientações e sugestões para o Ensino Fundamental I (em dois ciclos equivalentes às quatro primeiras séries) e, para o Ensino Fundamental (dois ciclos equivalentes às quatro últimas séries) os chamados Temas Transversais - Ética, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual, Meio Ambiente e Saúde. Segundo os parâmetros curriculares nacionais da Educação Física destinada ao terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental temos,

(...) no Brasil, as danças, as lutas, os esportes, os jogos, e as ginásticas das mais variadas origens étnicas, sociais e regionais, compõem um vasto patrimônio cultural que deve ser valorizado, conhecido e desfrutado. O acesso a esse conhecimento contribui para a adoção de uma postura não preconceituosa e não discriminatória diante das manifestações e expressões dos diferentes grupos étnicos e sociais (religiosos, econômicos e de diferentes origens regionais) e das pessoas que deles fazem parte (BRASIL, 1997b, p.39).

Souza (2006) diz que na década de 60 e 70 a educação sexual começou a fazer parte do ensino nas escolas, mas em 1976, a Comissão Nacional de Moral e Civismo determinou que essa educação fosse responsabilidade da família, tornando-a opcional para as escolas. Em 1980 as discussões retornaram e, em 1996, os

PCNs apresentaram como Temas Transversais a Pluralidade Cultural e Orientação Sexual, abrindo espaço para discussão além das questões biológicas e de saúde, contemplando o caráter de construção social.

Esse rumo que a educação sexual tomou reflete nas relações de gênero que encontramos atualmente na própria escola, na formação profissional e na sociedade em geral. Assim, julgamos importante que existam aulas sobre o assunto o respeito às diferenças. A educação sexual trabalhada na escola projeta, aos docentes e às docentes de Educação Física conscientes que esse ensino acontece, uma segurança para desenvolver a Ginástica Rítmica para ambos os gêneros e qualquer outro esporte culturalmente apresentado a um ou outro sexo. Nessa disciplina de educação sexual os alunos e as alunas devem ser orientados a conhecerem às igualdade, às diferenças e às desigualdades de sexo, de classe e de etnia.

E isso se estende também aos professores e às professoras, porque Souza (2006) nesse trajeto da educação sexual faz o registro de um programa visando capacitar professores e professoras para o respeito à homossexualidade, lançado pelo Governo Federal em 2004 e intitulado “Brasil sem homofobia”. Segundo a autora, em outubro de 2004, ao dar uma palestra para aproximadamente duzentos professores da rede municipal, descobriu que nenhum deles havia tomado conhecimento da existência desse programa.

Ao citarmos essa indignação sobre o desconhecimento dos docentes sobre as ações promovidas na luta contras às diferenças de sexo, de classe e de etnia, podemos confirmar a dificuldade destes profissionais trabalharem a igualdade nas aulas de Educação Física, na escola e na formação profissional. Uma vez que os projetos, as pesquisas, os programas estão sendo desenvolvidos, até pelo poder público, todos os envolvidos devem procurar conhecer as políticas sociais e educacionais em andamento para que não fiquemos de mãos amarradas sem poder agir. Não podemos desperdiçar as conquistas da educação sexual no país, pois anos atrás o governo não dava tanta atenção a esse problema e também não tínhamos abertura para sugerir ou criar novas propostas.

Outro fator contribuinte para a dificuldade da implantação das Ginásticas nas aulas de Educação Física, em especial a Ginástica Rítmica, é a própria história da área, se é que podemos afirmar que ela tenha uma história. Isto porque a Educação Física foi incorporada à área biológica, antes mesmo de chegar ao Brasil, por meio de instituições militares e médicas, com o objetivo de higienização e de eugeniação

social. Até hoje existem instituições de ensino superior vinculadas à área biológica e professores ministrando aulas na Educação Física com formação em medicina e biologia. Lembramos que somente em 1970 implementaram cursos de pós-graduação em Educação Física no país (CARVALHO, 1995).

Assim, a formação predominante dessa categoria está fundamentada nas ciências biológicas, o que corresponde a um profissional com embasamento anatômico e fisiológico do corpo humano, porém, distante dos conceitos de ciências do movimento humano, ou seja, da motricidade e do desempenho humano que oferece a qualidade e o embasamento necessário para lidar com as diferenças. Talvez esse seja um dos motivos para as questões de gênero não adentrarem às discussões na formação em Educação Física, uma vez que estamos, de certa forma, presos a assuntos biológicos; e as disciplinas de Ginástica Rítmica, na maioria das vezes, reflete os movimentos sistematizados anatomicamente do esporte. Contudo, cremos em profissionais de Educação Física com a comunhão dessas habilidades.

Betti (1992) declara que a ação de quem atua na Educação Física ou esporte deve: estar baseada em um corpo teórico interdisciplinar de conhecimentos, com objetivo nos estudos do ser humano em movimento; dar ênfase ao aspecto intelectual, pois não basta saber como ensinar, é preciso saber por que ensinar, ou seja, aplicar seus conhecimentos de forma que sejam úteis para a sociedade; produzir novas práticas (aqui se inclui a Ginástica Rítmica) para o maior número de pessoas (para todos os corpos e aqui entram as relações de gênero); e conscientizar que o processo de formação não termina na universidade.

Essas são algumas abordagens propostas para uma formação profissional em Educação Física e, por essa razão, defendemos a necessidade delas fazerem parte dos cursos de ensino superior para as modalidades esportivas e as atividades corporais intervenham na sociedade de forma competente, aliando conhecimento científico e realidade prática. Seria difícil para o docente e a docente estimular uma criança a descobrir como lançar uma bola, sem conhecer os movimentos do seu braço; os músculos, ossos e articulações em ação concomitante ao seu pensamento e à bagagem que culturalmente traz do local em que vive. Em um único instante a criança é capaz de sistematizar esses processos, por mais diferente que o seu movimento esteja dos padrões almejados.

Percebemos, então, no movimento de uma criança, os rumos dos conhecimentos da Educação Física e presenciamos, além da biologia, a pedagogia,

a sociologia, a psicologia, a filosofia, compondo os esportes. Com tantas áreas permeando esse profissional surge a inquietação para encontrarmos a competência nessa formação. Segundo Canduro (2003, p.33):

[...] quando falamos de uma Educação Física comprometida com o social, devemos estar aptos e conscientes para realizar a leitura de todos os tipos de corpos, principalmente os das crianças (...) É necessário ler o sentido e o significado de cada contexto no qual estamos atuando para podermos usar a metodologia mais adequada a cada realidade.

Estamos buscando a compreensão do professor e da professora, promotores das inúmeras possibilidades de movimentos, para os inúmeros corpos presentes nas suas aulas de Educação Física. Assim, cada realidade deve ser respeitada e desenvolvida com a sensibilidade do docente e da docente instruído, ou seja, capaz de entender os corpos grandes, pequenos, magros, obesos, masculinos, femininos, idosos, adolescentes, adultos, crianças; além ensiná-los o novo.

No caso do corpo criança, cabe ao profissional compreendê-lo como ser humano, situado em uma sociedade e fornecer-lhe condições para ser criança e viver como tal. Para estes profissionais, não basta ter competência, é preciso ter um compromisso político com essa faixa etária, com alguns significados aqui enumerados por Olivier (1999, p.23),

[...] é ocupar-se do presente, porque o futuro dele decorre; é esquecer o discurso que fala da criança e ouvir as crianças falarem por si mesmas; é redescobrir a linguagem dos nossos desejos e conferir-lhe o mesmo lugar que tem a linguagem da razão; é redescobrir a corporeidade ao invés de dicotomizar o homem em corpo e alma; é abrir portas e janelas e deixar que a inclinação vital penetre na escola, espante a poeira, apague as regras escritas na lousa e acorde as crianças desse sono letárgico no qual por tanto tempo deixaram de sonhar.

A partir dessa discussão, percebemos a responsabilidade de uma área de conhecimento como a Educação Física em construir profissionais capazes de intervir conscientemente no meio social, em especial quando passam a atuar com a criança, dotada de corpo sensível e receptivo ao aprendizado. Nesse sentido, precisamos saber qual profissional está ensinando a Educação Física para ambos os gêneros na perspectiva da educação.

Nesta discussão, a responsabilidade de uma área de conhecimento como a Educação Física deve ser a de formar profissionais para mudar a realidade

conscientemente. Snyders (1993, p.189) afirma: "Devo partir da constatação, que a satisfação na escola está muito longe de ser uma evidência brilhante [...]". Por isso, no instante em que estes profissionais passam a atuar na escola devem desenvolver novas propostas que estimulem ambos os gêneros.

O ser humano, comumente, fica preso na escola que valoriza o corpo objeto (MOREIRA, 1994). A escola valoriza progressivamente o corpo sem expressão e sem movimento. Aqueles corpos copiadores da matéria, que repetem os exercícios, que sentam na carteira sem mexer são, quase sempre, qualificados como modelos da turma. O corpo objeto faz exatamente aquilo que o professor ou a professora deseja; responde o que lhe foi perguntado, levanta para o intervalo; reproduz o conteúdo ensinado, entre outros. Em contrapartida outros gritam, falam, perguntam, respondem, discutem, discordam, pulam, ficam de ponta cabeça, batem o pé, brigam, e se sujeitam a serem os piores alunos e alunas da sala e não devem ter seguidores dos seus princípios.

Diante desse exemplo, das relações entre docente e discente e as normas defendidas pela escola, encontramos, em oposição, Moreira (1995, p.98) que enfatiza:

A corporeidade é, existe e por meio da cultura ela possui significado. Daí a constatação de que a relação corpo-educação, por intermédio da aprendizagem, significa aprendizagem da cultura – dando ênfase aos sentidos dos acontecimentos e à aprendizagem da história – ressaltando aqui a relevância das ações humanas. Corpo que se educa é corpo humano que aprende a fazer história fazendo cultura.

A educação do corpo aliada à corporeidade do ser humano reflete a sua cultura, por isso, quando enxergamos somente o resultado de uma situação, devemos ser cuidadosos para não julgarmos o aluno ou a aluna sem a compreensão dos motivos que o/a levaram a ter determinada reação, mesmo sabendo das dificuldades em se conhecer os problemas de cada um, numa turma de vinte, trinta, quarenta e até oitenta pessoas, no caso da formação profissional.

Analisando essa realidade, com o olhar do docente e da docente inseridos nesse espaço, nos apropriamos do pensamento de Milani e Souza (2004), quando enfatizam que primeiro devemos observar o local de aprendizagem, que é privilegiado para as pessoas absorverem conhecimento e, só depois, estabelecermos uma reorganização do tempo. Ultrapassada e sem atratividade a escola dificilmente sobreviverá no contexto social.

Ressaltamos que existem escolas competentes, professores e professoras criativos e inovadores, alunos e alunas com prazer em estudar e aprender e que várias ações vêm acontecendo para proporcionar mudanças no ensino, apesar do descaso escolar que, em geral, presenciamos.

Renato Russo (1993), ao compor a música “Vamos fazer um filme”, mostra a sua indignação com a escola:

A minha escola não tem personagem
A minha escola tem gente de verdade
Alguém falou do fim do mundo,
O fim do mundo já passou
Vamos começar de novo:
Um por todos, todos por um.
O sistema é mau, mas minha turma é legal

O compositor está alertando que a escola é real e tem seres humanos necessitados de condições para o ensino acontecer. Não podemos esperar o fim do mundo para as coisas mudarem por que ele já passou, ou seja, precisamos de ações imediatas para que o sistema de ensino se transforme, pois é difícil conviver com uma escola apática e sem atrativos.

Conscientes das barreiras que nos envolvem, percebemos como não é fácil; nada muda em um dia; está ruim com a escola, mas pior é ficar sem ela; questões essas que estão aliadas aos comportamentos e pensamentos de uma sociedade alienada pelos órgãos manipuladores do poder. Por isso, é difícil implantar novos valores e atividades, principalmente na escola, com o crescimento de raízes que a tornam uma engenharia estática.

Nessa perspectiva Tojal (2004, p.94) conceitua a moral como podendo ser um “[...] conjunto de normas ou regras que regulam o comportamento individual e social do indivíduo, sendo adquiridas pela educação, pela tradição e pelo hábito, gerando a aquisição de comportamentos morais, donde surge o conceito de atitudes morais”.

O autor está pontuando os fatores pertencentes ao pensamento da humanidade, moldado pelas ideologias moralistas impregnadas nas relações entre os seres humanos. O convívio com pessoas, os lugares onde freqüentamos, os lares onde nascemos, o aprendizado que recebemos, tudo que gira em nossa volta implica na complexidade de informações adquiridas e, conseqüentemente, nas atitudes enquanto indivíduos portadores da liberdade. Nesse sentido, não podemos

garantir que o desejo pela igualdade esteja no pensamento de todos e todas; cada um de nós constrói uma educação que nem sempre abrange as relações de gênero como sendo fator de importância.

Contudo, são notórios os valores que direcionam a nossa órbita sendo um desafio inverter o sentido, ainda mais, quando a educação reflete, diretamente, na formação do ser humano, que na atual ocasião está deturpada. Por isso, "[...] o problema da compreensão tornou-se crucial para os humanos. E, por este motivo, deve ser uma das finalidades da educação do futuro" (MORIN, 2001, p.93).

Como podemos viver em sociedade sem dar conta de compreendermos, ao menos, quem está próximo? Como podemos constituir uma família com pais e mães incapazes de compreenderem seus filhos e suas filhas?

Esses questionamentos são importantes, apesar de não podermos generalizá-los. Por isso, o futuro tem como prioridade a instauração da compreensão entre os diferentes seres humanos. Morin (2001, p.102) afirma, "[...] compreender é também aprender e reaprender incessantemente".

Assim, tanto o docente e a docente como qualquer pessoa deve aprender e reaprender, quantas vezes for preciso, para atingir a compreensão; precisam ter o direito de tentar por mais erros que cometam. A compreensão pode ser a peça fundamental para que as relações de gênero sejam vividas e, para isso, deve ser abordada na formação de professores e professoras. Essa iniciativa para a aquisição da compreensão deve começar imediatamente para que esse futuro não esteja muito longe.

Estamos vivendo um momento de reprodução dos modelos valorizados pelos órgãos políticos, econômicos e sociais. Contudo, vemos como necessário olhar para si e perceber os próprios preconceitos para modificá-los. Após essa mudança individual precisamos, também, ampliar a compreensão para os relacionamentos com os outros e as outras, no trabalho, no lar, nas aulas de Educação Física; seja na escola, no ensino superior e demais lugares. Contudo, na visão de Morin (2001, p.102), é preciso ir mais longe,

Devemos relacionar a ética da compreensão entre as pessoas com a ética da era planetária, que pede a mundialização da compreensão. A única verdadeira mundialização que estaria a serviço do gênero humano é a da compreensão, da solidariedade intelectual e moral da humanidade.

A compreensão para consigo e para com o outro, anuncia ser o início para a sua expansão universal e cósmica. Então, devemos discernir a compreensão aos pontos do mundo que possam interferir na totalidade dessa virtude construindo, paralelamente, a nossa própria história.

Segundo, Bento (2006b, p.14) "Os professores poderão não dar ao futuro o rosto desejado, mas ajudam a transportar a esperança", os quais têm como papel fundamental auxiliar no enraizamento da compreensão. O docente tem contato com a maioria da população, uma vez que, as pessoas freqüentam, irão freqüentar ou freqüentaram a escola, mesmo sem vontade ou por pouco tempo. Ela se torna o caminho mais curto para um ensinamento chegar até o povo. Ao levarmos a compreensão, juntamente estaremos levando as relações de gêneros.

Por outro lado, na formação profissional encontramos a dificuldade da informação chegar à comunidade e, os ingressantes nesse meio estudantil, são alguns privilegiados. Por isso, quem deseja atingir o conhecimento precisa seguir uma meta que, muitas vezes, ilude, principalmente quando as idéias ficam distantes da realidade. Isso é comum quando o aprendizado da academia não realiza um casamento com o conhecimento da sociedade. A distância entre a pesquisa e a população destrói a intervenção, pois ao término dos estudos muitos profissionais não voltam para o local pesquisado. Quem fornece os dados para a pesquisa dificilmente descobre os seus resultados e, algumas vezes, não sabe nem os motivos pelo qual está sendo avaliado.

A luta pela inserção da Ginástica Rítmica nas aulas de Educação Física da escola e em outros espaços, para ambos os gêneros, bem como a investigação da preparação desses profissionais no período de formação, pode ser um exemplo. Enquanto nós pesquisadoras ficamos anos numa sala idealizando um professor e uma professora que não sabemos se existe, muitos docentes estavam, estão e estarão nas salas de aulas, nos pátios, nas quadras ensinando e adquirindo experiência.

Dessa forma, necessitamos indagar a respeito do distanciamento entre a formação acadêmica e a realidade escolar. Esse problema reflete os sentidos e significados que a Educação Física vem assumindo socialmente (BORGES, 1998).

Estamos vivendo de forma que a universidade não trafega na escola e a escola não trafega na universidade. Essa é a ameaça que a Educação Física e

muitas disciplinas escolares estão sofrendo. Com quem está o erro? É a escola que não aceita o conhecimento universitário ou é a universidade que não vai à escola?

As experiências e os problemas da escola por algum motivo estão, geralmente, impedidos de chegar até a universidade, lugar onde podem ser estudados, pesquisados e talvez solucionados. Todavia, os conhecimentos da universidade, na maioria das vezes, não chegam até a escola, lugar onde podem ser experimentados, devolvendo para a universidade os acertos, os erros e as possíveis modificações.

No pensamento de Severino (1986) encontramos conteúdos que a formação profissional deve abraçar para tentar driblar essa trajetória interdita e seguir pelo lado, possibilitando o acesso para ambos os conhecimentos.

Não se pode ser professor sem a devida qualificação, construída com competência, sem a qual não haverá atuação eficaz da prática docente. (...) A formação do educador deve levá-lo a discutir o significado da educação no contexto da vida social concreta, uma vez que ela, a educação, é fruto e deveria ser agente desta vida social e política (...) (SEVERINO, 1986, p.XIV).

O que adianta estudarmos anos a fio, se o aprendizado não é dividido com a sociedade? Se não colocarmos em prática tudo que aprendemos? Se não errarmos na universidade para acertarmos na escola ou em qualquer ambiente de trabalho? Se não experimentarmos a Ginástica Rítmica para ambos os gêneros?

A formação profissional deve estimular aos ingressantes na carreira que assumam um compromisso com a sociedade. O juramento antes da titulação propõe ao profissional um universo de valores e requisitos brilhantes para a área, mas não garante o intercâmbio para as realizações. Nessa perspectiva, Dimenstein e Alves (2003, p.53) comentam como se apresenta a escola:

Você pega um número de conhecimento x, que está expresso em um número de apostilas e em um número de livros, que vai dar em um número de anos y. A resultante entre a linha dos anos e a linha do conhecimento é igual ao diploma, que é medido por testes.

A escola está representada por meio de números, resultados, livros depositando uma confusão aos estudantes que não conseguem entender por que tantas informações sem relação com o seu mundo. A mesma situação pode ser refletida na formação profissional quando o discente e a discente não consegue relacionar o aprendido com a sua atuação, pois, constantemente, são submetidos a

conceitos de artigos científicos internacionais, livros que garantem o sucesso nas aulas e aos músculos dos indigentes estudados. Apesar de não termos como objetivo, menosprezar esses instrumentos de estudo, importantes quando relacionados com a prática social da realidade de trabalho de cada um, entendemos que isolados dela a sua finalidade pode se perder.

Pensando então, no atuante ou em quem irá atuar na escola, sendo que deverá trabalhar com toda a turma, nos reportamos às idéias de Romero (1995) quando afirma que não só o professor e a professora, mas a escola deve ser capaz de auxiliar na erradicação de conceitos, posturas e valores indesejáveis. O docente e a docente de Educação Física deve repensar a sua atuação como agente de transformação social, evitando atitudes e comportamentos de reforço à discriminação sexual.

Apesar de compreendermos a dificuldade do professor e da professora inserir o novo para os alunos e as alunas, acreditamos não ser esse o primeiro obstáculo a vencermos. Muitas das nossas atitudes, mesmo inconscientes, são preconceituosas e, enquanto não limpamos a nossa própria concepção de ser humano, ficará difícil transmitirmos esse valor para o outro.

A disseminação dessa nova conduta revela as características e o comportamento do professor e da professora, que não pode ser o único culpado, pois é um ser humano culturalmente situado no sistema do qual somos os personagens manipuláveis e educados para ver, no palco da vida, meninas graciosas e comportadas, e meninos fortes e arredios.

Esse pensamento sobre as relações de desigualdades pode ser complementado quando Bento (2006b, p.15), no papel de professor escreve: “[...] Entendo e ensino a entender a vida como uma oportunidade de fazer amigos e de conviver com as diferenças das pessoas, que na sua diversidade nos causam espanto e admiração e nos fazem rir e chorar”. Na pluralidade das existências devemos sentir os outros e as outras, individualmente, como pessoas, com sua singularidade e capacidades próprias. As diferenças são traços de união; é uma forma de associação do gênero humano.

Por isso, repensarmos a Educação Física deve ser uma exigência quando precisamos transformar a sociedade. Há necessidade de pensarmos sobre os seus mitos, preconceitos, construções do passado e trazermos para a realidade novas concepções de corpo, de sociedade, de formação profissional. Ao educador e à

educadora compete conferir o elemento diferenciador ao processo educacional, desafio que cada profissional deve assumir (CARVALHO,1995).

O docente e a docente precisam do seu autoconhecimento, isto é, ter o conhecimento de si próprio para resgatar o seu diferencial e o diferencial da profissão unindo ambos nas suas aulas. Essa conquista deve ser regada com gotas de qualidade e sabedoria para então vermos renascer a educação.

Segundo Brandão (2002), ao resgatarmos o significado da palavra pedagogia que, constantemente, é tratada como o instrumento para o educador e a educadora ensinar, verificamos que na Grécia antiga era associada à figura do escravo, que tinha por tarefa conduzir a criança ao lugar de estudo. O pedagogo era o educador ou a educadora que conduzia a criança grega durante anos para o caminho da escola, por caminhos da vida.

No caso da Educação Física muitas propostas pedagógicas foram elaboradas na tentativa de atingir o melhor ensino, e ainda são importantes para o crescimento da área. Por outro lado, pouco averiguamos essas propostas nos espaços de trabalho da profissão, principalmente na escola. Mas, será que ensinar é se prender somente a pedagogias?

Acreditamos que ensinar é ir além. Ir além de conceitos e resultados exatos, ir além das paredes de uma classe, ir além da dimensão de uma quadra, ir além do desrespeito, é colorir de incógnitas o pensamento do outro.

Educar é muito mais do que transmitir conhecimento técnico/científico e reproduzir conceitos. Educar é dar a alguém a chance de ver e vivenciar o mundo como um todo. Precisam de uma educação que seja capaz de intercambiar, não apenas as diferentes formas do saber científico, mas as multidiversificadas expressões da aventura humana. Para isso, é impossível não se recorrer ao erótico; ao erótico da palavra, do social, da religiosidade e da arte e até da erotividade subjacente à própria busca do conhecimento científico (NUNES FILHO, 1997, p.57).

Precisamos estimular a aprendizagem, sensibilizar as relações humanas, temperar as aulas, saborear as informações. Nesse processo educacional, a relação de amor entre o professor ou a professora e o aluno ou aluna, entre os alunos, entre as alunas, entre alunos e alunas, o docente e a aula, o docente e o conteúdo aplicado, o docente e a sua disciplina, o docente e o local de trabalho, e outras muitas relações precisam ser reavivadas para reconstruirmos a educação.

Alguns educadores e algumas educadoras consideram a ação pedagógica como via de neutralidade, isto é, pouco envolvimento entre docente e discente, sem considerar o caminho escolhido pelo educando e pela educanda. Outros defendem o acúmulo de informações. Porém, existem docentes que compartilham as buscas para serem seguidas e acopladas à compreensão do ser humano. Busca para a comunhão de horizontes, para abrir mão de poderes, para constituir-se como sujeito e para o aprendiz retrair o seu próprio viver (BISSOTO, 2004).

Esses estilos de professores e professoras provocam algumas questões sobre como surgem às relações humanas. Como podemos explicar o encanto ou desencanto dos alunos e das alunas pelo professor ou pela professora? O encanto ou desencanto entre as pessoas ou por alguma atividade? O encanto ou desencanto pelo movimento corporal?

Na tentativa de auto-encanto e de encantar o outro, o ser humano precisa descobrir o seu corpo desejante. Somos caracterizados como seres desejantes; possivelmente, nenhum pensador deixou de admitir isso, sendo significativo para a quase unanimidade deles. Mas, desde os clássicos até a modernidade, o desejo é uma barreira ou, no mínimo, uma força que precisa ser controlada, superada ou abafada pela razão (NUNES FILHO, 1997).

Como podemos controlar nossos sentimentos, nossos movimentos? Os sentidos agem, comumente, como instintos que dominam nossos corpos em momentos inconscientes e conscientes. Por isso, são recriminados para a humanidade, cada vez que provocam o descontrole dos pensamentos, segundo as leis morais e religiosas. Para estas normas, nas quais estamos amarrados, tudo que extrapola a inteligibilidade de cada cultura é pecado e pecadores ou pecadoras quem assim faz. Com isso, sentir é praticamente proibido, por desviar a razão; os infratores e infradoras podem ser condenados por levianas emoções.

Dionísio e Apolo (homem sensual e homem intelectual) foram separados com o início da civilização e, ao longo da história, que exigia do indivíduo um comportamento parecido com os novos valores instruídos. O ser humano sensual e irreverente que busca extrair prazer da vida não interessa à sociedade, pois esta idealiza seres humanos sem rebeldia (COUTO, 1995).

Diante da perspectiva, realizar atividades fora do padrões culturais é, em geral, um descontrole de pensamentos e sentimentos, o que pode gerar um preconceito pelos outros e outras. Isso porque, sempre fomos divididos em corpo e

alma, pensar e fazer; da mesma forma entre corpos diferentes; masculino e feminino, bom e mal, feio e bonito, perfeito e imperfeito, normal e anormal.

Couto (1995) articula que a história da dominação e do adestramento dos instintos agressivos e sexuais do indivíduo reflete um ser humano programado para produzir. Nessa situação, vivemos submetidos ao corpo objeto da deserotização que nos faz desistir de lutar por dignidade e prazer.

As punições e valorizações que perpassam a história da nossa sociedade, e até da Educação Física, impossibilitam seres humanos, independente das suas características corporais, a expressarem seus sentimentos. No entanto, para atingirmos a compreensão integral das nossas ações precisamos expor nossos sentimentos e pensamentos. Ao eliminar um desses processos, a compreensão passa a ser parcial, estimulando somente a reprodução fragmentada. Essas ações sepultam as relações de gênero.

Fazendo uma analogia com a Ginástica Rítmica, quando uma pessoa tenta saltitar com uma corda, a princípio, pensa: na altura que precisa distanciar do solo para a corda passar por baixo dos seus pés, no tempo entre os saltos, na velocidade de bater a corda e no espaço para o movimento. Repetindo várias vezes, pode descobrir as dimensões do seu corpo saltitando por uma corda. Contudo, cabe ao profissional de Educação Física lapidar e instruir quem está realizando o movimento para alcançar a sua compreensão global, até conseguir saltar, sentindo e pensando no gesto.

Por sua vez, quando valorizamos o fazer para um determinado fim, priorizado pela Educação Física escolar e as faculdades de Educação Física, encobrimos outras possibilidades de uma área de conhecimento que transcende o fazer (Carvalho, 1995). Não podemos permanecer condicionados à repetição vazia nas aulas de Educação Física.

Para Dimenstein e Alves (2003, p.53), o princípio da sala de aula era: “se eu decorar, eu sei”, ao invés de, “se eu experimentar eu vou saber”. A indignação dos pensadores está alinhada para o reencantar da aula. Assim, para transcender o fazer o docente e a docente precisam permitir aos discentes e às discentes experimentarem para aprender. Enquanto a reprodução nas aulas tiver mais valor que a criatividade demoraremos a reencantar a aula.

A formação profissional tem uma função importante na descoberta pelo prazer e a competência nas aulas de Educação Física por meio da afetividade entre

docente e discente. Nessa relação deve existir cumplicidade e respeito construindo uma relação de trocas, na qual ambos aprendem, permitindo a detecção dos conhecimentos que possuem, facilitando assim, à inserção de movimentos desconhecidos.

Uma vez que sabemos aquilo que o outro e a outra adquiriu com a sua história de vida, não corremos o risco de repetir, por muito tempo, o conhecido, deixando a aula monótona e sem fundamentos. Com essa percepção o docente e a docente tem um ponto de partida para os conteúdos que, pedagogicamente serão abordados, mesmo que cada um traga a sua realidade, a sua carga de conhecimento que, provavelmente, será diferente do outro e da outra, sendo esse o fator principal do respeito às diferenças e da troca das experiências.

Durante a prática da Ginástica Rítmica, se o professor e a professora continuarem ensinando a rebolar com um “bambolê” ou a pular corda, brincadeiras conhecidas desde a infância, dificilmente a inclusão dos meninos e das meninas irá acontecer. Embora, seja um começo importante para valorizar o conhecido, em seqüência, deve elaborar atividades para desvendarem outras maneiras de brincar com um arco e com uma corda, como também detectar outros aparelhos.

Encontramos na escrita de Gaio (2007) que a Ginástica Rítmica Popular, pode ser vivenciada por quaisquer corpos tentando atender o maior número de praticantes, seja no espaço escolar ou em outros, iniciando com os movimentos naturais para ensinar novos, partindo do simples ao complexo; do criar ao recriar.

A partir do momento em que os alunos e as alunas fazem a revelação de algumas experiências, devemos mudar a conduta das aulas. Ao continuarmos ensinando o conhecido, não estaremos ensinando, e sim repetindo, apesar da necessidade da manutenção da aprendizagem adquirida. Contudo, mais importante que ensinar é fazer compreender e, para tanto o docente e a docente precisam entender a necessidade do desenvolvimento global do ser humano.

Para Freire e Scaglia (2003, p.157) compreender o que faz é para o ser humano um direito. Não tem sentido qualquer educação sem dar ao aluno e a aluna o direito de compreender aquilo que faz. “Em educação motora, fazer e compreender significa integrar as ações do intelecto com as ações da prática motora. O vivido é imaginado, refletido, e o refletido é transformado em expressões corporais”.

Enquanto professores e professoras precisamos aguardar o tempo de compreensão de cada um para não ultrapassarmos etapas. Assim, percebemos a necessidade dessa proposta de ensino-aprendizagem invadir o sistema de ensino escolar, a formação profissional e demais sistemas com caráter educativo. A ausência de um plano de ensino apresenta uma aula sem sentido e um docente ou uma docente pouco reflexivo ou, talvez, esteja faltando um planejamento que contemple uma metodologia de ensino que considere as atividades corporais, inclusive a Ginástica Rítmica.

Isso talvez acarrete na dificuldade da sua inserção nas aulas de Educação Física, em especial para os meninos. Para Gaio (2007) podemos aprender a Ginástica Rítmica Popular, brincando se o objetivo é educativo, ao invés, de seguirmos suas regras fielmente, mesmo porque, o código de pontuação dificulta o seu conhecimento; este pode ser um fator para a ausência deste esporte na escola.

Na maioria das vezes, com um pré-conceito esquecemos de valorizar nos alunos e nas alunas o que conhecem, impedindo-os de revelarem alguma afinidade com os movimentos da aula. Quando permitimos que brinquem com os aparelhos da Ginástica Rítmica ou demonstrem aquilo que sabem fazer, temos um diagnóstico para iniciarmos às aulas, na qual, meninos e meninas podem ser motivados para aprender outros movimentos.

Essa competência cabe ao profissional e à profissional que durante a formação foi instruído para desenvolver as relações de gênero, e a permitir que discentes degustem novidades. Assim, utilizando aquilo que os alunos e as alunas conhecem, tentarão assimilar o novo. Não será fácil, mas, com ajuda do professor e da professora, dos colegas e das colegas, por meio de verbalizações e reflexões, será incorporado pouco a pouco. “O novo sempre cria embaraços ao conhecimento já possuído, e é isso que cria o conflito” (FREIRE & SCAGLIA, 2003, p.157).

Para obtermos essa realização enquanto docentes, surge a necessidade de entendermos a Educação Física em todas as suas ramificações e transportá-la para a ação. Isso é algo para o e a profissional, que não só foi consagrado como professor e professora, mas incorporou esta profissão de intervenção e conhecimento. Dessa forma, não devemos pensar que as mudanças acontecerão amanhã e, muito menos, que devemos poupar o outro e a outra das suas dificuldades.

Por favor, desconfiem dos demagogos, dos populistas e da facilidade! (...) Eu amo a exigência e a dificuldade e é com elas que eu entendo o sentido educativo, humano e civilizacional do desporto. Aprendi na vida que é da gravidade que se fazem asas, do peso se faz vôo, da dor se faz riso, do choro se faz canto (BENTO, 2006b, p.10).

As pedras, as barreiras, os buracos, o sol, as trovoadas presentes durante a nossa caminhada, escolhida por nós porque nessa decisão o outro ou a outra não deve interferir, não podem ser retiradas para o percurso ser facilitado. Devemos sim, enquanto docentes, ajudá-los a suportar o sofrimento, a superar determinado obstáculo, a se levantar quando cair, a chorar se doer e não desistir, segurar em suas mãos, reconhecer cada vitória, lembrando que a execução é de cada um, por mais que erre, por mais tempo que leve e que não podemos viver a vida da outra pessoa.

Vivermos essas atitudes como professores e professoras significa depositarmos sentido na educação do ser humano inserido em uma sociedade. Por outro lado, Nunes Filho (1997) constata como a sociedade constrói cultura e essa deve ser respeitada durante a educação, sendo importante à ampliação gradativa dos conhecimentos regionalizados:

A educação é o instrumento pelo qual cada povo transmite às gerações futuras seus valores culturais, os quais se limitam a um ou outro aspecto. É responsabilidade dos que educam e dos órgãos que coordenam esse processo de desenvolver uma visão mais abrangente da cultura, e não privilegiar linguagens culturais particularizadas (NUNES FILHO, 1997, p.57).

Assim, rompendo paradigmas ensinaremos aos nossos alunos e alunas, outras línguas, outros gestos, outras ideologias, outras crenças. No caso, a Ginástica Rítmica para todos os gêneros pode ser uma das muitas possibilidades para construirmos novas culturas.

Na Educação Física existem órgãos responsáveis pelo seu desenvolvimento que apontam a ética e o conhecimento como principais aquisições para alcançarmos a competência, ampliando a cultura valorizada. Dentro da Ginástica Rítmica, seja durante as aulas da formação profissional ou na atuação em Educação Física, as relações de gênero podem ser compreendidas a partir de um embasamento na ética e no conhecimento.

[...] para que como profissional possa estar intervindo de forma qualificada, competente e por essa razão devendo estar assumindo total responsabilidade, considero que definitivamente a Ética a ser utilizada para a construção de um Código para qualquer profissão de nível superior, deva estar centrada numa Ética de conhecimento (TOJAL, 2004, p.95).

A formação profissional deve estar fundamentada a partir de um ideal estruturado pela instituição e seus trabalhadores e trabalhadoras, que pode, ou não, representar a busca pela ética e pelo conhecimento. Os e as discentes devem ser informados da existência desta estrutura, mesmo que seja alcançado por poucos. Na maioria dos casos, a instituição é competente e alguns dos frequentadores não assumem o perfil de professor e professora desejado, ficando distantes do ideal proposto inicialmente pelo sistema de ensino; o inverso também acontece. Mas, há casos que a equipe de profissionais e os aprendizes estão longe de produzir ética e conhecimento. Estamos à procura daquelas instituições em que ambos, docentes e discentes, chegam ao equilíbrio da competência.

Por isso, para os professores e as professoras de Ginástica Rítmica ampliem os seus pensamentos e as suas atitudes do alto-nível de desempenho, com atividades sistemáticas e femininas, e estabelecerem relações com a escola e outros lugares onde possam abranger ambos os gêneros; a formação profissional deve estar pautada na ética do conhecimento e da competência, mesmo que durante o curso não tenha uma disciplina específica sobre esta modalidade. Essa pode ser uma formação que possibilite o e a docente aplicar esta modalidade para o desenvolvimento global do ser humano respeitando às diferenças.

Martins e Batista (2006) sugerem para uma formação crítica com uma ação político-pedagógica profissional, que o projeto de formação dê condições ao discente de atuar, lutar pela justiça e igualdade da população, ter uma postura cidadã e buscar na construção curricular: - a concreticidade, na qual deve ocorrer a identificação da episteme e dos pressupostos que a formação está estruturada; e - a especificidade, ao identificar o ser humano que se movimenta em direção a si mesmo, ao outro e ao mundo, integrando o conhecimento numa metodologia interdisciplinar; e a flexibilidade, optando pelas disciplinas eletivas e outras atividades propostas.

Além desses apontamentos, há necessidade de estudos, bibliografias, discussões e debates para o estudo sobre gênero durante as disciplinas do curso de

ensino superior em Educação Física, pois acreditamos em uma disciplina específica para o assunto. As disciplinas de Ginástica Rítmica pode e deve ser um espaço para esse diálogo, assim como as demais que englobam a grade curricular.

Para Gaio e Porto (2004), o ensino superior precisa ser redimensionado para a comunidade. Uma universidade deve estar fundamentada em uma política acadêmica pautada em três categorias: - o ensino, que é a transmissão do conhecimento contextualizado nos projetos pedagógicos de cada curso; - a pesquisa, na qual a universidade gera propostas para encontrar solução científica para a comunidade, que só existirá a partir das relações sociais, econômicas e culturais; e - a extensão, em que é criado por cada curso diálogos da universidade com a sociedade para investigar a história e a cultura da mesma.

Como vemos, a universidade pode estar estruturada a partir de uma política que dê condições de abranger mais que laboratórios e salas de aulas. No caso do curso de Educação Física as disciplinas curriculares podem e devem enquadrar seus planos de ensino para que os e as discentes vivenciem a pesquisa, o ensino e a extensão, vinculando o conteúdo estudado à realidade da comunidade vizinha. Em alguns cursos a disciplina de Ginástica Rítmica desenvolve projetos nessas perspectivas o que traz um enriquecimento para a modalidade e a população beneficiada.

Contudo, novamente verificamos no discurso de Gaio e Porto (2004) uma possível evidência do perfil do profissional e da profissional que as universidades devem estar formando quando estruturadas para alcançar metas a partir do conhecimento dos alunos e das alunas com a sociedade e da atuação do e da docente da academia:

[...] a Universidade como detentora da produção do conhecimento científico atrelado ao senso comum que, sobretudo, atende as necessidades da comunidade acadêmica e da sociedade em geral, gerando profissionais analíticos, reflexivos, críticos e motivados a enfrentarem as situações adversas, surgidas no dia-a-dia da ação profissional, com compreensão, aceitação e solidariedade à diversidade humana (GAIO e PORTO, 2004, p.92).

Na defesa das autoras, também encontramos um ponto de vista para atuarmos enquanto profissionais, com a pluralidade dos seres humanos respeitando e compreendendo as suas diferenças. Assim, alertamos que essa proposta deveria estar na formação de todos e todas que passam pela universidade e, não

especificamente para quem ingressa nos cursos de Educação Física. Todavia, será que os estudos sobre gênero estão presentes na formação profissional em Educação Física, em quais condições? E nas outras profissões existem estudos sobre as relações de gênero?

Esse posicionamento é importante para não continuarmos defendendo um ponto de vista isolado das outras formas de conhecimento. Pois, não garantimos a mudança de atitude de todas as pessoas do mundo, conseguimos atingir uma pequena parcela da população. Principalmente, quando restringimos, no caso deste estudo, a conquista da igualdade por meio de uma modalidade que é a Ginástica Rítmica.

Por isso, focamos na nossa maior inquietação e responsabilidade de mudança, representada pelos e pelas profissionais de Educação Física, ao reportarmos para Rosário (2004), quando afirma que o nosso papel é libertar as formas do corpo, intervindo no desfrutar consciente e intencional do ser humano; em todos os lugares, em especial na escola, mas também no clube, no bairro e onde pudermos com coerência servir o outro e a outra.

Desejamos um e uma profissional capaz de interpretar e aceitar a linguagem dos diversos corpos durante a prática da Ginástica Rítmica e suas diversificadas modalidades, para que possam auxiliar na aquisição da complexidade de saberes, na perspectiva da educação. Para isso, este deve estar fortalecido a partir das relações humanas ensinadas desde o nascimento, ao invés, de ficar aguardando a chegada no processo de formação para transformar a cultura adquirida.

Propomos, também, uma formação continuada periódica nos currículos das instituições de ensino superior. Uma vez que, a sociedade está em constante mudança refletindo uma gama de novidades e modernidades que o processo de formação, e mesmo o ensino fundamental e médio, devem tentar acompanhar.

Na Formação em Educação Física devemos estar em alerta para detectarmos as modalidades e/ou atividades que despertam maior interesse pela prática e outras que estão sendo criadas para, na medida do possível, serem adicionadas aos currículos. Isso pode acarretar, futuramente, na substituição da Ginástica Rítmica e demais modalidades, que hoje julgamos importantes, por novos movimentos que venham a surgir na sociedade. Assim, devemos estar convictos desta necessidade para, no momento adequado, encerrarmos o papel da Ginástica Rítmica permitindo o início de uma nova proposta.

Abordamos, no capítulo que segue, a Ginástica Rítmica, enquanto modalidade, analisando as dimensões desse esporte desde o surgimento da Ginástica, no seu processo cultural e histórico. Com embasamento teórico propomos a sua transposição para meninos e meninas a partir de um profissional de Educação Física competente.



CZR



GR Japan's group

Fonte: *Home Page* da Federação Internacional de Ginástica, acessada em 21 abr 2007.

3 – ESPORTE E GÊNERO: NO RITMO DA GINÁSTICA RÍTMICA PARA AMBOS OS SEXOS

Você pode ser poeta
Sem ter feito poesia
Você pode ser atleta
Sem competir no dia a dia.

Nelson Sargento (2005, p.26)

No presente capítulo, traçamos uma rota cultural pela história da ginástica chegando até às relações manifestadas no momento em que estamos. Contudo, a citação de Sampaio (2002) nos faz imaginar o movimento das águas para podermos chegar a uma nova visão de mundo:

[...] pergunto se o ritmo das águas, tão imprevisível e multiforme, não pode dar o tom do caminhar novo que buscamos. Ouvir as canções da água, nos leitos e desvios que o curso das relações ecossistêmicas provoca, pode ser pista inusitada, prazerosa e propiciadora de horizontes. Extrair do movimento ordenado/desordenado das águas o convite a um movimento novo, na direção de revisão das racionalidades discursivas a que estamos acostumados, não é mero recurso de linguagem, e sim proposição de perspectiva (SAMPAIO, 2002, p.86).

Além do ritmo das águas que nos levam a um curso, no caso para as relações ecossistêmicas, encontramos o ritmo na Ginástica Rítmica. Esse engrandece a modalidade na qual o ritmo do movimento corporal e o ritmo do aparelho (arco, bola, corda, fita ou maças) em movimento seguem o mesmo ritmo da música tema da coreografia, que guia, harmoniosamente, a/o ginasta durante a sua apresentação. Assim, neste estudo, caminhamos no ritmo da Ginástica Rítmica para homens e mulheres, em alguns momentos lentamente, outros moderadamente e, poucas vezes acelerado.

Segundo Stanquevisch (2004), desde a pré-história, a atividade física existiu com importância para o ser humano manter suas capacidades físicas, que auxiliavam na sua sobrevivência, pois, precisava se proteger de grandes animais, andar em terrenos acidentados, caçar, correr, nadar e lutar; movimentos cuja repetição contínua proporcionavam ao ser humano um grande condicionamento físico e força muscular.

O ser humano pré-histórico, segundo Stanquevisch (2004, p.24), na sua vida diária, não conseguia prever os obstáculos diários:

[...] o ser humano pré-histórico desenvolvia as suas capacidades físicas e habilidades motoras sem um método específico aplicado. Somente executando os movimentos de forma natural de acordo com

as exigências de seu dia-a-dia. Porém, aos poucos surge a necessidade de aperfeiçoar e, conseqüentemente, o treinamento dos movimentos torna-se a maneira mais eficaz de evitar o erro durante um luta contra o inimigo, por exemplo. O ser humano seguiu o ritmo desta evolução, buscando sempre as melhores formas de se exercitar.

A disputa pela vida nessa época era o caminho para a precisão e a perfeição dos movimentos, uma vez que, ao cometer um passo errado significava, possivelmente, a morte. Era preciso, então, uma constante análise do território inimigo e dos seus respectivos integrantes, para construir uma estratégia de ataque, treinando o percurso e os movimentos a serem realizados em cada momento.

Fazendo uma analogia com o presente, esse tipo de estratégia e de treinamento ainda é utilizado pelos técnicos e pelas técnicas de equipes esportivas de alto-nível de desempenho. Porém, infelizmente os adversários e as adversárias, na sua grande maioria, também são estrategistas e estão treinados para enfrentar o outro e a outra. Por essa razão não podemos prever as reações que o outro ou a outra terá durante a luta/competição, ficando impossível definir previamente a vitória.

Para Rubio et al (2006) as práticas esportivas da sociedade contemporânea, no caso dos Jogos Olímpicos, nas últimas edições realizadas, apontam para uma rivalidade entre as várias nações participantes o que pode levar a transformação da proposta inicial de celebração.

Percebemos, assim, que o ato de competir pode ser um dos motivos para vivermos em uma sociedade desigual, dividida em melhores e piores, vencedores e perdedores, vitoriosos e derrotados. Nessa sociedade, os princípios sobre gênero, que defendem a igualdade entre os seres humanos respeitando as suas individualidades, não se estabelecem, em geral, entre os relacionamentos, em especial durante as competições esportivas; contudo, devemos compreender que a competição com respeito ao próximo, deve ser estimulada e desenvolvida para que haja consciência de limites, valorizando a virtude dos demais companheiros e companheiras, tendo-os como espelho para a sua superação, corrigindo os erros cometidos.

Iniciamos, então, abordando o princípio da ginástica no continente europeu que traz uma cultura enquadrada em regras rigidamente seguidas pela sociedade, diferente daquela do Brasil, que está localizado no continente Latino-Americano, denotando características tropicais e festivas; ambos apresentaram essas

características desde os séculos passados até hoje, talvez com menor aprofundamento.

A ginástica, no início era sustentada pela sociedade burguesa, modelando e adestrando o corpo com exercícios físicos e detalhados. Sua prática difundida nos países da Europa fez nascer o “Movimento Ginástico Europeu” (LANGLADE & LANGLADE, 1970).

Para Soares, (1998, p.18) esse movimento está constituído,

[...] a partir das relações cotidianas, dos divertimentos e festas populares, dos espetáculos de rua, do circo, dos exercícios militares, bem como dos passatempos da aristocracia. Possui em seu interior princípios de ordem e disciplina coletiva que podem ser potencializados.

Como podemos notar, existiu um movimento social para a popularização da ginástica que tinha, atrelada aos seus movimentos corporais, toda a cultura da época, enraizada nas festividades que buscavam a alegria do povo, mesmo com a exigência dos corpos estarem retos ao praticá-la. A ginástica, nesse momento, era dirigida a todas as pessoas e, na maioria das vezes, desenvolvida em grandes grupos com um instinto de coletividade.

Assim, detectamos que a ginástica começou pelo corpo e não poderia ser diferente, pois é um movimento corporal e cultural. Ao lermos os ensinamentos de Alves (1987), vemos que nos seus estudos defende que o mundo também começou pelo corpo. Tudo que o ser humano criou - seus instrumentos, sua sociedade, valores, aspirações, esperanças, memórias, mitos, linguagem, religião, ciência - todas as invenções humanas foram criadas pelo corpo e em benefício do mesmo (sobrevivência), por meio de ações que tenham por fim uma vida plena de satisfações, pois nesta consiste o fundamento e a meta do mundo humano.

Qualquer gesto ou palavra que desejamos demonstrar para o outro e a outra depende do corpo. Não conseguimos viver sem o corpo. Por isso, classificamos como importante o seu desenvolvimento e a sua manutenção com prazer. Foi nessa perspectiva que os europeus ofereceram a ginástica para a população, ou seja, para movimentar o corpo. Nesse sentido defendemos, independente do público que tentou atingir e/ou atingiu a ginástica, que esta pode e deve ser vivenciada por todos os tipos de corpos.

Contudo, a ciência no século XIX supervisionava e limitava a vida em todas as dimensões, estabelecendo ordem no tempo das pessoas. Então, a ginástica é construída, conseqüentemente, de um caráter paralelo ao da época: ordenativo, disciplinador e metódico. Ela supostamente implicava na preservação da saúde, que era considerada responsabilidade individual; além disso atendia diferentes práticas corporais, baseadas em exercícios militares de preparação para a guerra, com jogos populares e nobres, acrobacias, saltos, corridas, equitação, esgrima, danças e canto (LANGLADE & LANGLADE, 1970).

Esse vasto repertório de atividades atraía os olhos e a participação da sociedade, que era precavida higienicamente de doenças e lamentações. Um século marcado pelas ações corporais que em Soares (1998), encontramos como necessidade à criação dos círculos científicos aprisionando todas as linguagens práticas com a denominação de ginástica. O “Movimento Ginástico Europeu” foi o primeiro esboço da teoria hoje denominada “Educação Física Ocidental”, tendo como objetivo intervir nos modos de ser e viver.

Surge, então, a Educação Física com o objetivo de ser uma área concentrada a estudar a saúde, as atividades corporais e o esporte. Assim, ao voltarmos para a nossa realidade vemos que esse princípio continua basicamente o mesmo. O que talvez, seja contrário ao que a maioria das pessoas pensam, isto é, a Educação Física não se perdeu durante a sua caminhada de inserção e realização, mas manteve suas raízes européias, como mostra o título “Educação Física: Raízes Européias e Brasil”, do livro de Soares (1994), até hoje. Por isso, o Brasil recebeu a Educação Física com influência do continente vizinho, perceptível ainda nos dias contemporâneos.

Mas, como se deu essa imposição do movimento ginástico rígido e disciplinado, sendo que o povo brasileiro apresenta um perfil diferente dos europeus? Como ensinaram os brasileiros a praticar esportes e atividades físicas mantendo a retidão de um corpo culturalmente “malandro” e *caliente* com movimentos gingados?

No “Movimento Ginástico Europeu”, averiguamos que algumas desigualdades eram fortemente estabelecidas no século XIX. Artistas, estrangeiros, errantes, situados no limite da marginalidade fascinaram as pessoas fincadas em vidas metrificadas e fixas. Quem atuava no circo também era discriminado, pois, esse surgiu para libertar a população dos comportamentos médicos e higienistas

que preservavam a limpeza e a perfeição, cultivadas pelos burgueses e pelas burguesas. O circo era composto de uma atração lúdica por meio do espetáculo do corpo, demonstrando o risco e o perigo das acrobacias e dos contorcionismos; o oposto da retidão corporal (SOARES, 1998).

Nessa perspectiva, podemos perceber que, possivelmente, os trabalhadores e as trabalhadoras do circo não eram vistos com bons olhos, uma vez que se rebelavam contra os valores retilíneos da época, pelos movimentos exagerados e animados que atraíam a atenção da população. Provavelmente, colocavam medo nas autoridades, que não concordavam com os seus modos de viver, pois, a sociedade poderia, além de admirá-los, segui-los ameaçando o controle do poder.

Assim, a retórica da negação do circo nos escritos sobre a Ginástica científica no século XIX foi-se ampliando. Acentuou-se, por exemplo, o temor ao imprevisível que o circo, aparentemente, apresentava. Suas artistas de arena, em suspensão e gestos impossíveis e antinaturais, a mutação constante de seus corpos se transformou numa ameaça ao mundo de fixidez que se desejou criar (SOARES, 1998, p.26).

Há três séculos, as palavras dos ditadores e ditadoras prevaleciam sobre a sociedade submissa. Dessa forma, poderosos e poderosas lapidavam as regras dentro do que era vantagem permitir que fosse executado pelo povo, bloqueando o que era desejável para o mesmo. Um dos exemplos dessa atitude é o próprio circo, que era prazeroso para as pessoas e proibido pelas autoridades. Voltando para o presente momento, notamos que muitos espetáculos presentes na sociedade atual são impedidos de serem apresentados ao povo, como: conhecer realmente para onde vai o dinheiro da população, quem e quanto tem no governo, quais as ações realizadas nas federações e confederações esportivas, as repressões e as violências do corpo oprimido e tantos outros fatos soterrados para impedir o manifesto da indignação.

A condenação aos movimentos circenses foi tamanha que associaram as inversões dos órgãos genitais ao pecado, de acordo com o pensamento da elite e da igreja que diziam: “Ele representa os infernos, as tentações, a sujeira, o que devia ser contido, escondido. Valorizava o “alto” onde se localizava a cabeça, o comando deste corpo” (SOARES, 1998, p. 28).

Mas, será que os desejos e os sentimentos de prazer se localizavam somente nos órgão genitais? Deveria apontar para o céu a cabeça, lugar onde não

cabem os pecados? O corpo inteiro revelava o que a pessoa pensava, sentia e fazia? O medo da igreja girava em torno da expressão dos sentimentos, da vontade e da necessidade de alguém questionar o sistema e as normas vividas?

O instrumento mais adequado para combater esse medo e as atitudes das pessoas foi a Ginástica Francesa, redesenhada a partir da metade do século XIX, distanciada dos militares para ser ampliada à população com a intenção de desenvolver hábitos e posturas saudáveis. Essa renovação atingiu as mulheres que receberam um tratamento especial, abandonando os artifícios ou roupas da moda como espartilhos, porta-seios, saltos altos para poder receber naturalmente um bebê. Iniciaram, também, pesquisas para o surgimento de propostas de exercícios corporais específicos para as mulheres (SOARES, 1998).

Pela primeira vez nessa história mencionaram as mulheres. Mas, como na maioria das vezes, a preocupação dos homens e dos médicos está voltada à maternidade, e nesse momento, sadia. O uso de vestimentas apertadas, para modelar as formas da mulher, poderia prejudicar a gestação da criança, que já deveria nascer padronizada à cultura da saúde, do adestramento e da estética corporal.

Além da França, a partir de 1800, existiram mais três países com formas distintas de encarar os exercícios corporais. Essas formas receberam o nome de “métodos ginásticos”, e os países foram: Alemanha, Suécia e Inglaterra (SOARES, 1994). Assim, notamos que as atividades físicas não foram desenvolvidas somente em um país, e sim em uma região de países, cada qual com as suas características incentivou a saúde do seu povo; talvez seja possível crer que uma nação acabou por influenciar a outra.

Na Escola Alemã a ginástica surge para a defesa da pátria por homens e mulheres fortes, robustos e saudáveis; esse corpo deveria ser alcançado pelos estudos das ciências básicas que eram: a biologia, a fisiologia e a anatomia. A Escola Sueca implanta a ginástica para extirpar vícios como o alcoolismo e criar indivíduos preocupados com a saúde física e moral, sendo úteis à produção, quando começou a industrialização, bem como à pátria. A Inglaterra desenvolveu de modo mais acentuado, o esporte, contudo, essa escola não é relevante para o nosso estudo, sendo necessário enfatizarmos com mais primor as outras escolas (SOARES, 1994).

Essas escolas apresentam características semelhantes, pois foi uma época marcada pela obtenção de saúde para defender o seu país, lutando na guerra e trabalhando na produção para o desenvolvimento econômico. Pessoas doentes ou acamadas dificilmente conseguiriam desempenhar essas funções; tudo que poderia ajudar para as pessoas manterem seus corpos saudáveis era valorizado. É importante mencionar que cada país tinha o seu/sua dirigente/governante/a responsável pela aplicação das ginásticas e seus respectivos métodos, por isso, tiveram as suas particularidades e diferenças e, com isso, cada população também respondeu de um jeito. É importante lembrarmos que os métodos ginásticos foram transplantados para outros países fora do continente europeu.

Os outros continentes que adotaram os métodos ginásticos, conseguiram seguir à risca os propósitos europeus?

Com o passar dos anos, Georges Hébert na França, elaborou o Método Natural, provocando uma reação aos métodos artificiais e analíticos da ginástica sueca. Ele utilizou os costumes dos primitivos, em seus exercícios diários que os mantinha em boa forma física e virilidade. Dividiu seu método em: marcha, corrida, salto, quadrupedismo (deslocamento sob quatro apoios), trepar, equilibrar, transportar, lançar, defender e nadar. Para completá-los foram agrupados a mais dez atividades: com cavalos, bicicleta, canoa, patins, armas, recreação, jogos, danças, esportes, cantos (LANGLADE & LANGLADE, 1970).

Detectamos um desprazer para com o objetivo do método ginástico francês, que estava preso aos movimentos esteticamente bonitos, começando a brotar um novo olhar para as ações corporais; com movimentos e comportamentos instintivos visando a reprodução e a sobrevivência, distante dos padrões religiosos que pregavam o alinhamento e a razão, além dos métodos técnicos e sincronizados.

De acordo com Stanquevisch (2004, p.32), era entendimento de Hébert que a natureza e a qualidade do trabalho deveriam superar os aspectos relacionados à qualidade de execução, entretanto:

Este fato, inicialmente, não agradou aos políticos de seu país, que consideravam a técnicas, a sincronia dos movimentos e a estética, fundamentais para a prática gímnica, porém foi mantendo esta teoria que Hébert conquistou a juventude francesa.

Apesar do desgosto do poder, o método mais naturalista desprendia-se um pouco da ordem e da disciplina do método imposto nas escolas, agradando os

jovens franceses e as jovens francesas que, provavelmente, desejavam conhecer outras propostas de movimento. A descoberta do novo desperta o prazer e cria novas oportunidades.

Langlade e Langlade (1970) fazem uma crítica quando afirmam que faltou a este método natural o aspecto lúdico, tornando-o uma atividade sem alegria para ser praticada na escola. Mesmo assim, o método foi de uma indiscutível importância para a ginástica mundial.

Em qualquer atividade, seja no trabalho ou no tempo disponível, quando conseguimos a presença da ludicidade o seu desenvolvimento é enriquecido com o sorriso de gratificação. Isso deve ser expandido para as atividades físicas e esportivas que, também podem ser realizadas como trabalho, no caso de atletas, ou como lazer, ambas tendo o lúdico como companheiro. Quando o lúdico aparece durante os treinamentos de alto-nível de desempenho e nas demais atividades corporais, por mais que exista a repetição, que é inevitável, os movimentos passam a ser prazerosos. Atividades repetitivas, como os métodos europeus por exemplos, em geral sem significado para o ser humano que está realizando, furtam o lúdico e passam a ter movimentos mecânicos, praticamente sem vida.

"Acredito que negar a possibilidade de manifestação do lúdico é negar a esperança. E ao negar a esperança (...) a sociedade nega para si, como um todo, a esperança de um futuro novo" (MARCELLINO, 1989, p.57). Para o autor, identificamos que continuar vivendo com a ausência do lúdico, significa continuar fazendo as mesmas coisas, ocasionando um transtorno no pensamento humano, ou seja, o novo estará provavelmente enterrado.

Nesta perspectiva, o lúdico precisa ser entendido como: "a lógica do ser feliz agora, do construir o futuro (e não do preparar-se para o dia em que ele despencará sobre nossas cabeças), do resolver o velho e construir o novo, da nova utopia" (OLIVIER, 1999, p.21). Uma utopia posta como algo próximo e concreto a ser alcançado, ao contrário daquela sonhada e subjetiva que dificilmente pode ser realizada; assim está a possibilidade de vivermos o lúdico a cada momento do presente, ao invés, de deixarmos para quando houver tempo.

No entanto, os métodos ginásticos foram e ainda são importantes, mas quem ensina deve dar oportunidade para o aluno e para a aluna criar a partir do aprendido. Contudo, é fundamental enfatizarmos que foi na tentativa de revolucionar

os primeiros métodos ginásticos que surgiram outros e, ainda, é assim que surgem novos métodos ou acontecimentos.

Seguindo a história da Ginástica, nossa atenção volta-se para o surgimento dos chamados Grande Movimentos, que aconteceram na Alemanha localizada no Norte da Europa e na Suécia localizada no Centro do mesmo continente (STANQUEVISCH, 2004).

Langlade e Langlade (1970) afirmam que no Movimento do Centro, na Suécia, houve duas manifestações: a artístico-rítmico-pedagógica e a técnico-pedagógica. O Movimento artístico-rítmico-pedagógico, mais tarde, originou a Ginástica Moderna e a Ginástica Rítmica de Jaques Dalcroze.

Finalmente chegamos aos primeiros indícios do surgimento da Ginástica Rítmica, que aparece valorizando a arte, o ritmo e a pedagogia; indo além dos métodos ginásticos padronizados, nos quais exigiam somente a repetição e a sincronia dos movimentos; apesar de a repetição e a sincronia dos exercícios serem importantes para essa nova atividade corporal.

Com base em Langlade e Langlade (1970) descobrimos que o verdadeiro criador da Ginástica Moderna foi Rudolf Bode, com influência de outros pensadores e outras pensadoras. Assim, devemos reforçar que as contribuições para a nova ginástica vinham da esfera artística, por profissionais da música, da dança e do teatro, muito embora, a luta para a criação da Ginástica Moderna tenha dependido de Jean Georges Noverre, profissional que trouxe novas tendências para a esfera da dança e, posteriormente, para o campo da ginástica.

A ginástica expressiva, conhecida como Ginástica Moderna, tornou-se alvo da atenção na Alemanha e incitou discussões sobre os problemas ginásticos. Surgiram, então, discípulos da obra de Bode, entre eles Hinrich Medau, sendo uma de suas contribuições a utilização de aparelhos portáteis na ginástica. Ele percebeu que com esses aparelhos, o aluno e a aluna desenvolviam sua execução de forma mais solta, natural e, conseqüentemente, mais completa. Um desses aparelhos foi a bola, cujo valor ele descobriu a partir de seu interesse por basquetebol. A maçã foi estudada quando se percebeu que nos movimentos naturais humanos, não existia simetria rigorosa, por exemplo, os dois braços no andar movem-se alternadamente. Com a utilização da maçã na coreografia o corpo pode desenvolver este lado natural do movimento e ampliá-lo. Mais tarde, outros aparelhos manuais fizeram parte do trabalho de Medau, como o aro e o tamborim (LANGLADE e LANGLADE, 1970).

A Ginástica Moderna, a partir das idéias renovadas desses seus possíveis criadores, Bode e Noverre, rompe com os movimentos ginásticos tecnicamente copiados com pouco sentimento e emoção. Essa ginástica podia ser dançada, expressada e encenada com o acompanhamento musical, tudo acontecendo no mesmo instante, elevando, assim, os sentidos, o prazer e a criatividade.

Nos estudos realizados por Gaio (2007), confirmamos que a Ginástica Rítmica recebeu influências de quatro áreas de conhecimento como: Dança, Artes Cênicas, Música e Pedagogia. Porém, o seu surgimento aconteceu, de fato, com o movimento renovador ginástico, presente nas diferentes áreas do conhecimento humano e no crescimento dos movimentos artísticos.

Uma nova contribuição da dança para a Ginástica Moderna ocorreu no século XIX pela bailarina Isadora Duncan, que revolucionou a arte de dançar e inspirou o nascimento da ginástica expressiva de Rudolf Bode, remetendo para as demais ginásticas da época. A Ginástica Feminina sofreu influência direta das idéias de Duncan, incorporando os valores plásticos que utilizava com suas bailarinas. Isso se constituiu numa inovação, pois, até então, somente os homens eram praticantes dos movimentos ginásticos construídos de forma retilínea (LANGLADE & LANGLADE, 1970).

Para Crause (1989), a união de corpo, alma e espírito manifestavam sua presença no ensino do movimento, da terapia e relaxamento, da educação musical e da dança no século XIX, possivelmente, também na ginástica feminina; apontamentos dificilmente vistos anteriormente durante as atividades corporais.

Acreditamos que, provavelmente, foi um início para o rompimento da dicotomia, mas que não está extirpada da atualidade. Muitos ainda desenvolvem atividades que julgam ser somente para o espírito e outros somente para o corpo; somente para os homens e outras somente para as mulheres e assim, sucessivamente.

No Brasil em 1851, devido a Reforma Couto Ferraz, a Educação Física se tornou obrigatória nas escolas do município da Corte. Porém, com resistências por associar o trabalho físico como trabalho escravo. Muitos pais eram resistentes ao ver seus filhos e suas filhas envolvidos com atividades que não tivessem caráter intelectual. Quanto aos meninos, era pouco tolerada por associar a ginástica às atividades militares, em relação às meninas a maioria dos pais proibiam a participação (SACCONI, 2003).

Como a Ginástica Rítmica poderia ser praticada no Brasil se os pais proibiam a participação das mulheres nas atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física?

Contudo, a Ginástica Rítmica apareceu no Brasil somente em 1953 e 1954, quando a professora Margareth Froehlich, austríaca, ministrou aulas sobre o assunto, no curso de Aperfeiçoamento Técnico e Pedagógico em São Paulo, tendo como assistente a professora Érica Saur que o direcionou para a Educação nos cursos de graduação em Educação Física (CRAUSE, 1988).

Como podemos notar muitos anos depois da criação da Ginástica Rítmica na Europa é que esta chegou ao nosso país e, ainda, precisou uma professora austríaca vir ministrar aulas no Brasil para implantá-la. Assim, alguns alunos e algumas alunas que tiveram a oportunidade de conhecê-la, abraçaram a modalidade e disseminaram para a população, inclusive para os cursos de ensino superior em Educação Física.

No presente a Ginástica Rítmica é considerada uma modalidade esportiva feminina e, pela ampliação dos horizontes dos docentes e das docentes e dos alunos e das alunas envolvidos, tem como objetivo o desempenho competitivo e o valor educativo, bem como as suas características são tidas como únicas, o que a diferencia dos outros esportes. Quando enfocamos competição, esta segue as regras estabelecidas pela Federação Internacional de Ginástica – FIG que atende ao sexo feminino.

Segundo, Crause (1989) a Ginástica Rítmica quando competitiva é essencialmente feminina, praticada a mãos livres (sem aparelhos) e/ou com aparelhos (arco, bola, corda, fita e maçãs) cujos movimentos fundamentados na Ginástica Moderna apresentam características próprias que os diferem das outras escolas de expressão corporal, sendo o produto de uma inter-relação harmoniosa entre a técnica corporal, o manejo do aparelho e a sustentação musical.

Em seu lado arte, a Ginástica Rítmica é conceituada como busca do belo, uma explosão de talento e criatividade, em que a expressão corporal e o virtuosismo técnico se desenvolvem juntos, formando um conjunto harmonioso de movimento e ritmo. Como desporto, é uma modalidade esportiva essencialmente feminina, que requer um alto nível de desenvolvimento de certas qualidades físicas, objetivando à perfeição técnica da execução de movimentos complexos com o corpo e com os aparelhos (LAFFRANCHI, 2001, p.3).

Porém, o docente e a docente consciente da inserção desta prática em busca da igualdade pode popularizar a Ginástica Rítmica dentro da escola ou fora dela recebendo, cada vez mais, adeptos independente de raça, idade, gênero, classe e/ou portador de necessidade especial. Mesmo porque, popularizar significa dar oportunidade para todos e todas, e não, simplesmente formar grupos homogêneos só para competir; sem tirar os méritos desta atividade. Em Gaio e Góis, (2006, p.1) encontramos que,

A origem da ginástica está atrelada à busca do corpo forte e musculoso pelos homens. Com o passar dos anos, vários tipos de Ginástica foram surgindo, ora para os homens e ora para as mulheres. Atualmente já se falam em Ginásticas para ambos os sexos.

Apesar de a Ginástica Rítmica ter nascido da iniciativa de contrariar as regras de submissão da mulher e permitir que o corpo feminino também pudesse vivenciar os movimentos ginásticos na sociedade dos séculos passados, atualmente ela precisa ir além, abrindo caminhos para que seja desenvolvida por ambos os gêneros. Devemos ter desprendimento das formas pré-estabelecidas culturalmente pela sociedade, entre homens e mulheres, em que cada um tem as suas atividades específicas, para conquistarmos um momento de igualdade e de liberdade de escolha.

Mas, será que a Ginástica Rítmica está sendo desenvolvida para ambos os gêneros, dentro ou fora da escola? Ou professores e as professoras continuam preocupados em atender somente o sexo feminino?

A proposta da Ginástica Rítmica para ambos os gêneros pode ser possível quando o docente e a docente de Educação Física seguir seus conhecimentos durante a sua formação, transformando-se em um intermediador, para que todos e todas sintam a vontade para expressar os seus movimentos. Nessa perspectiva, a ginástica deve apresentar um caráter diferente do competitivo, mesmo porque, as individualidades devem ser preservadas e, para isso, os professores e as professoras devem permitir a expressividade de cada um.

Além da liberdade individual cedida pelo ou pela docente, os e as discentes precisam interagir com o outro ou outra e, para que não existam preconceitos em relação aos movimentos dos amigos e das amigas, devem aprender a respeitá-los. Mesmo porque, segundo Teixeira (1996, p.61), algumas teorias afirmam que "o

indivíduo não vive e se desenvolve sozinho, necessitando de vários elementos externos para a sua plena relação que estabelece no meio em que vivem, na escola, na igreja, com os colegas, nos clubes, parques (...).”

O mundo que está à nossa volta é importante para a nossa descoberta como seres humanos, que vivem e convivem em sociedade. Assim, para aqueles que atuam com a Ginástica Rítmica, aqueles que estão dentro da escola, mas não trabalham a ginástica, é importante que consigam quebrar os valores femininos dessa modalidade para construir um novo valor com homens e mulheres; é preciso estar em parceria com a mudança das atitudes da sua vida.

Ressaltamos que a Ginástica Rítmica possibilita um repertório corporal fundamental para o ser humano que, algumas vezes, não encontramos em outras modalidades. Por isso, ambos os gêneros devem ter as mesmas oportunidades de desenvolvimento, caso contrário, serão sempre reforçados pelo senso comum, meninos tem facilidade para jogar futebol e meninas para dançar.

Ao detectarmos a consciência corporal como um dos aspectos educativos, podemos compreender a dimensão que representa o conhecimento do próprio corpo e todas as relações por ele estabelecidas com o mundo dos objetos (aparelhos ginásticos), com os indivíduos (novos colegas, grandes amigos e etc.), com a natureza, terra, grama, quadra) (TEIXEIRA, 1996, p.126).

Refletindo sobre o conhecimento deste mundo exterior proporcionado pela Ginástica Rítmica e por outros momentos da vida Alves afirma: “Nosso corpo não se tornou um instrumento. Portanto, temos de inventá-los. Instrumentos são extensões do corpo e entre eles - possivelmente antes deles - o homem criou a sociedade. Esta também consiste num instrumento" (ALVES, 1987, p.158).

De acordo com Teixeira, (1996) a Ginástica Rítmica, enquanto agente educacional propicia a exteriorização de estados interiores do indivíduo espontaneamente, enquanto que como esporte de alto-nível de desempenho, as ginastas e os ginastas não apresentam uma auto-expressão, e sim, uma representação decorada dos estados emocionais e idéias por meio de seus movimentos, para que possam transmitir os conteúdos simbólicos das mensagens.

Todavia, a Ginástica Rítmica dentro da escola, nas aulas de Educação Física, precisa ter condições de atender todos os corpos, assim como nos clubes, academias e outros espaços onde possa ser desenvolvida. Dentro do mundo competitivo precisamos de professores e professoras conhecedores de que os

homens têm o mesmo direito das mulheres de serem atletas de Ginástica Rítmica, desde que seja a sua vontade, dependendo do docente proporcionar esta liberdade.

Com o nosso olhar na Ginástica Rítmica para ambos os gêneros, buscamos Sampaio (2002) quando cita que, o poder hierárquico é responsável pelas relações que subordinam mulheres a homens, negros a brancos, ecossistema a seres humanos, etc. Assim, para essas hierarquias se dissolverem surge a necessidade de um poder na perspectiva de redes:

Trata-se de inaugurar uma experiência que redimensione o ser humano em relação ao ecossistema, não como superior, mas como distinto. Uma experiência de nova percepção de ser e estar no mundo, em um contexto de relações mais amplas que as humanas e sociais. Uma percepção que inclua relações de conexão de seres vivos diferentes e que, pela diferença, criam e recriam a vida ou podem, ao revés, destruí-la. Isso exige uma visão de poder na perspectiva de redes, e não de hierarquias que se sobrepõem (SAMPAIO, 2002, p.92).

Será que as questões hierárquicas de poder na nossa sociedade podem ser aos poucos amenizadas quando oferecermos ao outro e a outra o respeito e a compreensão e vivermos a igualdade entre os seres humanos? O processo de formação de educação básica e superior pode ser um caminho para diminuir as formas de opressão e submissão que muitos estão submetidos? Esse pode ser um dos caminhos para tentarmos transformar, pelo menos uma parcela, do sistema em que vivemos?

[...] fazer uma leitura, com olhos de quem hoje consegue, não entender, mas aceitar o mundo com as diversas diferenças, que brotam da individualidade do ser humano, é se preparar para receber o ser humano na dimensão do humano, para além das suas características biológicas; é ajudar o coletivo de pessoas que moldam a sociedade, construir um mundo novo (...) (GAIO, 1999, p.76).

Na perspectiva da Educação Física, as dificuldades encontradas para romper com as hierarquias sociais de poder são várias, principalmente, quando enfatizamos a Ginástica Rítmica que, no Brasil em geral, tem o domínio feminino e talvez esse seja um dos motivos para a sua pouca popularidade. Segundo Betti (2006), como o esporte é a forma hegemônica da cultura corporal de movimento contemporânea, a popularidade de algumas modalidades esportivas na escola (futebol, voleibol), faz com que os alunos e as alunas resistam às tentativas de incluir outros conteúdos.

Por outro lado, de acordo com Paes (2006), o esporte “caracteriza-se, entre outros aspectos, por sua pluralidade, uma vez que, a cada dia, surgem novos significados e re-significados para a sua prática”. Por isso, quem atua com a Educação Física deve oportunizar a igualdade nas atividades corporais e esportivas construindo significados e reconstruindo-os quando necessário.

No caso, a Ginástica Rítmica, os seus professores e suas professoras, em geral, podem ter, historicamente, um forte significado para o mundo feminino, mas está mais que na hora de começarmos a construir um novo significado para ambos os gêneros.

Diante da história do esporte apresentada, temos em seguida o último capítulo, em que consta: a metodologia da pesquisa; os resultados dos questionários aplicados aos acadêmicos e acadêmicas que cursaram a disciplina de Ginástica Rítmica no processo de formação em Educação Física de três universidades, com o objetivo de sabermos se estão preparados para atuar com a modalidade para ambos os gêneros; como também, as informações dos projetos de extensão desenvolvidos pelos cursos de ensino superior em Educação Física das universidades em estudo.



Alunos e alunas do curso de Educação Física da universidade “1”
na disciplina de Ginástica Rítmica em Jun 2006.
Fonte: Arquivo pessoal da Prof.^a Larissa Terezani



4 – A GINÁSTICA RÍTMICA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA E O DISCURSO SOBRE GÊNERO

Um sonho de universidade passa necessariamente pelo sonho de sociedade e o sonho da universidade só se plenifica quando a sociedade radicalmente se transforma.

Paulo Freire (Arquivos PROEXT, 1986).

4.1 Metodologia

Neste estudo optamos pela “pesquisa qualitativa”, por fazer parte de uma realidade que não pode ser quantificada, produzindo respostas específicas de um assunto particular, levando em consideração as questões sociais (RUDIO, 2004).

Nesse sentido, temos a intenção de analisar o discurso sobre gênero, na disciplina de Ginástica Rítmica, nos cursos de ensino superior em Educação Física. Considerando que esse esporte é somente feminino, que faz parte do conteúdo da Educação Física Escolar e que os ingressantes nas faculdades são alunos e alunas, surgem os questionamentos:

Como essa modalidade é abordada nos cursos de Educação Física? Estão os alunos e alunas preparados para trabalhar essa modalidade com ambos os gêneros?

Inicialmente, realizamos uma pesquisa bibliográfica no sistema de bibliotecas da Universidade Metodista de Piracicaba, sobre as palavras chaves: Gênero, Educação Física, Formação Profissional e Ginástica Rítmica. Segundo Severino (2002, p.163) essa pesquisa tem a finalidade de:

[...] informar o leitor a respeito das fontes que serviram de referência para a realização da pesquisa que resultou no trabalho escrito. Essa bibliografia deve conter a indicação de todos os documentos que foram citados ou consultados para a realização do estudo, fornecendo ao leitor não só as coordenadas do caminho do autor, mas também um guia para uma eventual retomada e aprofundamento do tema ou revisão do trabalho (...).

De acordo com Lakatos e Marconi (1999), toda pesquisa deve ter fundamento numa teoria que dê direcionamento para que uma investigação seja bem sucedida, e sendo esta teoria científica, ela contribuirá para a análise dos dados.

Para a pesquisa de campo desenvolvemos um estudo comparativo entre três universidades particulares, sendo duas do Estado de São Paulo e uma do Estado do Paraná, onde os cursos de Educação Física possuem a disciplina

Ginástica Rítmica. Assim, “o interesse dos estudos comparativos reside na ultrapassagem da unicidade e na evidenciação de regularidades ou de constantes entre várias organizações cujas semelhanças e dessemelhanças são analisadas” (BRUYNE et al, 1991, p.228).

Nesses cursos de ensino superior em Educação Física, selecionados para colhermos o discurso dos discentes e das discentes que cursaram as disciplinas de Ginástica Rítmica, realizamos uma pesquisa do tipo descritiva de opinião, a partir de um questionário que tratam da temática Ginástica Rítmica e gênero com perguntas abertas e fechadas.

A pesquisa descritiva, é realizada quando descrevermos os fatos, ela está interessada em conhecer e analisar fenômenos, tentando classificá-los e interpretá-los (RUDIO, 2004).

Essa pode aparecer de diversas formas, mas neste estudo optamos pela pesquisa de opinião, a qual, constatamos em Rudio, (2004) que procura saber quais as atitudes, ponto de vista e preferências tem as pessoas a respeito de algum assunto, com intuito geralmente de tomar decisões sobre o mesmo. Tem o objetivo de identificar falhas ou erros, descrever procedimentos, descobrir tendências, reconhecer interesses, valores e outros.

Este estudo aponta para um avanço gradativo quanto à quebra de paradigma em relação ao estereótipo construído pela sociedade: meninos jogam futebol e meninas fazem Ginástica Rítmica.

A pesquisa de campo nos traz, especificamente em relação à Ginástica Rítmica, a realidade dos alunos e alunas de Educação Física, quanto à preparação dos mesmos para trabalharem com um esporte oficializado feminino, mas, na sua essência, enquanto jogo, pode ser desenvolvido para ambos os gêneros.

4.2 Universo da Pesquisa

O universo desta pesquisa está delimitado em três universidades particulares por terem seus cursos de Educação Física reconhecidos pelos órgãos educacionais superiores e apresentarem nos seus currículos a disciplina de Ginástica Rítmica. Duas universidades selecionadas são do Estado de São Paulo e a outra do Estado do Paraná.

O interesse por investigarmos, pelo estudo comparativo, esses cursos de ensino superior em Educação Física se dá pelo fato deles apresentarem diferenças importantes para o estudo sobre Ginástica Rítmica e gênero. Diferenças presentes, principalmente, nos objetivos dos projetos de extensão em andamento ligados à modalidade Ginástica Rítmica, para assim detectarmos se as realidades dos mesmos influenciam no perfil dos acadêmicos e das acadêmicas em formação.

A seguir estruturamos este estudo comparativo entre as universidades selecionadas a partir dos seus respectivos projetos de extensão.

Universidade “1”: Localizada no Estado de São Paulo, suas informações transcritas estão baseadas na Política Acadêmica e na Política de Extensão por meio da coordenação das mesmas e que foram encontrados na *home page* desta universidade, acessada em 01 de Novembro de 2006. Com especificidade no curso de Educação Física encontramos o projeto de extensão em Ginástica Rítmica “Popular”, o qual foi publicado por Gaio (2007).

Esta universidade entende a Extensão como um reconhecimento de que existe um conhecimento acumulado e sistematizado dentro e fora do espaço acadêmico; um saber presente nas comunidades e nas pessoas tido como saber popular. A extensão tem como objetivo estabelecer um diálogo entre o saber popular e o saber universitário. Neste diálogo a Universidade passa a conhecer de perto as necessidades e as demandas da população, considerando aquelas cujo atendimento contribui para a construção de uma sociedade em que todas as pessoas possam ter o que deve ser uma vida digna.

Por isso, a Extensão permite que a universidade dê um novo direcionamento à tarefa do ensino e à realização da pesquisa. Estes podem passar a ser encarados em seu sentido social e em sua significação política. Nisto, a Extensão passa a ser um elemento indispensável para estabelecer a chamada indissociabilidade entre estas atividades acadêmicas, tal como o prescreve a própria Constituição do Brasil.

Um dos momentos iniciais deste processo, ou seja, a implantação da extensão foi um conjunto de discussões na academia acerca da sua realidade na instituição. Com os dados obtidos nesses encontros e com as informações dadas pelos centros, departamentos/cursos, foi possível elaborar o documento Práticas de Extensão Universitária. Nesta época, isto é em 1988, as posições acerca do sentido da extensão podiam ser resumidas em três concepções, segundo a Coordenadoria

de Extensão da Vice-Reitoria Acadêmica: atividades que ocorrem fora da sala de aula, como cursos, seminários, semanas de estudo, conferências, eventos desportivos e culturais, atividades de prestação de serviços por meio de estágios curriculares; atividades que asseguram o diálogo da universidade com as classes populares, desenvolvidas por meio de projetos de longa duração ou permanentes; prática social que permite o diálogo e a parceria da Universidade com segmentos organizados da sociedade, objetivando formar indivíduos críticos com competência profissional, e produzir conhecimentos na área de atuação do e da docente.

É oportuno mencionar que o processo de discussão e reflexão acerca da extensão continua. O fato de a extensão ser elevada à condição de prática acadêmica na política institucional não garante que todas as atividades nas unidades, subunidades e núcleos materializem esta concepção. Este processo não implica somente a mudança da concepção da extensão. Mais do que isto, envolve a efetivação de uma mentalidade que não dicotomize a teoria e a prática na construção do conhecimento.

Compondo esta universidade estão inúmeros cursos que seguem esses princípios para o desenvolvimento de projetos de extensão, sendo um deles a Educação Física. Os projetos de extensão atendem dois núcleos, de Corporeidade, Pedagogia do Movimento e Lazer e de Performance Humana, abrangendo temas como: processos pedagógicos em Educação Física, qualidade de vida, portadores de cuidados e necessidades especiais, detecção de talentos esportivos, desenvolvimento de habilidades motoras, avaliação postural e ginástica laboral. Em paralelo, também são desenvolvidas pesquisas em duas linhas: Fisiologia, Metodologia e Avaliação da Performance Humana e Imunologia do Exercício, Metabolismo, Nutrição e Performance Humana.

Além da pesquisa e da extensão como possibilidades importantes para a formação profissional, a instituição se preocupa com o ensino que no curso de Educação Física defende uma episteme atrelada aos princípios políticos e éticos, regendo a relação da universidade com os vários segmentos que compõem a sociedade brasileira. Estas tarefas são colocadas como desafio para todos os segmentos da universidade instituindo as categorias da Política Acadêmica como referências para os fazeres administrativos e pedagógico-acadêmicos.

Esse curso de ensino superior em Educação Física tem como objetivo formar profissionais capazes de atuar na comunidade organizando e executando programas de exercícios físicos e atividades esportivas para pessoas ou grupos.

O Curso de Graduação, formado por um corpo docente de Mestres e Doutores, está dividido na modalidade Licenciatura e Bacharelado e, em ambos, os cursos, a disciplina de Ginástica Rítmica é ministrada com duração de um semestre que, somada às demais, capacita o profissional a atuar no planejamento, desenvolvimento e avaliação de procedimentos pedagógicos em esportes, ginásticas, danças, lutas e atividades físicas de forma geral, atendendo ao aspecto formal do ensino dos conteúdos da área e não formal.

A partir desse levantamento sobre a política de extensão da universidade “1” e o curso de Educação Física, aprofundamos nosso olhar no projeto de Ginástica Rítmica “Popular” inserido a princípio pelo CEDES e que continua em funcionamento através do Centro de Qualidade de Vida, espaço onde os acadêmicos estudam e, nos horários sem aulas, fica disponibilizado para atender a comunidade. Segundo Gaio (2007), essa proposta nasceu para propiciar aos seres humanos a oportunidade de vivenciarem as atividades da modalidade, sem desistir ou ser eliminado devido a estereótipos ou habilidades.



FIGURA 1: Ginástica Rítmica Popular – o início do projeto

Fonte: GAIO (1996, p.191)

No município a Ginástica Rítmica começou a ser oferecida para a comunidade em 1989, através de uma parceria entre a Prefeitura e a universidade,

sendo que, no curso de Educação Física a disciplina sobre esta modalidade existe na grade curricular desde 1980. A conquista se deu pela comunhão dos órgãos financiadores que acreditaram e apoiaram o projeto de Ginástica Rítmica “Popular”, visando proporcionar o esporte participativo e competitivo, principalmente em uma época em que somente os atletas eram reconhecidos (GAIO, 2007).

Atualmente, além do espaço da universidade, o projeto acontece nos seguintes núcleos, como são denominados os locais de atuação: Barracão Estação da Paulista, Clube Palmeiras, Centro comunitário do Bairro Vila Cristina, Centro Comunitário do Bairro Cecap, Bairro Santana e Bairro Santa Olímpia. As aulas nesses lugares são ministradas por acadêmicos estagiários do curso de Educação Física que recebem uma bolsa-estudo pela parceria universidade e prefeitura do município.



FIGURA 2: Grupo do Bairro Cecap FIGURA 3: Grupo da Estação da Paulista

Festival de Ginástica Rítmica em Julho de 2006

Fonte: Arquivo pessoal da Prof^a. Larissa Terezani

Para Gaio (2007), a Ginástica Rítmica “Popular” pode ser praticada nas quadras das escolas, nas praças, nos centros comunitários, em qualquer lugar, desde que priorize seus significados e suas relações, despertando o movimento ginástico, em contato com aparelhos diferenciados e criativos.

No núcleo da universidade “1” onde o projeto iniciou, foi construído um horário para agrupar as crianças com maior capacidade, gerando o desenvolvimento das habilidades específicas deste esporte. Assim, atendeu a expectativa daquelas crianças que desejavam se sobressair no meio esportivo, formando grupos que participaram e ainda participam de competições. É importante salientar, que o espaço sempre esteve aberto para ambos os gêneros, porém, a procura pelo sexo masculino foi baixa (GAIO, 2007).



FIGURA 4: Grupos de Treinamento



FIGURA 5: Grupos de Treinamento

Festival de Ginástica Rítmica em Julho de 2006

Fonte: Arquivo pessoal da Prof^a. Larissa Terezani

Hoje, após a inserção da Ginástica Rítmica em 2005, nos Jogos Regionais e nos Jogos Abertos do Interior do Estado de São Paulo, foi formada uma equipe para representar o município nas competições, dando oportunidade às meninas desse projeto popular. Mesmo com o descaso que presenciamos da atual secretaria de esportes da cidade, em 2005 a equipe obteve o 3º lugar nos Jogos Regionais e em 2006 o 2º lugar no mesmo campeonato. Em 2007 novamente, o município comparecerá aos jogos participando nesta modalidade.



FIGURA 6: Conjunto



FIGURA 7: Individual

Equipe de 2006 - Seleccionadas do projeto de Ginástica Rítmica “Popular”

Fonte: Arquivo pessoal da Prof^a. Larissa Terezani

Universidade “2”: Localizada no Estado do Paraná, seus dados foram retirados do projeto de extensão em Ginástica Rítmica do curso de Educação Física, cedido pela coordenadoria do mesmo, no ano de 2006; encontrado também na *Home Page*

desta universidade, acessado em 01 de Novembro de 2006, e na Revista da Universidade, publicada em Julho de 2006.

A Universidade do Paraná é credenciada para atuar no Ensino Superior pelo Governo Federal, conforme Decreto de 03/07/97 com publicação no Diário Oficial em 04/07/97, e, como Instituição de Ensino Superior desenvolve projetos nas diversas áreas em nível de Ensino, Pesquisa e Extensão. Dentro dos Projetos da área de Educação Física, está o desenvolvimento da modalidade olímpica Ginástica Rítmica, a qual é precursora no Estado do Paraná.

Sendo um grande centro de treinamento de Ginástica Rítmica há trinta anos, a Universidade tem promovido, ao longo desses anos, estágios técnicos para equipes nacionais e internacionais de diferentes níveis de conhecimento específico. Vários países estiveram na Instituição como Cuba, Venezuela, Colômbia, Equador, entre outros. Assim, na Coordenadoria de Extensão está registrado o Projeto “Estágios Técnicos Nacionais e Internacionais em Ginástica Rítmica”, onde todos os clubes e entidades interessadas em estagiar na universidade podem solicitar sua participação no mesmo, por meio de ofício (com 30 dias de antecedência), sem custo, pois é gratuito.

Com essa abertura da universidade percebemos as inúmeras equipes de diferentes Estados e cidades que levam suas atletas ou alunas para trocar experiências com as equipes da mesma, que há muitos anos desenvolve a modalidade estando com os conhecimentos técnicos e científicos atualizados.

Dessa forma, uma retrospectiva é necessária para situarmos a universidade do Paraná neste estudo comparativo com as outras duas do Estado de São Paulo. Assim, relatamos que em 1972, a Faculdade de Educação Física, começou a realizar um trabalho em Ginástica Rítmica, modalidade nova e pouco conhecida no Brasil, na época e os acadêmicos e acadêmicas de Educação Física faziam no município e região a popularização do esporte. Hoje esses alunos e as alunas estão em diferentes cidades, atuando em vários órgãos desportivos.

A universidade “2”, iniciou em 1978, o projeto de Ginástica Rítmica Desportiva (atual Ginástica Rítmica), formando uma equipe de competição com as próprias acadêmicas do curso de Educação Física. Paralelo a isto, os discentes da faculdade de Educação Física organizavam campeonatos entre as crianças da região, que os mesmos treinavam, onde era premiado até o 5º lugar. Essas crianças

eram chamadas a treinar com a equipe da universidade passando a participar de eventos estaduais e nacionais nas provas de conjunto e individual.

Como podemos perceber, há quase três décadas já se evidenciava a preocupação com a questão de gênero na formação profissional, inserindo os alunos e as alunas no projeto de Ginástica Rítmica desenvolvido para a comunidade. Apesar da equipe de competição ser formada só pelas alunas do curso de Educação Física, o que pode ser justificado pelo fato de na época existir campeonatos oficiais somente para o sexo feminino; os homens ensinavam as crianças e realizavam eventos para selecionar os talentos desta modalidade.

Dando seqüência aos acontecimentos, em 1979, a Ginástica Rítmica passou a integrar o projeto Pólos Esportivos, criado pelo governador do Estado do Paraná em parceria com a prefeitura da cidade na qual se localiza a universidade em estudo. A coordenação ficou a cargo da professora que ministrava esta disciplina no curso de Educação Física, por ter incentivado a prática da modalidade em várias cidades do Estado, criando novos pólos de iniciação nestes municípios.

Contudo, atualmente a popularização da Ginástica Rítmica acontece por esse projeto de extensão que reflete um enriquecimento para a cidade e região, a partir dos seguintes pressupostos elencados pela universidade e pelo curso de Educação Física: contribuição na formação corporal e conseqüentemente melhora da saúde; desenvolvimento contínuo da Ginástica Rítmica; estruturação do trabalho de base no município; aparecimento de novos talentos; participar de eventos promovidos pelas entidades responsáveis no Paraná e Brasil, levando o nome da universidade para todos os segmentos da Ginástica e exposição na mídia.



FIGURA 8: Detecção de Talentos

Fonte: *Home Page* da universidade “2”, acessada em 01 nov 2006

Hoje a universidade conta com dois “campi”, com aproximadamente 500 crianças envolvidas com Ginástica Rítmica; são meninas que entram na iniciação e após participarem de um processo dirigido por profissionais especializados vão se aprimorando neste esporte e, com isso, passam a participar de eventos estaduais, nacionais e internacionais.

O município, onde está localizada a universidade “2”, é o atual centro nacional de excelência em Ginástica Rítmica, sendo também referência internacional em todo continente americano. Pela escola de iniciação em Ginástica Rítmica, promove a popularização do esporte e o surgimento de novos talentos que, futuramente, integrarão as equipes de competição, uma vez que conta com pólos externos em diferentes bairros do município, onde as crianças da periferia têm a possibilidade de praticar esta modalidade.

As crianças têm aulas de Ginástica Rítmica dois dias por semana na Escola Oficina Pestalozzi (Jardim Franciscato, zona sul), na Escola Municipal José Garcia Villar (Jardim Interlagos, zona leste), no Salão Paroquial do Jardim Monte Cristo (zona leste) e na Escola Municipal Maria Tereza Amâncio (Jardim Santa Rita XI - zona oeste). Esta nova fase da escolinha foi motivada por um pedido da Promotoria da Infância e Juventude para que entidades da cidade realizem trabalhos com menores, numa tentativa de afastar os jovens e as crianças das drogas e da criminalidade.

Atualmente, cerca de duzentas crianças de duas faixas etárias (de seis a oito e de nove e dez anos) praticam Ginástica Rítmica na escolinha, realizada no Campus Piza, onde está localizada a faculdade de Educação Física. Neste mesmo local, trinta e cinco meninas se encontram em etapa de treinamento e por isso, são chamadas de ginastas. Elas dividem as categorias: Pré-infantil, Infantil e Juvenil. Além destas, outras trezentas crianças praticam Ginástica Rítmica nos bairros de comunidades carentes, mencionados no parágrafo anterior, orientadas por docentes e discentes de Educação Física; uma etapa iniciada há alguns anos, que constrói uma ramificação a mais dentro do projeto permanente de extensão que, mantém as escolinhas.



FIGURA 9: Ginastas da Escolinha

Fonte: *Home Page* da universidade “2”, acessada em 01 nov 2006

Dentro da escola de Ginástica Rítmica, os talentos são selecionados para participarem das equipes de treinamento e competição. Estas equipes são formadas por crianças da escolinha e divididas pelas seguintes categorias: pré-infantil (09 a 11 anos), infantil (11 a 13 anos). Estas ginastas participam de eventos regionais, estaduais e nacionais de acordo com seu nível técnico. Todas as ginastas têm acesso à preparação física, aulas de Ballet Clássico e treinamento especializado que duram em média de 04 a 07 horas diárias.

A universidade patrocina os estudos das atletas até o final de suas carreiras esportivas, e dá suporte técnico para as ginastas do Paraná que se destacam e que moram em outras cidades. A Escola de Ginástica Rítmica atende a toda comunidade e o serviço oferecido é gratuito. As inscrições para os testes ocorrem anualmente, durante os meses de fevereiro e março. O projeto atende crianças de 05 a 09 anos, distribuídas em diferentes turmas de acordo com o seu nível técnico e faixa etária.

Todo esse trabalho de base em prol da popularização da Ginástica Rítmica e a descoberta de talentos refletem nas melhores atletas do país e por isso a universidade foi, por alguns anos, sede da seleção brasileira. Esse desenvolvimento também é reflexo de uma formação em Educação Física pautada em disciplinas que contemplam a modalidade para profissionais de ambos os gêneros.

Com isso, vemos como importante fazermos um breve relato sobre a passagem da seleção brasileira no município do Estado do Paraná. Em 1998, quando parte das integrantes da seleção eram ginastas da universidade “2”, esta participou do Campeonato Mundial realizado em Sevilha, na Espanha, melhorando do vigésimo quarto lugar (24º) para o décimo terceiro (13º), sendo uma das favoritas a participar das Olimpíadas de Sidney, em 2000. Em 1999, a Seleção Brasileira de

Ginástica Rítmica, conseguiu um dos títulos da história da modalidade no Brasil, o Campeonato Pan-americano de Winnipeg no Canadá. Pouco tempo depois foi confirmada a presença das brasileiras nas Olimpíadas de Sidney na Austrália em 2000, no qual foram finalistas. O conjunto colocou o Brasil entre os melhores do mundo, voltando em oitavo lugar (8º).



FIGURA 10: Seleção Brasileira - Sidney 2000

Fonte: *Home Page* da universidade “2”, acessada em 01 nov 2006

Em 2003, a Seleção Brasileira de Ginástica Rítmica de Conjunto conquistou nova medalha de ouro no Pan-Americano de Santo Domingo, solidificando sua imagem de referência no esporte. Classificado para a Olimpíada de 2004, em Atenas, o conjunto ficou mais uma vez entre os finalistas, repetindo o desempenho de Sidney e conquistando o oitavo lugar (8º). O ano foi fechado com mais uma grande conquista para: as equipes infantil, juvenil e adulta que venceram as três categorias do Campeonato Brasileiro de Ginástica Rítmica de Conjunto, realizado no Estado do Paraná, com a participação de 25 equipes do Brasil.

Apesar dos resultados obtidos em 2004 e nos anos anteriores, a decisão da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) de dissolver a Seleção Brasileira de Conjunto – anunciada poucos dias antes da equipe embarcar para as Olimpíadas – motivou a comissão técnica de Ginástica Rítmica da universidade “2” a centrar todos os esforços nas equipes de base. Em 2007, a seleção brasileira se encontra reformulada e renovada com o centro de treinamento em Vitória, no Estado de Espírito Santo.



FIGURA 11: Equipe de base

Fonte: *Home Page* da universidade “2”, acessada em 01 nov 2006

Nos dias atuais as equipes desta universidade contam com a experiência de ex-ginastas da seleção brasileira, que comandam as equipes de categorias menores. No ano de 2005, confirmaram o favoritismo em nível nacional ao vencerem o Campeonato Brasileiro de Conjuntos – *Ilona Peuker*, nas duas categorias que participaram: pré-infantil e infantil.

Enquanto as equipes mais experientes colecionam títulos nacionais e internacionais, um trabalho dedicado e silencioso prepara as futuras gerações da Ginástica Rítmica nacional. Docentes e discentes do curso de Educação Física se dedicam à escolinha e ao pólo de treinamento visando descobrir talentos e formar ginastas de alto nível de desempenho.

Outro avanço da universidade é o Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ginástica Rítmica que acontece em dois blocos distintos, janeiro/fevereiro e julho. No ano de 2007 iniciou mais uma turma e, em seis anos de existência recebeu cerca de 150 profissionais de várias regiões do Brasil e da América do Sul, interessados em estudar e pesquisar esta modalidade que vem crescendo. A Especialização em Ginástica Rítmica é muito procurada por ser a única no país, bem como por possuir docentes altamente gabaritados como a atual vice-presidente do Comitê de Ginástica Rítmica da Federação Internacional de Ginástica, a ex-técnica da Seleção Brasileira de Conjunto durante dez anos, a arbitra internacional e Presidente do Comitê Técnico de Ginástica Rítmica da Federação Paranaense de Ginástica.

Algumas regiões do Brasil ofertam cursos, porém raramente de extensão universitária e com carga horária não superior a vinte horas, as chancelas acabam sendo das federações ou ainda de clubes. Tratamos aqui do curso de Especialização em GR (...), organizado como Pós-Graduação *Lato Sensu* com início isolado em 1997 e a formação de novas turmas sistematicamente a partir do

ano de 2000. Além de promover o desenvolvimento do conhecimento científico, tecnológico e cultural, o curso contribui para a melhoria da qualidade na atuação e no magistério do ensino superior, possibilitando estudos específicos nos diferentes níveis de aprendizagem e de rendimento (LORENÇO et al, p.1, 2006).

Todo o desenvolvimento desta modalidade no município, certamente, influencia na cultura da sua sociedade, o que comprovamos no plano de ensino das disciplinas de Ginástica Rítmica, no curso de Educação Física da Universidade do Estado do Paraná, em estudo, uma vez que, averiguamos a importância que o curso dá a modalidade ao abranger na sua grade curricular duas disciplinas: Ginástica Rítmica I (iniciação e pedagogia) e Ginástica Rítmica II (introdução aos aparelhos).

Universidade “3”: localizada no Estado de São Paulo seu relato está pautado na Política Acadêmica e na Política de Extensão da sua coordenadoria e da sua Reitoria. Ela também desenvolve um projeto de extensão, porém, integrado a vários cursos e recebe o nome de Centro Interdisciplinar de Atenção ao Deficiente – CIAD, no qual a Educação Física é uma das áreas dos participantes. As informações foram cedidas pela Coordenadoria Geral de Extensão e pela Coordenadora do CIAD; algumas informações foram encontradas na *Home Page* desta universidade, acessada em 01 de Novembro de 2006, bem como na publicação de Gaio (2006).

Esta universidade, a partir de valores éticos cristãos, considerando as características sócio-culturais da realidade, tem como missão produzir, sistematizar e socializar o conhecimento, por meio de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, visando à capacitação profissional de excelência, à formação integral da pessoa humana e à contribuição com a construção de uma sociedade justa e solidária. Para cumprir a sua missão institucional, promove a execução das suas atividades pelos seguintes valores e condições de desempenho: solidariedade; respeito ao pluralismo e à diversidade; responsabilidade com o meio ambiente; desenvolvimento com sustentabilidade econômico-financeira; pró-atividade; participação e co-responsabilidade; excelência; compromisso social.

A partir destes fatores, selecionados como requisitos para a formação de profissionais das distintas áreas de conhecimento que compõem a instituição de ensino em questão, afunilaremos nossa trajetória para uma das áreas de conhecimento que é a Educação Física que apresenta duas possibilidades: licenciatura ou bacharelado.

A atuação do profissional e da profissional de Educação Física foi regulamentada em 1998, pela lei número 9.696/98, atendendo a uma antiga expectativa da categoria. Com isso, a tendência é que ocorra uma diminuição - ou até mesmo a exclusão - da presença de leigos em alguns setores. A regulamentação da profissão e o exigente mercado de trabalho ampliam, cada vez mais, o espaço para profissionais competentes com consciência de sua responsabilidade social.

O curso de Educação Física desta universidade reformulou o currículo e fez a opção por preparar o profissional e a profissional para atuar em todas as áreas. Mais do que isso, o curso está aberto a atender novas tendências da Educação Física, considerando as características regionais e os diferentes interesses do campo de atuação.

O projeto didático-pedagógico permite a aprendizagem teórica, a aplicação prática e a análise crítico-reflexiva. Para dar suporte ao desenvolvimento do programa, há um conjunto de disciplinas básicas, entre as quais: Desempenho e Crescimento Físico, Métodos do Trabalho em Educação Física, Planejamento e Gestão de Atividades em Academia. Outras estão vinculadas à cultura do movimento, como Ritmo e Folclore, Ginástica, Handebol, Futebol e Teorias do Lazer.

Para colocarem em prática o que aprenderam, além de disciplinas técnicas e específicas, os alunos e as alunas realizam estágios desde o primeiro semestre, projetos de iniciação científica, atividades extracurriculares, projetos de extensão e a atuação em monitorias. Sendo que, a extensão é a atividade acadêmica por meio da qual a universidade compartilha com a sociedade cultura, conhecimento e informação.

Assim, encontramos o Plano de Gestão da Extensão que obedece às diretrizes da respectiva política e têm por objetivo expressar o compromisso da universidade com o Município e a Região em que está inserida. Contudo, deve ser pautada em duas vertentes reciprocamente dependentes e complementares: coleta, armazenamento e divulgação de informações de interesse para a vida da Metrópole; atividades de Extensão integradas com as de pesquisa e as de ensino.

Dessa forma, detectamos as diretrizes da política de extensão para compreendermos adiante algumas medidas tomadas pela universidade no curso de Educação Física e, principalmente, na disciplina de Ginástica Rítmica. Essas

diretrizes foram aprovadas e revisadas, respectivamente, na 356^a e na 382^a Reuniões do Conselho Universitário:

1. Estímulo à aproximação universidade-sociedade propiciando a leitura crítica da realidade, estimulando a troca e a reelaboração do conhecimento e favorecendo a visão integral da pessoa humana e da sociedade numa perspectiva cristã e transformadora.
2. Desenvolvimento de projetos, priorizando os de natureza interdisciplinar, intersetorial e interinstitucional que favoreçam o equacionamento de demandas sociais emergentes.
3. Estímulo ao desenvolvimento de Projetos de Extensão que contemplem a efetiva participação de alunos e alunas, favorecendo a formação ao profissional como cidadão.
4. Articulação permanente com outras instituições e movimentos sociais com vistas ao desenvolvimento de parcerias.
5. Articulação com programas ou projetos de maior abrangência, de iniciativa de outras organizações do setor educacional (MEC, CRUB, ABRUC, ABESC, Fundação UNITRABALHO, etc.).
6. Estímulo a programas, projetos, cursos e atividades de iniciativa da Universidade, que venham a contribuir para o desenvolvimento da região.
7. Apoio permanente ao desenvolvimento de projetos em áreas onde existam linhas de estudos e de pesquisas consolidadas ou onde tenha potencial para a definição dessas linhas.
8. Estímulo à integração das atividades de extensão com os projetos pedagógicos dos Cursos de Graduação bem como com os Programas e Cursos de Pós-Graduação (*HOME PAGE* da Universidade '3').

Em paralelo a esses pontos citados, estão às atividades de extensão, que são definidas pelas práticas docentes e discentes, próprias de determinada área temática e características de um peculiar relacionamento com distintos sujeitos sociais, compreendendo: ações; cursos; eventos e serviços de extensão.

No caso do curso de Educação Física, um projeto de extensão em que está envolvido é o Centro Interdisciplinar de Atenção ao Deficiente – CIAD, o qual leva a comunidade a outros cursos de ensino superior (Psicologia, Pedagogia, Terapia Ocupacional e Artes Plásticas) para dialogar os seus conhecimentos (GAIO, 2006). Segundo a Reitoria Acadêmica (2006), tem por objetivo programar e executar projetos interdisciplinares destinados à capacitação de recursos humanos, bem como da implantação de núcleos de atividades direcionados as pessoas com deficiências, na perspectiva de sua inclusão social.

Dessa maneira, uma das atividades dirigidas as pessoas com deficiências é a Ginástica Rítmica e a Dança (GAIO, 2006), diferenciando das outras universidades em estudo, pois não tem um projeto específico nesta área, aparecendo como complemento de um projeto já existente. A Ginástica Rítmica pode e deve ser

praticada pelos diferentes corpos da nossa sociedade, ao defendemos a sua aplicabilidade para meninos e meninas, não deixaríamos de englobar os corpos portadores de necessidades especiais masculinos e femininos.

De acordo com Gaio, (2006) o CIAD atende 600 pessoas com deficiências, de diferentes tipos, da cidade e região, tendo como meta principal a valorização das pessoas a partir da aproximação destas com as questões que envolvem o ser humano no mundo: a família, o trabalho, a escola, os amigos, as amigas e outros. Um ponto relevante e inédito é o atendimento à multideficiência, que implica no atendimento integrado às diversas deficiências, com programas conjuntos ou específicos.

Uma das metas do CIAD é através da valorização do deficiente como pessoas, facilitar sua inclusão em diversos segmentos da sociedade, desenvolvendo suas potencialidades a partir do conhecimento e aceitação de suas limitações e assim promover a construção da cidadania como patrimônio da sociedade civil, para que os deficientes possam gozar dos seus direitos e deveres exercendo um função social produtiva (GAIO, 2006, p.100).

Esse projeto de extensão contribui diretamente para a formação em Educação Física nesta universidade, uma vez que, os alunos e as alunas têm como experiência ensinar a Ginástica Rítmica como mais uma possibilidade de desenvolvimento global do ser humano (GAIO, 2006). Além dessa vivência durante o processo de formação, a criação e a participação em eventos também são importantes. Por isso, o Centro Interdisciplinar de Atenção ao Deficiente – CIAD, por meio de muitas pesquisas e estudos promoveu em 2006 o “I Congresso Nacional sobre a Inclusão de Pessoa com Deficiência”.

Segundo a coordenadora do evento, foi uma proposta nacional dedicada ao tema “Encontro com as Diferenças: reflexões e ações”, no que concerne às políticas públicas, ao papel do Estado e aos órgãos públicos, da universidade, da sociedade civil e da iniciativa privada, tendo como elemento orientador a efetivação dos direitos do cidadão e da cidadã deficiente.

O congresso buscou estimular e reafirmar o compromisso com a reflexão e a ação dos agentes sociais em busca da superação dos obstáculos para a cidadania e a dignidade das pessoas com deficiências, por intermédio do intercâmbio de experiências, da relação teoria e prática sobre inclusão e deficiência, da construção

do conhecimento sobre o tema, na relação entre ensino, pesquisa e extensão (*Home Page* da universidade “3”, acessada em 01 nov 2006).

Em comunhão com o congresso, o Programa “Arte Sem Barreiras” traz o festival *Albertina Brasil* com ação de continuidade e reconhecimento da arte como linguagem de integração e superação de barreiras e de aproximação dos diversos grupos culturais para alcançar uma sociedade inclusiva. Buscou uma compreensão do fazer artístico das pessoas com deficiência, integradas à contemporaneidade estética e ao desenvolvimento sócio-econômico do país.

Ao passo que a Ginástica Rítmica é caracterizada como um esporte artístico, pode ser também arte, assim, deve estar presente durante as apresentações artísticas; nessa instituição ela é praticada pelas pessoas com deficiências, que é o público alvo do evento, dentro do projeto de extensão desenvolvido pela universidade que está realizando a atividade.

O Congresso e o Festival propuseram ações que incorporaram uma mudança de olhar, ações imersas em perspectivas e repletas de ousadia, capazes de transpor desafios. Um olhar além da diferença, com o sujeito interagindo com seus interlocutores, aproximando por formas culturalmente organizadas de ações, tornando o sujeito do seu próprio desenvolvimento, capaz de utilizar seus potenciais e possibilidades. “Todos foram convidados a participar do desafio dessa mudança de olhar, ou seja, por um olhar diferente, inclusivo” (Coordenadora do CIAD, 2006).

A presença desses projetos de extensão reflete a cultura criada pela instituição de ensino superior, dentro do nosso estudo comparativo entre as três universidades selecionadas, nas quais estamos analisando a formação profissional na disciplina de Ginástica Rítmica e as suas relações sobre gênero.

Mas, além desse estudo, aplicamos um questionário às turmas compostas por alunos e alunas que cursaram as disciplinas de Ginástica Rítmica nessas universidades, que estão interpretados no próximo subitem.

4.3 Interpretação dos resultados

Nesse momento, vamos analisar os dados coletados construindo um diálogo entre os resultados dos questionários obtidos junto aos alunos e alunas das universidades que escolhemos para investigar a formação profissional em Educação Física nas disciplinas de Ginástica Rítmica e as respostas sobre gênero.

Os questionários foram aplicados para os acadêmicos e as acadêmicas na última semana de Junho de 2006 nas três universidades, mês no qual encerraram o semestre e a disciplina de Ginástica Rítmica, tendo condições de opinar se estudaram sobre a modalidade e as questões de gênero. Assim, somente os e as discentes que estavam presentes no dia da aplicação da pesquisa responderam o questionário. Por isso, há uma diferença entre o total de discentes matriculados no curso e o total de questionários respondidos.

Na universidade “1”, constam duas turmas de Educação Física que cursaram no período de Fevereiro a Junho de 2006 a única disciplina de Ginástica Rítmica da grade curricular, estando no 6º semestre do curso, que tem duração de oito semestres; uma turma estuda no período diurno e a outra no noturno; ambas oferecem a titulação em bacharelado e licenciatura. Esta universidade apresenta **63 (100%)** discentes matriculados no 6º semestre do curso de Educação Física, somando-se as duas classes, porém, os questionários respondidos são **40**, o que equivale a **63,49%**.

A universidade “2”, oferece o curso de Educação Física somente no período noturno com a titulação em bacharelado e licenciatura. Os alunos e alunas do 6º semestre cursaram no 1º semestre de 2006 a segunda disciplina de Ginástica Rítmica de uma grade curricular de oito semestres. Assim, esta universidade apresenta **36 (100%)** discentes matriculados no 6º semestre do curso de Educação Física noturno e um total de **28** questionários respondidos, o que equivale a **77,77%**.

No caso da universidade “3”, as turmas do curso de Educação Física são diurnas e noturnas e ambas oferecem a titulação em bacharelado e licenciatura, com duração de oito semestres. As duas turmas do 6º semestre participaram da pesquisa ao cursarem, no 1º semestre de 2006, a única disciplina de Ginástica Rítmica presente no currículo. A soma das duas classes de discentes matriculados no 6º semestre do curso de Educação Física desta universidade resulta em **82 (100%)** e os questionários respondidos são **65**, o que equivale a **79,29%**.

Para tanto, encontramos um total de **181 (100%)** discentes matriculados nos cursos de Educação Física das três universidades. Porém, tivemos um total de **133** ou **73,49%** de questionários respondidos pelos discentes, que cursaram as disciplinas de Ginástica Rítmica no ensino superior em Educação Física somando as três universidades em estudo.

Contudo, para o nosso estudo o mais importante são os discursos dos alunos e das alunas que participaram da pesquisa. Por isso, os 133 discentes participantes da pesquisa somando as três universidades resultam no total de 100% de questionários respondidos para analisarmos os dados coletados sobre Ginástica Rítmica e gênero. Logo, temos as seguintes observações:

Tabela 1. Total de alunos e alunas participantes da pesquisa e total de cada universidade selecionada.

UNIVERSIDADE	Estado	Número de alunos e alunas que responderam o questionário sobre Ginástica Rítmica e Gênero	Porcentagem de alunos e alunas que responderam o questionário sobre Ginástica Rítmica e Gênero
Universidade 1 Turma Diurna e Noturna	São Paulo	40	30,07%
Universidade 2 Turma Noturna	Paraná	28	21,05%
Universidade 3 Turma Diurna e Noturna	São Paulo	65	48,78%
Total de discentes que responderam o questionário sobre Ginástica Rítmica e Gênero	-----	133	100%

Tabela 2. Total de alunas participantes da pesquisa de cada universidade selecionada.

Universidades	Número de alunas que responderam o questionário sobre Ginástica Rítmica e Gênero	Porcentagem de alunas que responderam o questionário sobre Ginástica Rítmica e Gênero
Universidade 1	16	12,03%
Universidade 2	12	9,02%
Universidade 3	27	20,30%
Total	55	41,35%

Tabela 3. Total de alunos participantes da pesquisa de cada universidade selecionada.

Universidades	Número de alunos que responderam o questionário sobre Ginástica Rítmica e Gênero	Porcentagem de alunos que responderam o questionário sobre Ginástica Rítmica e Gênero
----------------------	---	--

Universidade 1	24	18,04%
Universidade 2	16	12,03%
Universidade 3	38	28,57%
Total	78	58,64%

A seguir interpretamos cada questão do questionário, adaptado de Zuzzi (2005), sobre “Ginástica Rítmica e Gênero” aplicado aos discentes participantes da pesquisa das três universidades selecionadas, bem como, pontuando as alternativas em ordem crescente de escolha.

Os valores totais, em **vermelho** nas tabelas (na primeira coluna do lado direito), representam as alternativas que mais vezes foram assinaladas. Os valores totais, em **azul**, no mesmo local, representam as alternativas que menos vezes foram assinaladas.

A ordem das alternativas de cada pergunta foi modificada, em relação ao questionário original aplicado para os discentes e as discentes. Estão codificadas em ordem decrescente, ou seja, das alternativas mais escolhidas para as menos escolhidas.

1) Você conhece as teorias sobre gênero?

* O total de respostas foi igual ao total de sujeitos que responderam o questionário, isto porque, nesta questão, se podia assinalar apenas uma alternativa.

Tabela 4. Respostas dadas à primeira pergunta do questionário.

Respostas	Universidade 1 São Paulo		Universidade 2 Paraná		Universidade 3 São Paulo		TOTAL
	F	M	F	M	F	M	
SEXOS							
1ª Tenho algum conhecimento;	9 6,76%	5 3,75%	7 5,26%	6 4,51%	15 11,27%	19 14,28%	61 45,86%
2ª Não;	2 1,5%	13 9,77%	4 3%	8 6,01%	8 6,01%	16 12,03%	51 38,34%
3ª Sim.	5 3,75%	6 4,51%	1 0,75%	1 0,75%	3 2,25%	3 2,25%	19 14,28%
Total de respostas por universidade e por sexo	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	15 11,27%	26 19,54%	38 28,57%	131 98,49%
<i>Sujeitos que não responderam esta questão</i>	---	---	---	1 0,75%	1 0,75%	---	2 1,5%
Total de respostas +	16	24	12	16	27	38	133

sujeitos que não responderam	12,03%	18,04%	9,02%	12,03%	20,30%	28,57%	100%
Total de sujeitos participantes da pesquisa sobre Ginástica Rítmica e Gênero	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%

Essa pergunta foi formulada com o intuito de detectarmos o conhecimento dos discentes e das discentes sobre as teorias de gênero ao cursarem as disciplinas de Ginástica Rítmica, no curso de Educação Física das três universidades selecionadas. Assim, a maioria dos discentes e das discentes optou pela alternativa “*tenho algum conhecimento*”, sendo 45,86%, quase 50% das respostas.

Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, obtivemos na universidade “2”, a maior quantidade de respostas “*tenho algum conhecimento*” com 9,77% do total de 21,05% de participantes. A universidade “3” obteve a segunda maior quantidade de respostas nesta alternativa; 25,55% do total 48,87%. A universidade “1” obteve a menor quantidade; 10,51% do total 30,07%.

A segunda opção de resposta mais escolhida pelas três universidades foi “*não*”, com 38,34%. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade “3” obteve a menor quantidade de respostas nesta alternativa; 18,04% do total de 48,87% de participantes. A universidade “1” obteve a segunda menor quantidade de respostas; 11,27% do total 30,07%. A universidade “2” teve a maior quantidade; 9,01% do total 21,05%.

A terceira opção de resposta mais escolhida pelas três universidades foi “*sim*” com 14,28%. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade “1” teve a maior quantidade de respostas nesta alternativa; 9,02% do total de 30,07% de participantes. A universidade “2” obteve a segunda maior quantidade de respostas; 1,5% do total 21,05%. A universidade “3” obteve a menor quantidade; 4,5% do total 48,87%.

Assim, consideramos uma porcentagem pequena de alunos e alunas que afirmaram conhecer as teorias de gênero. Por isso, acreditamos que tenha ocorrido uma possível dificuldade na compreensão do termo “teorias de gênero”. Revelou-se, também, que as mulheres do curso de Educação Física das três universidades em estudo, possivelmente, conhecem mais sobre as teorias de gênero do que os homens. Alguns alunos e algumas alunas podem ter ficado em dúvida no significado ou em que essas teorias abordam. Para isso acontecer, os professores e

as professoras podem ter mencionado, em geral, sobre as diferenças entre os sexos na modalidade Ginástica Rítmica, mas sem aprofundamento em bibliografias, conceitos e/ou teorias sobre gênero. Na opinião de Souza (2006, p.1) “[...] as questões de gênero e sexualidade ainda se constituem como fantasmas para os educadores” .

Por outro lado, com o resultado de outras questões que segue, notamos que há trabalhos e atividades durante as disciplinas de Ginástica Rítmica que oferecem oportunidade a ambos os sexos dialogando sobre alguns grupos inferiorizados pela sociedade, como: terceira idade, mulheres, deficientes e outros. Na próxima questão, quando perguntamos se leram ou discutiram sobre sexos, raças e etnias dentro da Educação Física a maioria respondeu que “*sim*”.

2) Você já leu ou discutiu sobre preconceito e discriminação entre sexos, raças, etnias dentro da Educação Física?

* O total de respostas foi igual ao total de sujeitos que responderam o questionário, isto porque, nesta questão, se podia assinalar apenas uma alternativa.

Tabela 5. Respostas dadas à segunda pergunta do questionário.

Respostas	Universidade 1 São Paulo		Universidade 2 Paraná		Universidade 3 São Paulo		TOTAL
	F	M	F	M	F	M	
SEXOS							
1ª Sim, acho interessante;	15 11,27%	20 15,03%	9 6,76%	9 6,76%	26 19,54%	29 21,80%	108 81,20%
2ª Não, mas acho muito interessante;	---	2 1,5%	2 1,5%	4 3%	1 0,75%	8 6,01%	17 12,78%
3ª Não, acho insignificante;	---	1 0,75%	---	2 1,5%	---	---	3 2,25%
3ª Não lembro;	1 0,75%	---	1 0,75%	1 0,75%	---	---	3 2,25%
5ª Sim, mas não acho importante.	---	---	---	---	---	1 0,75%	1 0,75%
Total de respostas por universidade e por sexo	16 12,03%	23 17,29%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	132 99,24%
Sujeitos que não responderam esta questão	---	1 0,75%	---	---	---	---	1 0,75%
Total de respostas + sujeitos que não responderam	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%

Total de sujeitos participantes da pesquisa sobre Ginástica Rítmica e Gênero	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%
---	---------------------	---------------------	--------------------	---------------------	---------------------	---------------------	--------------------

Com essa questão, quisemos saber a posição dos alunos e das alunas quanto às leituras e as discussões sobre os preconceitos e as discriminações entre sexo, raça e etnia no curso de Educação Física, podendo o discente e a discente recordar-se de qualquer disciplina. Nesta pergunta notamos que a maioria respondeu “*sim, acho interessante*”, sendo 81,20% somando os dois sexos das três universidades pesquisadas. Porém, na pergunta anterior, sobre as teorias de gênero, a maioria dos alunos e das alunas apresentou dúvidas com relação ao seu conhecimento e poucos têm certeza em citar que conhece.

Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, obtivemos na universidade “3” a maior quantidade de respostas “*sim, acho interessante*”; com 41,34% do total de 48,87% de participantes. A universidade “1” obteve a segunda maior quantidade de respostas nesta alternativa; 26,30% do total 30,07%. A universidade “2” obteve a menor quantidade; 13,52% do total 21,05%. Assim, tanto as opiniões masculinas quanto as femininas, das três universidades, em maioria, dizem que além de terem realizado leituras ou discussões sobre sexos, etnias e raças, acham interessante este tipo de atividade.

Dessa forma, acreditamos que estudar e compreender as relações entre sexo, raça e etnia seja importante para um conhecimento amplo de corpo durante o curso de Educação Física, segundo Goellner (2003, p.29).

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos...enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem.

Embora, na segunda opção de respostas tenhamos observado que, apesar desses alunos e alunas das três universidades afirmarem não haver discussões sobre o assunto, a maioria achou interessante, sendo 12,78% das respostas “*não,*

mas acho interessante“. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, obtivemos na universidade “2” a maior quantidade de respostas nesta alternativa; 4,5% do total de 21,05% de participantes. A universidade “1” obteve a segunda maior quantidade de respostas; 1,5% do total 30,07%. A universidade “3” obteve a menor quantidade; 6,76% do total 48,87%.

Na terceira opção empataram com 2,25% as alternativas “*não, acho insignificante*” e “*não, lembro*”. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física para cada uma das opções de resposta, na universidade “3” ninguém assinalou estas alternativas. A universidade “1” obteve a menor quantidade de respostas; 0,75% do total de 30,07%. A universidade “2” obteve a segunda menor quantidade; 1,5% do total 21,05%.

A quinta opção com 0,75% das respostas foi “*sim, mas não acho importante*”. Na universidade “1” e 2 ninguém respondeu esta alternativa. Na universidade “3” tivemos apenas um aluno; 0,75% do total 48,87%.

Essas opções de respostas, apontadas pela minoria de discentes, devem ser analisadas para o entendimento do desenvolvimento das aulas na disciplina de Ginástica Rítmica, bem como o perfil das universidades, dos alunos e das alunas, dos professores e das professoras participantes da pesquisa. Enfatizamos que essas alternativas revelaram universitários que não lembram ou não se interessam pelas discussões sobre sexo, raça e etnia.

Outra observação importante, sobre a questão anterior, se refere às mulheres que se mostraram mais conhecedoras sobre as teorias de gênero se comparadas aos homens e, nesta questão, as mulheres leram e discutiram achando o assunto sobre sexo, etnias e raça mais interessante que os homens.

Na próxima pergunta, novamente quisemos saber se os alunos e as alunas leram ou discutiram sobre sexo, etnia e raça, mas o objetivo se focou na disciplina de Ginástica Rítmica e não mais nas disciplinas do curso de Educação Física em geral.

3) E durante a/as disciplina/as de Ginástica Rítmica houve discussões sobre esses assuntos?

* O total de respostas foi igual ao total de sujeitos que responderam o questionário, isto porque, nesta questão, se podia assinalar apenas uma alternativa.

Tabela 6. Respostas dadas à terceira pergunta do questionário.

Respostas	Universidade 1 São Paulo		Universidade 2 Paraná		Universidade 3 São Paulo		TOTAL
	F	M	F	M	F	M	
SEXOS							
1ª Não lembro;	7 5,26%	14 10,52%	4 3%	7 5,26%	9 6,76%	19 14,28%	60 45,11%
2ª Sim, quais os temas abordados?	9 6,76%	7 5,26%	3 2,25%	2 1,5%	12 9,02%	8 6,01%	41 30,82%
3ª Não.	---	3 2,25%	5 3,75%	7 5,26%	6 4,51%	11 8,27%	32 24,06%
Total de respostas por universidade e por sexo	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%
Total de sujeitos participantes da pesquisa sobre Ginástica Rítmica e Gênero	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%

Agora que foi afunilada a questão para a disciplina de Ginástica Rítmica, perguntando sobre a presença das leituras e discussões de sexo, etnia e raça dentro dela, o resultado se inverteu com relação à questão anterior que era aberta para a área de Educação Física. Nesse caso, tivemos 45,11% do total das universidades somando ambos os sexos, respondendo “*não lembro*”; quase 50%. Consideramos uma quantidade alta de discentes que não lembraram o que estudaram ou deixaram de estudar durante a disciplina. Que tipo de profissionais serão? Não lembrar, está mais próximo da não existência ou da existência da temática? Segundo Rinaldi e Cesário (2005, p.37):

[...] é imprescindível ao professor compreender que a escola é o espaço no qual as diferentes manifestações da cultura corporal devem ser ensinadas e aprendidas pelos alunos, não excluindo saberes ou reforçando aqueles mais tradicionais presentes no currículo, no caso voleibol, futebol, ente outros.

Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física obtivemos, na universidade “3”, a menor quantidade de respostas “*não lembro*”; 21,04% de um total de 48,87% de participantes. A universidade “2” obteve a segunda menor quantidade de respostas “*não lembro*”; 8,26% de um total de 21,05%. A universidade “1” obteve a maior quantidade de respostas “*não lembro*”; 15,78% de um total de 30,07%.

Na segunda opção de resposta mais escolhida pelas três universidades, sendo 30,82%, está a opção “*sim, quais os temas abordados?*”. Somando os dois

sexos de cada curso de Educação Física, obtivemos na universidade “1” a maior quantidade de respostas “sim”, 12,02% de um total de 30,07% de participantes. A universidade “2” obteve a segunda maior quantidade de respostas “sim”, 3,75% de um total de 21,05%. A universidade “3” obteve a menor quantidade de respostas “sim”, 15,03% de um total de 48,87%.

Podemos considerar, em geral, um número pequeno de alunos e alunas que afirmaram ter lido e discutido sobre sexo, etnia e raça na disciplina de Ginástica Rítmica, isso está apontado nas três universidades em estudo, apesar dos temas mencionados:

Universidade “1”:

F: 1. Quatro alunas: não recordaram os temas. 2. *Racismo e sexo*. 3. *Raças e etnias*. 4. *Divisão de gênero*. 5. *Preconceito nas escolas*. 6. *Escola*.

M: 1. *Deficientes e sexos*. 2. *Deficientes visuais*. 3. *Sobre a modalidade masculina*. 4. *Mas, não lembro*. 5. *Racismo e sexo*. 6. *Discriminação com relação à prática pelos homens*. 7. Um aluno não justificou.

Nesta universidade, quando perguntamos quais os temas abordados nas leituras e discussões sobre sexo, raça e etnia; apenas um aluno mencionou sobre a discriminação pela participação masculina na Ginástica Rítmica. Racismo, sexo, etnia, escola e deficientes foram os temas mais abordados, porém, há divergências entre os discursos. Possivelmente, todos esses temas foram abordados, mas cada discente lembra de um ou alguns, mesmo porque os temas dificilmente seriam citados sem estarem presentes nas aulas. O fato de não lembrarem com evidência todos os temas pode ser reflexo do tratamento dado pelo professor ou professora para determinado assunto, gerando diferentes níveis de importância.

Universidade “2”:

F: 1. Duas alunas não justificaram. 2. *Terceira idade e deficientes*.

M: 1. *Homens e Ginástica Rítmica*. 2. *Sexo*.

Nesta universidade houve uma quantidade menor de discursos com relação à universidade “1”, anteriormente citada, mas, da mesma forma, apareceu uma vez o tema sobre homens e Ginástica Rítmica. Na universidade “2” também apareceu o tema terceira idade, que não foi citado na universidade “1”. No entanto, deficientes e sexo novamente são mencionados. Como relatamos anteriormente, é possível que todos esses temas tenham sido abordados nas aulas, mas cada discente lembra de um ou alguns.

Universidade “3”:

F: 1. *Diferenças entre os sexos.* 2. *Preconceitos.* 3. ***Ginástica Rítmica masculina nas escolas – aparelhos masculinos.*** 4. ***Ginástica Rítmica para homens.*** 5. *As especificidades dos movimentos e aparelhos.* 6. ***Discriminação perante o sexo masculino.*** 7. ***Diferenças entre os gêneros (masculino e feminino) sob a visão do professor de Ginástica Rítmica.*** 8. ***Ginástica Rítmica para homens e mulheres.*** 9. ***Diferenças entre os sexos na atividade.*** 10. ***As diferenças biológicas e fisiológicas entre os sexos e o preconceito ao sexo masculino com a prática da Ginástica Rítmica.*** 11. Três alunas não justificaram.

M: 1. Quatro alunos não justificaram. 2. *Diferenças de sexos.* 3. *Diferenças nos movimentos apresentados.* 4. *Gênero e raças.*

Nesta universidade, ao contrário das outras, encontramos maior clareza e sustentação nos discursos femininos, uma vez que, a grande maioria, apontou temas sobre a Ginástica Rítmica para o sexo feminino e masculino. As respostas femininas mais elaboradas, perante a nossa análise, estão destacadas nesta universidade. Por outro lado, a maioria dos alunos não justificou as suas respostas e poucos responderam sobre sexo e raça. Isso revela que, possivelmente, as mulheres tenham mais interesse sobre o assunto em relação aos homens, sendo que, em geral, o sexo masculino é mais excluído por quem participa da modalidade, mas nesta pesquisa mostrou pouco interesse em mudar essa realidade.

A terceira resposta foi a opção “*não*”. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade “1” teve a menor quantidade de “*não*”, 2,25% do total 30,07%. A universidade “3” teve a segunda menor quantidade de “*não*”, 12,78% do total 48,87%. A universidade “2” teve a maior quantidade de “*não*”, 9,01% do total 21,05%. Apesar da alternativa “*não*”, envolver a minoria dos alunos e das alunas participantes, esta não pode ser desprezada, uma vez que foi uma quantidade considerável de afirmativas citando que as discussões e as leituras sobre sexo, raça e etnia não foram abordadas em nenhum momento durante a disciplina de Ginástica Rítmica. Na próxima questão, desejamos detectar se no plano de ensino do professor ou da professora existe algum conteúdo sobre gênero.

4) Os conteúdos apresentados no início da disciplina de Ginástica Rítmica se preocupavam em discutir gênero?

* O total de respostas foi igual ao total de sujeitos que responderam o questionário, isto porque, nesta questão, se podia assinalar apenas uma alternativa.

Tabela 7. Respostas dadas à quarta pergunta do questionário.

Respostas	Universidade 1 São Paulo		Universidade 2 Paraná		Universidade 3 São Paulo		TOTAL
	F	M	F	M	F	M	
SEXOS							
1ª Não lembro;	7 5,26%	20 15,03%	6 4,51%	7 5,26%	12 9,02%	24 18,04%	76 57,14%
2ª Não;	2 1,5%	3 2,25%	3 2,25%	7 5,26%	10 7,51%	10 7,51%	35 26,31%
3ª Sim, qual/is?	7 5,26%	1 0,75%	3 2,25%	1 0,75%	4 3%	2 1,5%	18 13,53%
4ª Os conteúdos não foram apresentados.	---	---	---	1 0,75%	---	2 1,5%	3 2,25%
Total de respostas por universidade e por sexo	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	26 19,54%	38 28,57%	132 99,24%
<i>Sujeitos que não responderam esta questão</i>	---	---	---	---	1 0,75%	---	1 0,75%
Total de respostas + sujeitos que não responderam	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%
Total de sujeitos participantes da pesquisa sobre Ginástica Rítmica e Gênero	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%

Para averiguarmos a presença de conteúdos sobre gênero, na disciplina de Ginástica Rítmica, perguntamos se no início das aulas o professor ou a professora mencionou algum estudo sobre a temática para ser desenvolvido durante o semestre. O total, somando ambos os sexos das três universidades, demonstrou uma indecisão na opinião dos discentes e das discentes, pois, 57,14% responderam que não lembravam, sendo mais de 50% dos participantes. Mas, não lembraram por que não tiveram conteúdos sobre gênero, ou não lembraram porque são desinteressados pelo assunto?

Desse resultado, somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade “1” teve a maior quantidade de discentes que não lembraram do professor ou da professora apresentar conteúdos sobre gênero no início da disciplina; 20,29% do total de 30,07% de participantes. A universidade “3” teve a

segunda maior quantidade; 27,06% do total 48,87%. A universidade “2” teve a menor quantidade; 9,77% do total 21,05%.

Apesar da opção “*não lembro*” ter sido a mais escolhida, gerando dúvidas, a opção “*não*” vem em seguida com uma porcentagem bem menor de 26,31%. Porém, os alunos e as alunas afirmaram que não tiveram conteúdo sobre gênero apresentado no início da disciplina de Ginástica Rítmica, o que se torna preocupante. Assim, somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, obtivemos na universidade “1” a menor quantidade de respostas “*não*”; 3,75% do total de 30,07% de participantes. A universidade “3” obteve a segunda menor quantidade de respostas *nesta alternativa*; 15,02% do total 48,87%. A universidade “2” obteve a maior quantidade; 7,51% do total 21,05%.

Entretanto, uma quantidade muito pequena de participantes confirmou a presença de conteúdos sobre gênero durante a apresentação da disciplina no início do semestre, sendo a terceira opção de resposta com apenas 13,53%. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, obtivemos na universidade “2” a maior quantidade de respostas “*sim*”; 7,52% do total de 21,05% de participantes. A universidade “1” obteve a segunda maior quantidade de respostas nesta alternativa; 6,01% do total 30,07%. A universidade “3” obteve a menor quantidade; 4,5% do total 48,87%. Além, da resposta fechada “*sim*”, os alunos e as alunas informaram quais foram os conteúdos sobre gênero, mencionados no início da disciplina de Ginástica Rítmica:

Universidade “1”:

F: 1. *Sexo*. 2. *Feminino e masculino*. 3. *Não lembro*. 4. *Raças e etnias*. 5. *Porque o sexo masculino não faz Ginástica Rítmica*. 6. *Preconceito nas escolas*. 7. Uma aluna não respondeu.

M: 1. *Deficientes visuais*.

Nesta universidade, o número de respostas femininas foi superior às masculinas. Apenas um aluno afirmou a existência de conteúdos sobre gênero no início da disciplina de Ginástica Rítmica. Isso é preocupante, pois, em geral, os alunos mostraram menos interesse pelas aulas, apesar da maioria, das respostas dessa universidade apresentarem diferenças, ou seja, cada discente apontou um conteúdo. Pelo menos alguns, possivelmente, foram abordados pelo professor ou professora; caso contrário não seriam mencionados.

Universidade “2”:

F: 1. Duas alunas não responderam. 2. *Disciplina e motivação*.

M: Nenhum aluno respondeu esta opção.

Nesta universidade encontramos um número reduzido de respostas e nenhuma sobre gênero, apesar de, novamente, as alunas terem respondido mais “sim” com relação aos alunos. Possivelmente, o interesse por parte das mulheres nessa disciplina deve ser maior que dos homens, uma vez que, a modalidade no campo competitivo prioriza o sexo feminino. É importante lembrarmos que esta universidade apresenta no início desse capítulo um projeto de extensão voltado para a detecção de talentos com o intuito de formar equipes de alto-nível de desempenho em Ginástica Rítmica.

Universidade “3”:

F: 1. Três não justificaram. 2. *Divisões das atividades*.

M: 1. Um não respondeu. 2. *Raças, sexualidade e etnias*. 3. *Sexo, participação masculina*.

Esta universidade teve o maior número de participantes, muito superior com relação às universidades citadas anteriormente, porém, a quantidade de respostas foi praticamente a mesma, apesar de apresentarem uma sintonia maior entre os conteúdos citados quando comparados aos outros cursos de Educação Física.

As três universidades apresentaram uma quantidade pequena de participantes que confirmaram a presença de conteúdos sobre gênero durante a apresentação da disciplina de Ginástica Rítmica no início do semestre; esse número reduziu ainda mais quando citaram quais foram os conteúdos mostrados. Entretanto, por ser um esporte de competição feminino, a disciplina de Ginástica Rítmica deve abordar as diferenças entre os sexos nesta modalidade e, principalmente, como trabalhar com ambos os gêneros.

Sampaio (2002) cita que, as sociedades classificam meninos e meninas, constroem imagens de acordo com o contexto e a época vivida, e o imaginário social reflete os símbolos presentes nas culturas. Gênero não pode ser considerado apenas uma categoria de análise, mas uma categoria histórica.

Por último tivemos a alternativa, “*Os conteúdos não foram apresentados*”; com uma quantidade pequena de 2,25%. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física a universidade “2” apresentou a maior quantidade de respostas; 0,75% do total de 21,05% de participantes. A universidade “3” teve a menor quantidade de repostas; 1,5% do total 48,87%. Ninguém da universidade “1”

assinhou esta alternativa. Em seguida, temos a quinta pergunta deste questionário para averiguarmos as bibliografias indicadas para a disciplina de Ginástica Rítmica.

5) Foi indicada bibliografia sobre gênero?

* O total de respostas é igual ao total de sujeitos que responderam o questionário, isto porque, nesta questão, se podia assinalar apenas uma alternativa.

Tabela 8. Respostas dadas à quinta pergunta do questionário.

Respostas	Universidade 1 São Paulo		Universidade 2 Paraná		Universidade 3 São Paulo		TOTAL
	F	M	F	M	F	M	
SEXOS							
1ª Não lembro;	10 7,51%	13 9,77%	1 0,75%	6 4,51%	14 10,52%	21 15,78%	65 48,87%
2ª Não;	3 2,25%	7 5,26%	6 4,51%	6 4,51%	10 7,51%	10 7,51%	42 31,57%
3ª Sim.	3 2,25%	4 3%	5 3,75%	4 3%	2 1,5%	7 5,26%	25 18,79%
Total de respostas por universidade e por sexo	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	26 19,54%	38 28,57%	132 99,24%
<i>Sujeitos que não responderam esta questão</i>	---	---	---	---	1 0,75%	---	1 0,75%
Total de respostas + sujeitos que não responderam	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%
Total de sujeitos participantes da pesquisa sobre Ginástica Rítmica e Gênero	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%

Mais uma vez, repetindo o resultado da questão anterior, a opção “*não lembro*” foi a mais escolhida, com 48,87%, quase 50% das respostas. Os discentes e as discentes das três universidades, em maioria, mostraram estar em dúvida se houve indicação de bibliografias sobre gênero, revelando uma quantidade alta de indecisão. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade “2” teve a menor quantidade de discentes que não lembraram do professor ou da professora indicar bibliografias sobre gênero; 5,26% do total de 21,05% de participantes. A universidade “1” teve a segunda menor quantidade de respostas nesta alternativa; 17,28% do total 30,07%. A universidade “3” teve a maior quantidade; 23,30% do total 48,87%.

Defendemos, contudo, a importância do professor ou da professora, da disciplina de Ginástica Rítmica, indicar bibliografias sobre gênero. O seu esclarecimento é importante para o respeito e a compreensão entre os seres humanos.

Segundo Guedes (1995), há a possibilidade de construir uma trilogia entre gênero, classe e raça para abranger as desigualdades sociais. Apesar disso, existe a necessidade de conceituar gênero registrando algumas questões: dar conta de mobilizar as desigualdades e as experiências radicalmente diferentes; constatar a alta qualidade dos trabalhos sobre a história das mulheres e o estatuto marginal; analisar as experiências masculinas e femininas no passado, para serem relacionadas às práticas históricas atuais.

Todavia, a segunda opção de resposta revelou que os alunos e as alunas das três universidades não receberam bibliografias sobre gênero, numa quantidade considerável de 31,57%. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade “3” teve a menor quantidade de respostas “*não*”; 15,02% do total de 48,87% de participantes. A universidade “1” teve a segunda menor quantidade de respostas nesta alternativa; 7,51% do total 30,07%. A universidade “2” teve a maior quantidade; 9,02% do total 21,05%.

A terceira opção de resposta das três universidades foi “*sim*”, com 18,79%. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade “2” teve a maior quantidade de discentes que afirmaram ter recebido indicação de bibliografias sobre gênero; 6,75% do total de 21,05% de participantes. A universidade “1” teve a segunda maior quantidade de respostas; 5,25% do total 30,07%. A universidade “3” teve a menor quantidade; 6,76% do total 48,87%.

Diante desses resultados tivemos, em primeiro, a alternativa “*não lembro*”, em segundo “*não*” e em terceiro “*sim*”. As disciplinas de Ginástica Rítmica dos três cursos de Educação Física em estudo, mostraram uma pequena parcela de discentes que afirmaram receber indicação de bibliografias sobre gênero. Na questão seguinte, perguntamos sobre as divisões das turmas durante o semestre.

6) Nas aulas as turmas são mistas?

* O total de respostas é igual ao total de sujeitos que responderam o questionário, isto porque, nesta questão, se podia assinalar apenas uma alternativa.

Tabela 9. Respostas dadas à sexta pergunta do questionário.

Respostas	Universidade 1 São Paulo		Universidade 2 Paraná		Universidade 3 São Paulo		TOTAL
	F	M	F	M	F	M	
SEXOS							
1ª Sim;	16 12,03%	24 18,04%	11 8,27%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	132 99,24%
2ª Não.	---	---	1 0,75%	---	---	---	1 0,75%
Total de respostas por universidade e por sexo	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%
Total de sujeitos participantes da pesquisa sobre Ginástica Rítmica e Gênero	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%

Essa questão investigou se os alunos e as alunas do curso de Educação Física dessas três universidades possuem durante as disciplinas de Ginástica Rítmica as turmas mistas. Uma vez que a modalidade é essencialmente feminina, os professores ou professoras que ministram a disciplina podem separar as turmas por sexos; desenvolvendo um tipo de aula para as alunas e outro para os alunos. Não obstante, detectamos quase a unanimidade de respostas “sim”; com 99,24% somando os três cursos e apenas 0,75% de “não”, respondido por uma aluna da universidade “2”.

Por isso, citamos, segundo as respostas dos questionários, que as turmas são mistas. Nesta questão as universidades praticamente convergem, carregando a idéia de trabalhar com homens e mulheres na mesma classe de ensino e aprendizado. Mas, estar dentro da mesma sala, significa receber iguais oportunidades? De acordo com Zuzzi (2005, p.24),

A diferença compreendida como desigualdade não permite entender o ser humano como um ser complexo marcado por aspectos biológicos, culturais e sociais. É essa diferença que nos faz humanos, seres tão semelhantes e ao mesmo tempo tão diferentes.

Dessa maneira, encontramos mais um motivo para ambos os gêneros estarem juntos durante a disciplina de Ginástica Rítmica, tentando o docente ou a docente aproximar a modalidade da realidade de cada um para que não existam separações como superiores e inferiores. Na pergunta sete conhecemos a opinião dos alunos e das alunas sobre a divisão das turmas por sexo na disciplina de Ginástica Rítmica.

7) Na/s disciplina/s de Ginástica Rítmica as turmas devem ser separadas por sexo? (pode assinalar mais de uma alternativa)

* A quantidade de respostas é superior ao total de pessoas que responderam o questionário, porque nesta questão se podia assinalar mais de uma alternativa.

Tabela 10. Respostas dadas à sétima pergunta do questionário.

Respostas	Universidade 1 São Paulo		Universidade 2 Paraná		Universidade 3 São Paulo		TOTAL
	F	M	F	M	F	M	
1ª Não, alunos e alunas devem caminhar juntos nas aulas com os mesmos conteúdos dando oportunidade para as diferenças e/ou dificuldades;	14 8,53%	13 7,92%	7 4,26%	10 6,09%	18 10,97%	26 15,85%	88 53,65%
2ª Não, pois existem diferenças biológicas/fisiológicas entre alunos e alunas, mas, essas não podem ser usadas como justificativas para a separação das turmas por sexos;	6 3,65%	9 5,48%	5 3,04%	7 4,26%	13 7,92%	13 7,92%	53 32,31%
3ª Sim, pois poderíamos ter atividades específicas para cada sexo;	---	3 1,80%	1 0,60%	1 0,60%	3 1,80%	1 0,60%	9 5,48%
4ª Sim, pois o Professor/a teria mais tempo para dedicar-se aos alunos que apresentam mais dificuldade;	---	2 1,20%	---	---	1 0,60%	4 2,43%	7 4,26%
5ª Sim, pois o Professor/a poderia adiantar a matéria para as alunas que apresentam mais facilidade;	---	2 1,20%	---	---	2 1,20%	2 1,20%	6 3,65%
6ª Sim, pois os alunos não atrapalhariam no desempenho das alunas.	---	---	---	---	1 0,60%	---	1 0,60%
Total de respostas por universidade e por sexo	20 12,19%	29 17,68%	13 7,92%	18 10,97%	38 23,17%	46 28,04%	164 100%
Total de sujeitos participantes da pesquisa sobre Ginástica Rítmica e Gênero	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%

Com esta questão quisemos conhecer a posição dos alunos e das alunas com relação à separação das turmas por sexo nas aulas da disciplina de Ginástica Rítmica. Dessa maneira, a maior opção de escolha foi “Não, alunos e alunas devem caminhar juntos nas aulas com os mesmos conteúdos dando oportunidade para as

diferenças e/ou dificuldades”; sendo 53,65% somando as três universidades, mais que 50% das respostas. Além, da afirmação para os sexos desenvolverem a disciplina juntos, a justificativa prioriza dar oportunidade as diferenças. Revelou-se, assim, que a maioria dos discentes e das discentes dos três cursos de Educação Física defende a participação igualitária de ambos os gêneros durante a disciplina de Ginástica Rítmica.

Com isso, somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade “3” teve a maior quantidade de discentes que assinalaram a alternativa *“Não, alunos e alunas devem caminhar juntos nas aulas com os mesmos conteúdos dando oportunidade para as diferenças e/ou dificuldades”*; 26,82% do total de 48,87% de participantes. A universidade “1” tem a segunda maior quantidade; 16,45% do total 30,07%. A universidade “2” tem a menor quantidade; 10,35% do total 21,05%.

Com 32,31%, somando as três universidades, a segunda maior opção de respostas nesta questão foi *“Não, pois existem diferenças biológicas/fisiológicas entre alunos e alunas, mas, essas não podem ser usadas como justificativas para a separação das turmas por sexos”*. Neste caso, também encontramos mais uma quantidade de respostas defendendo o estudo da disciplina com ambos os gêneros. Assim, somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade “2” teve a maior quantidade de discentes que assinalaram essa alternativa; 7,3% do total de 21,05% de participantes. A universidade “1” teve a segunda maior quantidade; 9,13% do total 30,07%. A universidade “3” tem a menor quantidade; 15,84% do total 48,87%.

Porém, acreditamos que o preconceito cultural machista ainda limita o homem em seus movimentos, o que o impede de se libertar enquanto ser que se move tanto quanto a mulher, em todas as direções e sentidos, em qualquer atividade motora, sem com isto modificar suas características masculinas (GAIO, 2007, p.39).

Por isso, somando o total das três universidades em cada alternativa *“sim”* e as suas respectivas justificativas, obtivemos 13,99% das respostas. Isso significa que ainda existem discentes que defendem a separação dos sexos durante as disciplinas de Ginástica Rítmica. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade “3” teve a menor quantidade de respostas *“sim”*; 8,43% do total de 48,87% de participantes. A universidade “1” teve a segunda menor

quantidade; 4,2% do total 30,07%. A universidade “2” teve a maior quantidade; 1,20% do total 21,05%.

A próxima questão está diretamente relacionada a esta, uma vez que, perguntamos novamente se os alunos e as alunas devem ter as turmas separadas por sexos, mas nas outras disciplinas do curso de Educação Física.

8) Quanto às outras disciplinas do curso, devem ter as turmas separadas por sexo?

* O total de respostas foi igual ao total de sujeitos que responderam o questionário, isto porque, nesta questão, se podia assinalar apenas uma alternativa.

Tabela 11. Respostas dadas à oitava pergunta do questionário.

Respostas	Universidade 1 São Paulo		Universidade 2 Paraná		Universidade 3 São Paulo		TOTAL
	F	M	F	M	F	M	
SEXOS							
1ª Não. Por quê?	16 12,03%	22 16,54%	10 7,51%	15 11,27%	26 19,54%	38 28,57%	128 96,24%
2ª Sim. Qual/is?	---	2 1,5%	2 1,5%	1 0,75%	---	---	5 3,75%
Total de respostas por universidade e por sexo	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	26 19,54%	38 28,57%	132 99,24%
<i>Sujeitos que não responderam esta questão</i>	---	---	---	---	1 0,75%	---	1 0,75%
Total de respostas + sujeitos que não responderam	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%
Total de sujeitos participantes da pesquisa sobre Ginástica Rítmica e Gênero	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%

Pensando em descobrir a opinião dos alunos e das alunas sobre a separação dos sexos nas outras disciplinas do curso de Educação Física, elaboramos esta questão. Dessa forma, o total das três universidades mostrou 96,24% de respostas “não”. Sendo possível perceber, quase que uma unanimidade de afirmação em ter as turmas compostas pelo sexo feminino e masculino. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade “3” teve a maior

quantidade de respostas “*não*”; 48,11% do total de 48,87% de participantes. A universidade “1” teve a segunda maior quantidade; 28,57% do total 30,07%. A universidade “2” teve a menor quantidade; 18,78% do total 21,05%.

Além da resposta “*não*”, solicitamos uma justificativa do por que as outras disciplinas não devem ser separadas por sexo, coletando as seguintes respostas:

Universidade “1”:

F: 1. *Para todos saberem trabalhar as diferenças.* 2. *Por que todos são semelhantes.* 3. *Existem matérias que os meninos nos ajudam e outras nós ajudamos eles.* 4. *Pelos temas transversais, ex.: inclusão.* 5. *Todos têm que ter oportunidade de aprender.* 6. ***As aulas devem ser preparadas de forma que qualquer pessoa possa participar homem, mulher, um indivíduo com alguma necessidade especial.*** 7. ***Atualmente os espaços sociais, tanto dentro como fora da universidade, a realidade é com turmas mistas; acredito não haver necessidade de separar turmas.*** 8. *Para diferentes dificuldades.* 9. *As aulas de Educação Física não devem ser separadas, o aprendizado se dá melhor e devemos aprender como ser professores e não aprender o gesto técnico da modalidade.* 10. *Pelo mesmo motivo anterior (a aluna assinalou a 1ª alternativa mais escolhida na questão sete).* 11. *Não devemos separar.* 12. *Temos que trabalhar as diversidades.* 13. *Porque assim podemos já vivenciar a realidade.* 14. *Porque a aprendizagem motora pode ser igual para ambos os sexos.* 15. *Porque todos devemos trabalhar juntos.* 16. *Eu acho importante a vivência com ambos os sexos.*

M: 1. Quatro não justificaram. 2. Dois alunos escreveram, *não deve existir diferenças entre os sexos.* 3. ***Ambos os sexos devem ter a oportunidade de vivenciar qualquer modalidade esportiva ou de outro caráter.*** 4. *Pra sempre deixar que ocorra a interação ente os meninos e as meninas.* 5. *Tal conduta pode delimitar as condutas de gênero, acentuando a separação social que já é difundida em nossa cidade.* 6. *Todos somos iguais.* 7. ***Não há necessidade, o ser humano desenvolve-se em sua complexidade, quando convive com a diversidade.*** 8. Três escreveram: *mesmo motivo anterior (os alunos assinalaram a 1ª alternativa mais escolhida na questão sete).* 9. *Não há necessidade, não faz diferença.* 10. *Quando nós formos dar aula, elas vão ser mistas.* 11. *Porque a socialização é muito importante.* 12. *Porque a gente aprende um conteúdo e não é treinamento para rendimento.* 13. *Pois um pode ajudar o outro.* 14. *Cursando para adquirir conteúdo e não treinamento.*

Quatro respostas fizeram relação com a alternativa mais escolhida na questão anterior, ou seja, “*não, alunos e alunas devem caminhar juntos nas aulas com os mesmos conteúdos dando oportunidade para as diferenças e/ou dificuldades*”; revelando uma atenção quanto à seqüência e relação das perguntas. Todas as alunas justificaram as suas respostas, enquanto três alunos não justificaram, restando vinte e sete respostas, quinze do sexo feminino e treze do sexo masculino. Aproximadamente, seis de cada sexo somando doze, foram confusos ou não responderam a pergunta, quase 50%. Quatro respostas, duas femininas e duas masculinas, estão destacadas no texto por apresentarem as melhores justificativas, apesar de alguns depoimentos se complementarem.

Universidade “2”:

F: 1. Cinco alunas não justificaram. 2. *Por que é necessário englobar assuntos, gêneros etc.* 3. *Não há necessidade, todos devem vivenciar.* 4. *Oportunidade para todos.* 5. ***Para não haver desigualdade.*** 6. ***Devemos saber trabalhar com as duas situações.***

M: 1. *Porque os homens tendem a ajudar as meninas em matérias práticas que elas sentem mais dificuldade e vice-versa.* 2. *Caminhemos sempre juntos.* 3. *Não tem necessidade.* 4. Dois alunos não justificaram. 5. *Interação.* 6. ***Pois as diferenças são somente físicas.*** 7. *Para vivencia.* 8. *Por que com a mistura a gente aprende mais com as meninas.* 9. *Todos têm que participar e aprender juntos.* 10. ***Isso é uma discriminação com ambas as partes.*** 11. *“Acho que não tem nada a vê”.* 12. *Não deve haver diferença.* 13. *Não existem diferenças entre os sexos, que não seja o masculino e o feminino.* 14. *Todos têm que interagir, se conhecendo melhor.*

Cinco alunas e dois alunos não justificaram; restando dezoito respostas, cinco do sexo feminino e treze do sexo masculino, revelando uma quantidade maior de alunos que justificaram. Aproximadamente, duas mulheres e dois homens somando sete, demonstraram pouca coerência na construção das frases ou não responderam a pergunta, menos que 50%. Quatro discursos, dois femininos e dois masculinos, estão destacados no texto por apresentarem as melhores justificativas dessa universidade diante das nossas observações.

Universidade “3”:

F: 1. *Porque a única matéria que tem atividades específicas para cada sexo é a Ginástica Rítmica.* 2. *Porque na realidade que vivemos não somos separados. Essa é uma forma de socialização, integração.* 3. Cinco alunas escreveram: *Pelo mesmo*

*motivo do item anterior (as alunas assinalaram a 1ª e a 2ª alternativa mais escolhida, na questão sete). 4. Temos que nos relacionar com os outros. 5. Não vejo necessária a separação. 6. **Por que na atuação profissional a turma é mista e devemos conhecer as diferenças.** 7. Porque todos têm que ter conhecimento sobre diversos conteúdos. 8. Não deve haver nenhuma diferenciação. 9. Podemos aprender com o sexo oposto. 10. Três alunas não justificaram. 11. Mesmo conteúdo e sem diferenças ou dificuldades. 12. Pois, temos que saber lidar com o sexo oposto. 13. **Todas devem ser mistas para que haja conhecimento sobre limitações e necessidades de ambos os sexos.** 14. Há possibilidades de trabalhar-se em conjunto independente de mesmo sexo ou não. 15. Porque estaríamos excluindo diferentes gêneros, e dificultaria na socialização das pessoas. 16. As diferenças são importantes para aprendizagem. 17. As diferenças encontradas podem ser importantes para trabalhos futuros. 18. Todos devem caminhar juntos, independente do sexo. 19. Pois deve ter sempre integração e inclusão. 20. Não deve existir essa separação, não há necessidade, deve haver cooperação e integração. 21. Quando foi feita especializações.*

M: *1. É interessante os dois sexos participarem juntos. 2. Para todos obterem o mesmo conhecimento. 3. Cinco alunos não justificaram. 4. Para aumentar a socialização das diferenças. 5. **Não pode haver diferenças de tratamento pelo fato de ser homem ou mulher.** 6. As outras aulas não têm tanta particularidade feminina. 7. Não atrapalha em nada a divisão de sexo. 8. Não deve ter diferenças e/ou dificuldades, sem discriminação. 9. Isso faz com que aumente ainda mais o preconceito. 10. Pois é através das diferenças que nós superamos as dificuldades. 11. Não deve haver separação. 12. Não há diferenças de conhecimento para separar. 13. Todos devem caminhar juntos. 14. Todos podem se desenvolver de forma igual nas outras matérias. 15. Em função de todos poderem aprender juntos. 16. Devemos aprender a dar aula para turmas mistas. 17. Preconceito e discriminação sem tolerância, a não ser que se faça atividades homogêneas e heterogêneas como forma de vivenciar as possibilidades do esporte. 18. Deve haver uma integração entre os sexos. 19. Dois alunos responderam: Pelo mesmo motivo da resposta na questão acima (os alunos escolheram a 1ª alternativa mais assinalada). 20. Para podermos aprender uns com os outros. 21. Quatro alunos responderam: Acho desnecessário. 22. Não deve haver diferenças. 23. É importante essa função. 24. Não tem nexo. 25. As aulas em conjunto facilitam o aprendizado e,*

posteriormente, o modo de passar tais atividades aos escolares. 26. Deve-se caminhar respeitando as diferenças. 27. **Há a necessidade de se trabalhar com as dificuldades, para que possa haver um entendimento maior sobre todas as características que podem ocorrer nas aulas.** 28. Para que todos tenham vivência juntos. 29. Devemos aprender como “um” todo.

Cinco discursos fizeram relação com a alternativa mais escolhida na questão anterior, ou seja, “*não, alunos e alunas devem caminhar juntos nas aulas com os mesmos conteúdos dando oportunidade para as diferenças e/ou dificuldades*”. Três alunas e cinco alunos não justificaram, restando quarenta e nove respostas, dezenove do sexo feminino e trinta do sexo masculino. Aproximadamente, sete alunas e doze alunos somando dezenove, demonstraram pouca coerência na construção das frases ou não responderam a pergunta, sendo 50% das justificativas. Quatro respostas, duas femininas e duas masculinas, estão destacadas no texto por apresentarem as melhores justificativas, apesar de algumas se complementarem.

Zuzzi (2005, p.47) alerta para não refletirmos em nossas aulas as relações de submissão e desigualdades vividas na sociedade.

Ao não considerar ambos os sexos em sua alteridade, a Educação Física entra em um processo de exclusão, preconceitos e desigualdades. Sendo assim, podemos estar estereotipando os indivíduos e todos os conteúdos da Educação Física quando nos referimos a determinadas atividades como sendo ‘exclusivamente masculinas’ ou ‘exclusivamente femininas’. Os estereótipos sexuais estão fortemente arraigados ao cotidiano das pessoas e estes ‘papéis masculinos e femininos’ são transferidos para a Educação Física.

Mesmo com essa explicitação da autora, apoiada por nós, encontramos 3,75% de discentes somando as três universidades afirmando que as aulas das outras disciplinas devem ser separadas por sexo. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, na universidade “3” ninguém assinalou a alternativa “*sim*”. A universidade “1” teve a menor quantidade; 1,50% do total 30,07%. A universidade “2” tem a maior quantidade; 2,25% do total 21,05%. Além da resposta “*sim*”, solicitamos uma justificativa sobre quais as outras disciplinas que devem ser separadas por sexo no curso de Educação Física, obtendo as seguintes respostas:

Universidade “1”:

F: 1. *Todas as disciplinas que envolvem esportes.*

M: 1. *Deficientes visuais.*

Nesta universidade um aluno e uma aluna defenderam que as outras disciplinas devem ser separadas por sexos, mencionando as disciplinas esportivas e deficientes visuais. Apesar de termos um número reduzido de opiniões, não pudemos desprezá-las, pois, é preocupante averiguarmos discentes, futuros docentes, que ainda defendem a separação dos sexos para o aprendizado.

Universidade “2”:

F: 1. As disciplinas *Ginástica Geral I e II*. 2. Uma aluna não justificou.

M: 1. *Futsal, Handebol, Voleibol, Basquetebol*.

Nesta universidade uma aluna não justificou a sua resposta. Um aluno e uma aluna defenderam que as outras disciplinas devem ser separadas por sexos, mencionando as disciplinas esportivas e deficientes visuais. Apesar de termos um número reduzido de opiniões, não podemos ignorá-las.

Universidade “3”:

F: Nenhuma aluna optou por esta alternativa.

M: Nenhum aluno optou por esta alternativa.

Esta universidade é a única que obteve a unanimidade das respostas em defesa das turmas mistas também nas outras disciplinas do curso de Educação Física. Apesar das respostas apresentadas pela universidade anterior ser maioria, demonstram menor clareza e compreensão nos motivos para ambos os gêneros desenvolverem as aulas juntos, quando relacionados às demais universidades. Contudo, na próxima questão nosso objetivo foi saber se durante as aulas de Ginástica Rítmica tiveram atividades somente para o sexo masculino.

9) Ao longo da disciplina de Ginástica Rítmica tiveram atividades direcionadas somente aos homens?

* O total de respostas foi igual ao total de sujeitos que responderam o questionário, isto porque, nesta questão, se podia assinalar apenas uma alternativa.

Tabela 12. Respostas dadas à nona pergunta do questionário.

Respostas	<u>Universidade 1</u> São Paulo		<u>Universidade 2</u> Paraná		<u>Universidade 3</u> São Paulo		TOTAL
	F	M	F	M	F	M	
SEXOS							
1ª Não;	15 11,27%	23 17,29%	12 9,02%	16 12,03%	23 17,29%	38 28,57%	127 95,48%
2ª Sim. Qual/is?	1	1	---	---	4	---	6

	0,75%	0,75%		3%			4,51%
Total de respostas por universidade e por sexo	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%
Total de sujeitos participantes da pesquisa sobre Ginástica Rítmica e Gênero	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%

Apesar da maioria dos discentes e das discentes revelarem na questão oito que as turmas nas aulas de Ginástica Rítmica são mistas nas três universidades, desejamos observar, mesmo com ambos os gêneros em sala, se há tratamentos ou atividades diferenciados para os homens. Dessa forma, o total das três universidades mostrou 95,48% de respostas 'não'; quase uma unanimidade. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade "2" obteve a unanimidade de respostas 'não'; 21,05%. A universidade "3" teve a segunda maior quantidade; 45,86% do total 48,87%. A universidade "1" teve a menor quantidade; 28,56% do total 30,07%.

Isso representa que, nas três universidades em estudo, os dados se equivalem anunciando que, nas disciplinas de Ginástica Rítmica dos cursos de Educação Física, há uma minoria de atividades dirigidas somente para os alunos. Contudo, Gaio (2007, p.40) revela uma barreira ao trabalharmos com o sexo masculino:

Para nós, que possuímos extensa experiência na área, o preconceito ainda reduz às determinadas proporções, a participação do homem na Ginástica Rítmica. Como exemplo, observamos a dificuldade do homem em executar movimentos com o quadril, como o conhecido 'rebolar', sem que com isto se sinta ameaçado em suas características de ser humano 'forte'.

Mesmo porque, na segunda opção de respostas os alunos e as alunas afirmaram a existência de atividades dirigidas para os homens, sendo apenas 4,51% das respostas somando as três universidades. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, na universidade "2" ninguém respondeu 'sim'. A universidade "3" teve a menor quantidade de respostas nesta alternativa; 3% do total 48,87%. A universidade "1" teve a maior quantidade; 1,50% do total 30,07%. Além de responder 'sim', os discentes e as discentes justificaram, dizendo quais atividades foram desenvolvidas somente para os homens:

Universidade "1"

F: Não lembro.

M: Um aluno não justificou.

Na universidade “1”, um aluno e uma aluna optaram pela resposta ‘sim’, porém, as justificativas não aconteceram gerando dúvida se, realmente, as atividades dirigidas somente para os alunos existiu durante a disciplina de Ginástica Rítmica.

Universidade “2”

F: Nenhuma aluna assinalou esta alternativa.

M: Nenhum aluno assinalou esta alternativa.

Nesta universidade ninguém respondeu que houve atividades dirigidas somente para os homens; foi atingido o total das respostas ‘não’ a alternativa mais assinalada nas três universidades.

Universidade “3”

F: 1. Duas alunas: *Não lembro.* 2. Uma aluna não justificou. 3. *Quanto aos materiais (aparelhos).*

M: Nenhum aluno assinalou esta alternativa.

Nesta universidade somente as alunas disseram que existem atividades dirigidas apenas para os alunos. Três alunas não justificaram as suas respostas e uma aluna citou atividades com aparelhos. Essa resposta pode estar relacionada com o fato de alguns aparelhos do sexo masculino serem diferentes dos aparelhos femininos na Ginástica Rítmica. Em Gaio (2007), a Ginástica Rítmica se caracteriza pelo manejo dos aparelhos manuais oficiais – arco, bola, corda, fita e maçãs no feminino (segundo a Federação Internacional de Ginástica) e bastão, bola, corda, maçãs e dois arcos pequenos no masculino (segundo informações da Confederação Japonesa de Ginástica).

Com esta questão coletamos informações que, possivelmente, mostrou nas disciplinas de Ginástica Rítmica dos três cursos de Educação Física pesquisados, professores e professoras preocupados, na maioria das vezes, em atender ambos os gêneros com igualdade de oportunidades e respeito às diferenças. Na próxima perguntamos o inverso, pois, quisemos saber se há atividades dirigidas somente para as mulheres.

10) Tiveram atividades direcionadas somente às mulheres?

* O total de respostas foi igual ao total de sujeitos que responderam o questionário, isto porque, nesta questão, se podia assinalar apenas uma alternativa.

Tabela 13. Respostas dadas à décima pergunta do questionário.

Respostas	Universidade 1 São Paulo		Universidade 2 Paraná		Universidade 3 São Paulo		TOTAL
	F	M	F	M	F	M	
SEXOS							
1ª Não;	14 10,52%	22 16,54%	12 9,02%	15 11,27%	22 16,54%	38 28,57%	123 92,48%
2ª Sim. Qual/is?	2 1,5%	2 1,5%	---	1 0,75%	5 3,75%	---	10 7,51%
Total de respostas por universidade e por sexo	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%
Total de sujeitos participantes da pesquisa sobre Ginástica Rítmica e Gênero	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%

Apesar da maioria dos discentes e das discentes das três universidades ter revelado na questão nove, que nas aulas da disciplina de Ginástica Rítmica praticamente não há atividades dirigidas somente para o sexo masculino. Observamos que há tratamentos ou atividades diferenciados somente para as mulheres. Dessa forma, o total das três universidades mostrou 92,48% de respostas ‘*não*’; uma quantidade menor que na questão anterior.

O fato de a modalidade ser oficialmente feminina pode refletir durante as aulas mais direcionadas para as alunas. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade “3” obteve maior quantidade de respostas ‘*não*’; 45,11% do total 48,87% de participantes. A universidade “1” teve a segunda maior quantidade; 27,06% do total 30,07%. A universidade “2” teve a menor quantidade; 20,29% do total 21,05%.

Isso representa que nas três universidades em estudo os dados se equivalem, anunciando que nas disciplinas de Ginástica Rítmica dos cursos de Educação Física em estudo, há uma minoria de atividades dirigidas somente para as alunas. De acordo com Teixeira, (1996) desde a antigüidade o homem ocupa um lugar de destaque na sociedade mantendo a mulher inferiorizada. Assim, trabalhar a ginástica enquanto modalidade esportiva discriminadamente feminina fere, profundamente, estes valores pré-estabelecidos e cultivados como o machismo.

Por isso, ainda encontramos na nossa sociedade atividades para homens e para as mulheres. Como a nossa pesquisa está focada na disciplina de Ginástica Rítmica durante a formação profissional, verificamos a ausência dessa realidade.

Mas, até então, percebemos algumas diferenças entre os gêneros mencionados nos discursos dos discentes e das discentes, mesmo sendo a minoria.

Assim, na segunda opção de respostas os alunos e as alunas, afirmaram a existência de atividades dirigidas para as mulheres, sendo 7,51% das respostas somando as três universidades. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade “3” teve a menor quantidade de respostas ‘sim’, 3,75% do total de 48,87% de participantes. A universidade “1” teve a segunda menor quantidade; 3% do total 30,07%. A universidade “2” teve a maior quantidade; 0,75% do total 21,05%. Além de responder ‘sim’, justificaram suas respostas, dizendo quais atividades foram desenvolvidas somente para as mulheres:

Universidade “1”

F: 1. *A maioria (a Ginástica Rítmica é feminina).* 2. Uma aluna não justificou.

M: Dois alunos não justificaram.

Nesta universidade encontramos quatro respostas ‘sim’ mas, três não foram justificadas. Apenas uma aluna citou que a maioria das atividades durante a disciplina de Ginástica Rítmica foi dirigida para as alunas porque a modalidade é feminina. Contudo, não conseguiu especificar quais atividades; simplesmente generalizou. O fato da maioria não conseguir justificar, pode revelar o desconhecimento dessa atividade ou algum momento que o professor ou a professora pontuou diferenças entre o sexo masculino e feminino na modalidade competitiva, ramificando para as suas diversas vertentes e possibilidades.

Universidade “2”

F: Nenhuma aluna assinalou esta alternativa.

M: 1. *Todas.*

Nesta universidade todas as alunas participantes da pesquisa afirmaram que não tiveram atividades dirigidas somente para as mulheres. Mas, um discente mencionou que todas as atividades foram desenvolvidas para o sexo feminino. Esse aluno, possivelmente, ainda não rompeu seus próprios preconceitos, desacreditando que possa praticar Ginástica Rítmica; como professor seus alunos podem reagir da mesma maneira o que é muito preocupante. Nós defendemos que meninos e meninas podem e devem participar desse esporte.

Universidade “3”

F: 1. Dois alunas não justificaram. 2. Dois alunas não lembraram. 3. *Quanto aos aparelhos.*

M: 1. Nenhum aluno assinalou esta alternativa.

Ao contrário da universidade “2”, na universidade “3” todos os alunos afirmaram que não tiveram atividades dirigidas somente para as mulheres, além de duas alunas não justificarem e duas não lembrarem das atividades; apenas uma aluna respondeu quanto aos aparelhos. Esta aluna mostrou a mesma justificativa na questão nove, quando apresentamos que, competitivamente, os aparelhos femininos e masculinos são diferentes.

Na pergunta seguinte, verificamos os métodos de avaliação utilizados pelos professores ou professoras da/s disciplina/s de Ginástica Rítmica dos cursos de Educação Física.

11) Quais foram os métodos de avaliação propostos pelo/a Professor/a? (pode assinalar mais de uma alternativa)

* A quantidade de respostas é superior ao total de pessoas que responderam o questionário, porque nesta questão se podia assinalar mais de uma alternativa.

Tabela 14. Respostas dadas à décima primeira pergunta do questionário.

Respostas	Universidade 1 São Paulo		Universidade 2 Paraná		Universidade 3 São Paulo		TOTAL
	F	M	F	M	F	M	
SEXOS							
1ª Participação nas aulas;	13 2,57%	19 3,76%	11 2,17%	16 3,16%	24 4,75%	33 6,53%	116 22,97%
2ª Execução dos movimentos;	8 1,58%	17 3,36%	8 1,58%	14 2,77%	23 4,55%	32 6,33%	102 20,19%
3ª Trabalhos em grupos heterogêneos;	8 1,58%	14 2,77%	6 1,18%	10 1,98%	12 2,37%	16 3,16%	66 13,06%
4ª Discussões e debates;	4 0,79%	13 2,57%	5 0,99%	6 1,18%	13 2,57%	13 2,57%	54 10,69%
5ª Trabalhos em grupos homogêneos;	4 0,79%	5 0,99%	7 1,38%	11 2,17%	13 2,57%	8 1,58%	48 9,50%
6ª Trabalhos em grupos homogêneos e heterogêneos;	1 0,19%	3 0,59%	5 0,99%	10 1,98%	8 1,58%	16 3,16%	43 8,51%
7ª Provas. Sobre qual/is conteúdo/s?	3 0,59%	2 0,39%	6 1,18%	13 2,57%	6 1,18%	11 2,17%	41 8,11%
8ª Seminários. Qual/is o/s assunto/s?	8 1,58%	2 0,39%	---	1 0,19%	4 0,79%	4 0,79%	19 3,76%

9ª Outros.	6 1,18%	---	1 0,19%	1 0,19%	3 0,59%	4 0,79%	15 2,97%
Total de respostas por universidade e por sexo	55 10,89%	75 14,85%	49 9,70%	82 16,23%	106 20,99%	137 27,12%	504 99,80%
<i>Sujeitos que não responderam esta questão</i>	1 0,19%	---	---	---	--	---	1 0,19%
Total de respostas + sujeitos que não responderam	56 11,08%	75 14,85%	49 9,70%	82 16,23%	106 20,99%	137 27,12%	505 100%
Total de sujeitos participantes da pesquisa sobre Ginástica Rítmica e Gênero	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%

Apesar da maioria das três universidades apresentar a alternativa **‘Participação nas aulas’**, com 22,97%, tivemos uma diferença pequena com relação às outras opções de respostas. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade “1” obteve maior quantidade de respostas **‘participação nas aulas’**; 6,33% do total de 25,93% de respostas dadas por esta universidade. A universidade “2” teve a segunda maior quantidade de respostas nesta alternativa; 5,33% do total 25,93%. A universidade “3” teve a menor quantidade; 11,28% do total 48,11%. Esta forma de avaliação, em geral, não favorece quem tem mais facilidade com a modalidade, analisando o interesse no aprendizado e a participação dos alunos e das alunas em cada aula.

Por outro lado, na segunda opção de resposta, com uma pequena diferença da primeira, está **‘execução dos movimentos’** resultando em 20,19%. Ao contrário da anterior, neste método de avaliação, possivelmente, quem tem uma vivência na Ginástica Rítmica apresenta uma execução melhor de movimentos. Como a modalidade competitiva é feminina, sendo maioria a participação deste sexo; as mulheres talvez tenham mais facilidade e melhor execução dos movimentos com relação aos homens. Com esse método o professor ou a professora está incluindo ou excluindo seus alunos e suas alunas?

Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade “3” obteve menor quantidade de respostas **‘execução dos movimentos’**; 13,17% do total de 48,11% de respostas dadas por esta universidade. A universidade “2” teve a segunda menor quantidade; 4,35% do total 25,93%. A universidade “3” teve a menor quantidade; 4,94% do total 25,93.

A terceira opção de resposta nas três universidades foi **'trabalhos em grupos heterogêneos'**, resultando em 13,06%; o que consideramos uma quantidade pequena. Esse tipo de avaliação, em geral, é a oportunidade do professor ou a professora desenvolver as relações entre os gêneros, uma vez que, homens e mulheres devem compor o mesmo grupo para realizarem as atividades. Assim, através da Ginástica Rítmica alunos e alunas podem chegar a um mesmo objetivo respeitando as diferenças do outro. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade "1" obteve maior quantidade de respostas nesta alternativa; 4,35% do total de 25,93% de respostas dadas por esta universidade. A universidade "2" teve a segunda maior quantidade; 3,16% do total 25,93%. A universidade "3" teve a menor quantidade; 5,53% do total 48,11%.

A quarta opção de resposta mais assinaladas nas três universidades foi **'Discussões e debates'**, resultando em 10,69%. Essas atividades permitem os alunos e alunas exporem suas opiniões, apoiando ou criticando o assunto proposto para a aula. O professor ou a professora deve conduzir as argüições para que exista a igualdade de oportunidade para opinar e a compreensão às posições contrárias. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade "1" obteve maior quantidade de respostas nesta alternativa; 3,36% do total de 25,93% de respostas dadas por esta universidade. A universidade "2" teve a segunda maior quantidade; 2,17% do total 25,93%. A universidade "3" teve a menor quantidade; 5,14% do total 48,11%.

A quinta opção de resposta mais assinaladas nas três universidades foi **'Trabalhos em grupos homogêneos'**, resultando em 9,50%. O professor ou a professora, ao desenvolver trabalhos somente com grupos homogêneos, deve tomar cuidado, pois, pode valorizar a Ginástica Rítmica feminina e, conseqüentemente, desvalorizar o sexo masculino. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade "3" obteve menor quantidade de respostas nesta alternativa; 4,15% do total de 48,11% de respostas dadas por esta universidade. A universidade "1" teve a segunda menor quantidade; 1,78% do total 25,93%. A universidade "2" teve a maior quantidade, 3,55% do total 25,93%; lembrando que esta universidade apresenta um projeto de extensão com o objetivo de detectar talentos para a Ginástica Rítmica.

A sexta opção de resposta mais assinaladas nas três universidades foi **'Trabalhos em grupos homogêneos e heterogêneos'**, resultando em 8,51%.

Assim, duas maneiras de avaliação podem ser desenvolvidas nas aulas, ou seja, com grupos de homens e de mulheres e grupos com ambos os gêneros. Dessa forma, o professor ou a professora pode proporcionar diferentes relações para alunos e alunas, desde que não priorize mais um que o outro. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade “2” obteve maior quantidade de respostas nesta alternativa; 2,97% do total de 25,93% de respostas dadas por esta universidade. A universidade “1” teve a segunda maior quantidade; 0,78% do total 25,93%. A universidade “3” teve a menor quantidade, 4,74% do total 48,11%.

A sétima opção de resposta mais assinaladas nas três universidades foi **‘Provas’**, resultando em 8,11%. A prova para avaliar o aluno ou a aluna, muitas vezes é necessária, mas o professor ou a professora deve utilizar também outros métodos. Como é uma atividade para ser realizada sozinha, em geral, impede que os discentes e as discentes se relacionem para atingir um resultado. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade “3” obteve menor quantidade de respostas nesta alternativa; 3,35% do total de 48,11% de respostas dadas por esta universidade. A universidade “1” teve a segunda menor quantidade; 0,98% do total 25,93%. A universidade “2” teve a maior quantidade, 3,75% do total 25,93%.

A oitava opção de resposta mais assinalada pela maioria das três universidades foi **‘Seminários’**, resultando em 3,76%. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade “1” obteve maior quantidade de respostas nesta alternativa; 1,97% do total de 25,93% de respostas dadas por esta universidade. A universidade “2” teve a segunda maior quantidade; 0,19% do total 25,93%. A universidade “3” teve a menor quantidade, 1,58% do total 48,11%.

A nona opção de resposta mais assinalada pela maioria das três universidades foi **‘Outros’**, resultando em 2,97%. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade “1” obteve maior quantidade de respostas nesta alternativa; 1,18% do total de 25,93% de respostas dadas por esta universidade. A universidade “2” teve a segunda maior quantidade; 0,38% do total 25,93%. A universidade “3” teve a menor quantidade; 1,38% do total 48,11%.

A seguir estão as respostas dos alunos e das alunas referentes às perguntas da sétima (Provas. Sobre qual/is conteúdo/s?), oitava (Seminários. Qual/is o/s assunto/s?) e nona (Outros) alternativas, nessa ordem classificadas:

Universidade “1”

F: 1. Uma aluna assinalou a 7ª alternativa: *sobre a própria matéria*. 2. Três alunas assinalaram a 8ª alternativa, mas não justificaram. 3. Duas alunas assinalaram a 8ª alternativa com o mesmo discurso: *artigos sobre GR*. 4. Duas alunas assinalaram a 8ª alternativa com os diferentes discursos: *qualquer assunto relacionado à Ginástica Rítmica; sobre a modalidade*. 6. Cinco alunas assinalaram a 9ª opção com o mesmo discurso: *apresentação de coreografias ou prova prática*. 7. Uma aluna escolheu as alternativas 7ª e 8ª, mas não justificou. 8. Uma aluna escolheu a 9ª alternativa: *apresentação de trabalho teórico*.

M: 1. Um aluno optou pela 7ª alternativa: *apresentação de coreografias*. 2. Três alunos assinalaram a 8ª alternativa com os diferentes discursos: *PCN's e Educação Física; livros e dissertação da modalidade; sobre a modalidade*. 5. Dois alunos escolheram a 8ª alternativa, mas não justificaram.

Esta universidade apresenta onze discursos femininos e apenas quatro masculinos, sendo quinze no total, além, de quatro alunas e dois alunos não justificarem as suas respostas, com um total de seis discentes. Com sete respostas obtivemos, como método de avaliação, provas e seminários sobre a modalidade, a matéria, artigos e dissertações de Ginástica Rítmica. O segundo método de avaliação mais encontrado diante desses discursos desta universidade foi a apresentação de coreografia ou prova prática, que apareceu seis vezes. Os discursos que mais diferenciaram foram o dos PCN's e do trabalho teórico.

Universidade “2”

F: 1. Cinco alunas não justificaram a 7ª opção. 2. Uma aluna assinalou a 7ª alternativa: *movimentos básicos de aparelhos e introdução pedagógica*. 3. Uma aluna assinalou a 9ª alternativa: *texto e interpretação*.

M: 1. Cinco alunos não justificaram a 7ª alternativa. 2. Três alunos assinalaram a 7ª alternativa com o mesmo discurso: *tudo dado no decorrer da disciplina*. 3. Três alunos assinalaram a 7ª alternativa com os diferentes discursos: *os conteúdos específicos da disciplina; regras, conceitos, etc.; GRD*. 6. Um aluno não justificou a 8ª alternativa. 7. Um aluno optou pela 9ª alternativa: *festival*.

Nesta universidade, ao contrário da anterior, aparecem mais respostas masculinas que femininas, sendo duas alunas e sete alunos somando nove discentes, além de, seis alunos e cinco alunas não justificarem as suas respostas, com um total de onze discentes; uma quantia superior à universidade “1”. O número

de discursos femininos foi muito reduzido, pois, a maioria não justificou as suas respostas. Os discursos mais equivalentes foram: tudo dado no decorrer da disciplina; conteúdos da disciplina; regras e conceitos, mas, três discursos se divergem, inclusive das outras universidades, como: movimentos básicos de aparelhos e introdução pedagógica; texto e interpretação; festival.

Universidade “3”

F: 1. Duas alunas marcaram a 7ª alternativa, mas não mencionaram os conteúdos. 2. Uma aluna assinalou a 7ª opção dizendo: *não me lembro*. 3. Duas alunas marcaram a 7ª opção com os mesmos discursos: *prova prática*. 4. Uma aluna escolheu a 7ª opção: *todos os aparelhos*. 5. Três alunas marcaram a 8ª opção, mas não mencionaram o assunto. 6. Uma aluna assinalou a 8ª opção: *não me lembro*. 7. Três alunas assinalaram a 9ª alternativa: *apresentação de uma seqüência de movimentos ou coreografia com materiais da Ginástica Rítmica e adaptados*.

M: 1. Três alunos marcaram a 7ª opção, mas não mencionaram os conteúdos. 2. Dois alunos marcaram a 7ª opção com o mesmo discurso: *criação de coreografias*. 3. Três alunos assinalaram a 7ª opção com o mesmo discurso: *apresentação/prova prática*. 4. Dois alunos marcaram a 7ª opção com os diferentes discursos: *sobre Ginástica Rítmica para Terceira Idade; discussões*. 5. Dois alunos marcaram a 7ª opção com o mesmo discurso: *execução de movimento*. 6. Quatro alunos marcaram a 8ª opção, mas não mencionaram o assunto. 7. Dois alunos escolheram a 8ª opção com as diferentes respostas: *Copa do Mundo; Futebol*. 8. Um aluno assinalou a 9ª alternativa, mas não citou quais os outros. 9. Dois alunos escolheram a 9ª alternativa com os diferentes discursos: *trabalho; montagem de coreografia*.

A universidade “3” tem sete alunas sem justificar, aparecendo apenas seis respostas femininas; lembrando que este curso tem a maior quantidade de participantes nesta pesquisa. Cinco alunos não justificaram e apareceram treze respostas masculinas. Nessa universidade temos mais respostas masculinas que femininas. As respostas mais comuns foram: prova práticas e criação/montagem/apresentação de coreografias, porém, alguns discursos só aparecem nesta universidade como: copa do mundo, futebol, materiais adaptados e execução de movimentos.

Esse último método de avaliação, mencionado duas vezes por discentes desta universidade, utilizado pelo professor ou professoras durante a disciplina de Ginástica Rítmica é preocupante, pois, avaliar a execução pode distanciar quem tem

maior facilidade em realizar os movimentos, de quem apresenta mais dificuldade. Mesmo porque, executar os movimentos corretos ou errados, em geral, não garante a qualidade e competência do ou da profissional. Mas, o docente ou a docente realmente avaliaram a execução dos movimentos ou os discentes e as discentes tiraram essa conclusão?

Para Gaio (2007, p.23), “partimos do pressuposto que todo adulto graduado em Educação Física foi um dia uma criança, que vivenciou as diversas emoções e sensações do corpo em movimento na escola através da disciplina de Educação Física”.

Entretanto, verificamos existir por parte dos mesmos alunos um grande abraço, quando solicitamos a prática de atividades que estimulam o ritmo, qualidade inerente ao ser humano, tais como: rodas cantadas, atividades que explorem o ‘andar e correr’ com sons corporais, danças folclóricas, etc... (GAIO, 2007, p.24)

Por isso, avaliarmos apenas a execução dos movimentos pode reprimir a capacidade de ensinar. Aliar as propostas metodológicas inserindo novas seria o mais aconselhado, além das questões de gêneros como um dos conteúdos na disciplina de Ginástica Rítmica e como objetivo das aulas a compreensão e o respeito às diferenças, principalmente, entre quem está se preparando para ser profissional de Educação Física. Contudo, em nenhuma resposta das três universidades em estudo tivemos os conteúdos das provas, dos seminários ou qualquer outro método de avaliação com o tema sobre gênero. Isso mostra que esse assunto pode ter aparecido algumas vezes durante o semestre, mas com pouca evidência.

Na pergunta doze investigamos sobre as dificuldades que os alunos e as alunas tiveram durante a disciplina de Ginástica Rítmica.

12) Qual a/s dificuldade/s encontrada/s na disciplina de Ginástica Rítmica? (pode assinalar mais de uma alternativa)

* A quantidade de respostas é superior ao total de pessoas que responderam o questionário, porque nesta questão se podia assinalar mais de uma alternativa.

* Há duas alternativas em 4º lugar porque empatam no número de respostas.

Tabela 15. Respostas dadas à décima segunda pergunta do questionário.

Respostas	Universidade 1 São Paulo		Universidade 2 Paraná		Universidade 3 São Paulo		TOTAL
	F	M	F	M	F	M	
SEXOS							
1ª Execução dos movimentos;	15 8,52%	14 7,95%	10 5,68%	13 7,38%	21 11,93%	28 15,9%	101 57,38%
2ª Conceitos e regras;	2 1,13%	6 3,4%	3 1,70%	3 1,70%	8 4,54%	9 5,11%	31 17,61%
3ª Domínio masculino por não fazerem as atividades;	1 0,56%	1 0,56%	2 1,13%	1 0,56%	2 1,13%	5 2,84%	12 6,81%
4ª Domínio feminino por apresentarem mais facilidade;	1 0,56%	2 1,13%	1 0,56%	1 0,56%	2 1,13%	3 1,70%	10 5,68%
4ª Discriminação e/ou Preconceito;	3 1,70%	3 1,70%	3 1,70%	---	1 0,56%	---	10 5,68%
6ª Relacionamento com os colegas;	---	---	3 1,70%	1 0,56%	1 0,56%	---	5 2,84%
7ª Exclusão.	1 0,56%	1 0,56%	2 1,13%	---	---	---	4 2,27%
Total de respostas por universidade e por sexo	23 13,06%	27 15,34%	24 13,63	19 10,79%	35 19,88%	45 25,56%	173 98,29%
<i>Sujeitos que não responderam esta questão</i>	---	---	---	1 0,56%	1 0,56%	1 0,56%	3 1,70%
Total de respostas + Sujeitos que não responderam	23	27	24	20	36	46	176 100%
Total de sujeitos participantes da pesquisa sobre Ginástica Rítmica e Gênero	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%

As três universidades apresentaram a maioria das repostas dos alunos e das alunas, 'execução dos movimentos', como a alternativa mais assinalada nesta questão. Sendo 57,38%, mais que 50% de participantes, tendo uma diferença considerável com relação às outras opções de respostas. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade "1" obteve a menor quantidade de respostas nesta alternativa; 16,47% do total de 30,07% de participantes. A universidade "2" teve a segunda menor quantidade; 13,06% do total 21,05%. A universidade "3" teve a maior quantidade; 27,83% do total 48,87%. Devido à ginástica ser pouco praticada nas escolas e fora dela, reflete em uma minoria de discentes com conhecimento do seu repertório motor, antes de adentrarem no curso de ensino superior em Educação Física. Por isso, detectamos que, em geral, os

alunos e as alunas enfrentaram dificuldades durante a execução dos movimentos na disciplina de Ginástica Rítmica.

Assim, temos a alternativa '*conceitos e regras*' como a segunda dificuldade mais presenciada na disciplina de Ginástica Rítmica nas três universidades, sendo 17,61%. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade "2" obteve maior quantidade de respostas nesta alternativa; 3,40% do total de 21,05% de participantes. A universidade "1" teve a segunda maior quantidade; 4,53% do total 30,07%. A universidade "3" teve a menor quantidade; 9,65% do total 48,87%. A partir desse resultado, pensamos que o professor ou a professora da disciplina de Ginástica Rítmica tenha atenção para não se prender somente as regras da modalidade que são complexas e direcionadas para o sexo feminino, apesar da sua importância; para que ambos os gêneros possam participar efetivamente das aulas.

A terceira opção de respostas nas três universidades é '*Domínio masculino por não fazerem as atividades*', com 6,81%. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade "3" obteve a menor quantidade de respostas nesta alternativa; 3,97% do total de 48,87% de participantes. A universidade "1" teve a segunda menor quantidade; 1,22% do total 30,07%. A universidade "2" teve a maior quantidade; 1,69% do total 21,05%. Lembramos, novamente, que a universidade "2" apresenta um projeto de extensão com objetivo de buscar novos talentos para a modalidade. Assim, as aulas da disciplina de Ginástica Rítmica desta universidade podem estar enfatizadas na modalidade competitiva que prioriza o sexo feminino; gerando uma desmotivação masculina.

Esse, possivelmente, deve ser o mesmo motivo que leva a quarta opção de resposta ser '*Domínio feminino por apresentarem mais facilidade*', com 5,68%. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade "3" obteve menor quantidade de respostas nesta alternativa; 2,83% do total de 48,87% de participantes. A universidade "1" teve a segunda menor quantidade; 1,69% do total 30,07%. A universidade "2" teve a maior quantidade; 1,12% do total 21,05%.

Com a mesma porcentagem da alternativa anterior, 5,68%, encontramos '*Discriminação e/ou Preconceito*'. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade "3" obteve a menor quantidade de respostas nesta alternativa; 0,56% do total de 48,87% de participantes. A universidade "1" teve a

segunda menor quantidade; 3,40% do total 30,07%. A universidade “2” teve a maior quantidade; 1,70% do total 21,05%.

A sexta opção de resposta, na maioria das universidades, foi ‘*relacionamento com os colegas*’, com 2,84%. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, na universidade “1” nenhum aluno e nenhuma aluna assinalaram esta alternativa. A universidade “3” obteve a menor quantidade de respostas; 0,56% do total de 48,87% de participantes. A universidade “2” teve a maior quantidade; 2,26% do total 21,05%, apesar de essa alternativa ter uma quantidade pequena de respostas nas três universidades, provavelmente, o aluno ou aluna que pouco se relaciona com os colegas e as colegas da turma nesta disciplina; pode ter dificuldade em realizar as atividades propostas em aula. Por isso, cabe ao professor ou professora enquadrar as aulas, sempre que possível, às condições dos discentes e das discentes.

A sétima opção de resposta na maioria das universidades foi ‘*Exclusão*’, com 2,27%. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, na universidade “3” nenhum aluno e nenhuma aluna assinalaram esta alternativa. A universidade “1” obteve a menor quantidade de respostas; 1,12% do total de 30,07% de participantes. A universidade “2” teve a maior quantidade; 1,13% do total 21,05%.

Apesar de termos um número pequeno, entre as três universidades, de pessoas que assinalaram a alternativa ‘*exclusão*’, não podemos ignorá-la, uma vez que, a universidade “2” teve duas alunas e a universidade “1” teve uma aluna, e um aluno que marcaram essa alternativa. Contudo, a Ginástica Rítmica competitiva prioriza o sexo feminino; como essas alunas podem sentir excluídas das aulas? Ser homem e não ter praticado a Ginástica Rítmica pode ser aceitável, mas ser mulher e não ter vivenciado uma atividade considerada feminina gera desprezo?

O ser humano é o resultado do meio cultural em que foi socializado; sua herança é um largo processo acumulativo, refletindo o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecedem (LARAIA, 1993).

Dando continuidade, tivemos na pergunta treze deste questionário sobre Ginástica Rítmica e gênero, a intenção de descobrir as frustrações vividas pelos alunos e pelas alunas durante as aulas.

13) Sofreu alguma frustração/vergonha durante as aulas da/s disciplina/s de Ginástica Rítmica?

* O total de respostas foi igual ao total de sujeitos que responderam o questionário, isto porque, nesta questão, se podia assinalar apenas uma alternativa.

Tabela 16. Respostas dadas à décima terceira pergunta do questionário.

Respostas	Universidade 1 São Paulo		Universidade 2 Paraná		Universidade 3 São Paulo		TOTAL
	F	M	F	M	F	M	
SEXOS							
1ª Não;	15 11,27%	19 14,28%	11 8,27%	14 10,52%	24 18,04%	35 26,31%	118 88,72%
2ª Sim, mas não quero falar sobre o assunto;	---	3 2,25%	1 0,75%	1 0,75%	3 2,25%	2 1,50%	10 7,51%
3ª Sim. Qual/is?	1 0,75%	2 1,50%	---	1 0,75%	---	1 0,75%	5 3,75%
Total de respostas por universidade e por sexo	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%
Total de sujeitos participantes da pesquisa sobre Ginástica Rítmica e Gênero	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%

Essa questão teve o objetivo de sabermos se os alunos e as alunas passaram, na disciplina de Ginástica Rítmica, por algum momento de frustração ou sentimento de vergonha. Assim, a maioria dos participantes das três universidades pesquisadas, respondeu 'não', com 88,72%, um valor bastante a cima de 50% das respostas. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade "3" teve a maior quantidade de respostas nesta alternativa; 44,35% do total 48,87%. A universidade "1" obteve a segunda maior quantidade de respostas; 25,55% do total de 30,07% de participantes. A universidade "2" teve a menor quantidade; 18,79% do total 21,05%.

A segunda opção de resposta na maioria das universidades foi 'sim, mas não quero falar sobre o assunto', com 7,51%. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade "3" teve a menor quantidade de respostas nesta alternativa; 3,75% do total de 48,87% de participantes. A universidade "1" obteve a segunda menor quantidade de respostas; 2,25% do total 30,07%. A universidade "2" teve a maior quantidade; 1,5% do total 21,05%.

A terceira opção de resposta na maioria das universidades foi 'sim, qual/is', com 3,75%. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade "3" teve a menor quantidade de respostas nesta alternativa; 0,75% do

total de 48,87% de participantes. A universidade “1” obteve a segunda menor quantidade de respostas; 2,25% do total 30,07%. A universidade “2” teve a maior quantidade; 0,75% do total 21,05%. Além, da resposta ‘*sim*’, nesta alternativa os alunos e as alunas mencionaram quais foram as frustrações ou vergonhas que aconteceram durante a disciplina:

Universidade “1”

F: 1. *Não era muito flexível (todos riam).*

M: 1. *Quando usei calça de bailarina.* 2. *Uso compulsório de vestimenta feminina.*

Essa universidade apresenta uma quantidade pequena de respostas, porém, cada palavra reflete claramente as frustrações vividas durante a disciplina de Ginástica Rítmica. Para uma mulher não ter flexibilidade, significa encontrar dificuldade para realizar os movimentos, gerando vergonha quando não atinge o idealizado pela modalidade.

Por isso, cabe ao professor ou a professora não valorizar ou desvalorizar cada discente pela execução dos movimentos e não ter como objetivo avaliar a técnica esportiva, embora os demais companheiros e companheiras da classe, submetidos ao sistema não respeitem e pouco compreendam as limitações do outro ou outra.

Dessa forma, como serão futuros professores e professoras competentes, para atuar oferecendo iguais oportunidades nas aulas de Educação Física? Rir da colega pode ser um ato de desrespeito? Se essa situação foi vivida durante a disciplina de Ginástica Rítmica, as questões de gênero foram desenvolvidas? Mas, trabalhar as questões de gênero durante um semestre pode mudar as atitudes de uma vida?

Além da única resposta feminina, dois homens escreveram seus sentimentos ao vestirem roupas adequadas para a prática da Ginástica Rítmica, que para muitos é considerada feminina. Mesmo porque, a modalidade competitiva prioriza o sexo feminino e como todo esporte, apresenta uma vestimenta apropriada para não atrapalhar a execução dos movimentos; geralmente aderindo ao corpo, aparentando estar nu. Em outros esportes como a natação e o atletismo algumas roupas também são aderentes ao corpo, sendo usadas por homens e mulheres, mas, em geral, as pessoas não encontram problemas. Segundo Barbanti (1994, p.24):

O termo Ginástica originou-se aproximadamente em 400 a.C. É derivado de Gymnós, que quer dizer nu, levemente vestido e geralmente se refere a todo tipo de exercício físico para os quais se tem que tirar a roupa de uso diário. Durante o curso da história as interpretações de Ginástica variam.

Universidade “2”:

F: 1. Ninguém assinalou a primeira opção.

M: 1. *Nas apresentações de coreografias.*

Nesta universidade vemos apenas uma resposta masculina referente às apresentações de coreografias.

Universidade “3”:

F: 1. Ninguém assinalou a primeira opção.

M: 1. Um aluno disse: *na apresentação do trabalho.*

Igualmente a universidade anterior, temos um aluno que ficou frustrado ao apresentar o trabalho de Ginástica Rítmica. Assim, notamos uma equivalência entre a universidade “2” e 3, pois, dois alunos escreveram seus sentimentos ao apresentarem o trabalho/coreografia, apesar da universidade “3” conter um número superior de participantes com relação a universidade “2” .

Provavelmente, estes discentes sentiram vergonha por serem o centro das atenções dos demais colegas da turma, principalmente, quando nunca vivenciaram uma atividade parecida antes. Eles podem ter encontrado dificuldade para realizar os movimentos, ficando constrangido? Sentiram vergonha de praticar um esporte oficializado feminino?

Contudo, o professor ou a professora deve ter cautela para iniciar um trabalho com o sexo masculino, pois, desde que nascem são, freqüentemente, condicionados à prática de atividades esportivas, como o futebol, por exemplo. Mudar esta realidade significa romper princípio e valores arraigados desde a infância. A seguir perguntamos aos discentes quais propostas de trabalho aceitariam para atuar com a Ginástica Rítmica.

14) Se recebesse uma proposta para trabalhar com a modalidade Ginástica Rítmica, o que aceitaria?

* O total de respostas foi igual ao total de sujeitos que responderam o questionário, isto porque, nesta questão, se podia assinalar apenas uma alternativa.

Tabela 17. Respostas dadas à décima quarta pergunta do questionário.

Respostas	Universidade 1 São Paulo		Universidade 2 Paraná		Universidade 3 São Paulo		TOTAL
	F	M	F	M	F	M	
1ª Trabalhar com turmas mistas;	11 8,27%	14 10,52%	5 3,75%	7 5,26%	18 13,53%	12 9,02%	67 50,37%
2ª Não aceitaria, por que não gosto da modalidade;	4 3%	7 5,26%	3 2,25%	5 3,75%	4 3%	17 12,78%	40 30,07%
3ª Não aceitaria, por que é difícil de ensinar;	---	1 0,75%	1 0,75%	2 1,50%	2 1,50%	5 3,75%	11 8,27%
4ª Trabalhar com turmas separadas por sexo;	1 0,75%	1 0,75%	---	---	3 2,25%	2 1,50%	7 5,26%
5ª Trabalhar só com o sexo feminino;	---	---	2 1,50%	1 0,75%	---	1 0,75%	4 3%
6ª Não aceitaria, por que teria poucos participantes interessados;	---	1 0,75%	---	---	---	1 0,75%	2 1,50%
7ª Trabalhar só com o sexo masculino.	---	---	---	---	---	---	0 0%
Total de respostas por universidade e por sexo	16 12,03%	24 18,04%	11 8,27%	15 11,27%	27 20,30%	38 28,57%	131 98,49%
<i>Sujeitos que não responderam esta questão</i>	---	---	1 0,75%	1 0,75%	---	---	2 1,50%
Total de respostas + Sujeitos que não responderam	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%
Total de sujeitos participantes da pesquisa sobre Ginástica Rítmica e Gênero	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%

Nesta questão, a maioria dos alunos e das alunas das três universidades respondeu ‘trabalhar com turmas mistas’; sendo 50,37%, um pouco mais que 50% das respostas. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade “1” teve a maior quantidade de respostas nesta alternativa; 18,79% do total de 30,07% de participantes. A universidade “3” obteve a segunda maior quantidade de respostas; 22,55% do total 48,87%. A universidade “2” teve a menor quantidade; 9,01% do total 21,05%.

Apesar da maioria dos alunos e das alunas escolherem trabalhar com ambos os gêneros, consideramos que, ainda, muitos discentes não acreditam nessa possibilidade com a Ginástica Rítmica, possivelmente até alguns professores e professoras que ministram aulas no ensino superior.

De acordo com Gaio e Góis (2006, p.4), o ritmo definido pela música produz, conseqüentemente, o tipo de movimento a ser executado, isto é, movimentos quadrados característicos dos homens (oriundos da calistenia) e redondos das mulheres (oriundos do balet clássico). Os aparelhos utilizados para expressar e combinar movimentos ginásticos são definidos de acordo com as características dos sexos. Sendo a fita, por exemplo, um aparelho feminino e o bastão masculino. As capacidades físicas são desenvolvidas e exploradas para cada tipo de ginástica podem caracterizar a execução de um movimento feminino ou masculino, como força uma capacidade presente nas argolas masculinas e leveza e flexibilidade no solo feminino.

A segunda opção de resposta nas três universidades foi '*Não aceitaria, por que não gosto da modalidade*', com 30,07%. Mesmo sabendo que a maioria opta pelas turmas mistas, uma grande quantidade não gosta da Ginástica Rítmica e não aceitaria propostas de trabalho. Geralmente gostamos daquilo que conhecemos e demonstramos mais facilidade, escolhendo como profissão. A Ginástica Rítmica é, freqüentemente, desconhecida pelos alunos e pelas alunas da formação profissional, assim, dificilmente desejam atuar futuramente com esta modalidade. Embora, os paradigmas necessitam ser rompidos para surgir novos desafios.

Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade "3" teve a menor quantidade de respostas na alternativa '*Não aceitaria, por que não gosto da modalidade*'; 15,78% do total de 48,87% de participantes. A universidade "1" obteve a segunda menor quantidade de respostas; 8,26% do total 30,07%. A universidade "2" teve a maior quantidade; 6% do total 21,05%.

As demais opções de respostas, apesar de ser a minoria, revelaram em geral, nas três universidades que os alunos e as alunas que cursaram a disciplina de Ginástica Rítmica, quando se tornarem professores ou professoras, trabalharão com este esporte em último caso. Julgam que a modalidade é difícil de ensinar e teriam menos discentes interessados em participar das aulas, talvez pela pouca popularidade; alguns e algumas para amenizar a situação aceitam atuar somente com o sexo feminino; outros e outras com as turmas separadas por sexo e ninguém somente com o sexo masculino.

Porém, as dificuldades existem e devem ser superadas; inserir uma proposta nova depende, em geral, da ousadia de um professor ou de uma professora

competente. Caso contrário, até quando continuaremos repetindo os mesmos gestos conhecidos nas aulas de Educação Física?

A terceira opção de resposta nas três universidades foi *'não aceitaria, por que é difícil de ensinar'*, com 8,27%. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade "3" teve a menor quantidade de respostas nesta alternativa; 5,25% do total de 48,87% de participantes. A universidade "1" obteve a segunda menor quantidade de respostas; 0,75% do total 30,07%. A universidade "2" teve a maior quantidade; 2,25% do total 21,05%.

A quarta opção de resposta, na maioria das universidades, foi *'trabalhar com turmas separadas por sexo'*, com 5,26%. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, na universidade "2" ninguém respondeu esta alternativa. A universidade "3" obteve a menor quantidade de respostas; 3,75% do total 48,87% de participantes. A universidade "1" teve a maior quantidade; 1,5% do total 30,07%.

A quinta opção de resposta mais escolhida pela maioria das três universidades foi *'trabalhar só com o sexo feminino'*, com 3%. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, na universidade "1" ninguém responde esta alternativa. A universidade "3" obteve a menor quantidade de respostas; 0,75% do total 48,87% de participantes. A universidade "2" teve a maior quantidade; 2,25% do total 30,07%.

A sexta opção de resposta na maioria das universidades foi *'não aceitaria, por que teria poucos participantes interessados'*, com 1,50%. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, na universidade "2" ninguém respondeu esta alternativa. A universidade "3" obteve a menor quantidade de respostas; 0,75% do total 48,87% de participantes. A universidade "1" teve a maior quantidade; 0,75% do total 30,07%.

Na sétima opção de resposta não tivemos *'trabalhar só com o sexo masculino'*, pois, nenhum discente das três universidades assinalou essa alternativa. Em seguida perguntamos se na Educação Física escolar a Ginástica Rítmica pode ser trabalhada com meninos e meninas, analisando, então, como esses discentes do ensino superior atuarão ao saírem da universidade.

15) A Ginástica Rítmica pode ser ensinada nas aulas de Educação Física da escola para ambos os sexos?

* O total de respostas foi igual ao total de sujeitos que responderam o questionário, isto porque, nesta questão, se podia assinalar apenas uma alternativa.

* Há duas alternativas em 2º lugar e duas alternativas em 4º lugar porque empataram no número de respostas.

Tabela 18. Respostas dadas à décima quinta pergunta do questionário.

Respostas	Universidade 1 São Paulo		Universidade 2 Paraná		Universidade 3 São Paulo		TOTAL
	F	M	F	M	F	M	
SEXOS							
1ª Sim, com certeza;	16 12,03%	22 16,54%	11 8,27%	14 10,52%	25 18,79%	34 25,56%	122 91,72%
2ª Não faz parte do currículo escolar;	---	---	1 0,75%	---	---	2 1,50%	3 2,25%
2ª Não, os alunos e alunas gostam de outros esportes e não fariam as aulas;	---	1 0,75%	---	---	---	2 1,50%	3 2,25%
4ª Sim, mas para turmas separadas por sexo;	---	1 0,75%	---	1 0,75%	---	---	2 1,50%
4ª Sim, mas para o sexo feminino;	---	---	---	1 0,75%	1 0,75%	---	2 1,50%
6ª Sim, mas para o sexo masculino.	---	---	---	---	---	---	0 0%
Total de respostas por universidade e por sexo	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	26 19,54%	38 28,57%	132 99,24%
<i>Sujeitos que não responderam esta questão</i>	---	---	---	---	1 0,75%	---	1 0,75%
Total de respostas + Sujeitos que não responderam	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%
Total de sujeitos participantes da pesquisa sobre Ginástica Rítmica e Gênero	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%

Essa questão nos motivou, ao verificarmos que os alunos e as alunas defenderam, em maioria, que a Ginástica Rítmica pode ser ensinada na escola para ambos os sexos; totalizando a alternativa ‘*Sim, com certeza*’ em 91,72%. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade “1” teve a maior quantidade de respostas nesta alternativa; 28,57% do total de 30,07% de participantes. A universidade “2” obteve a segunda maior quantidade de respostas;

18,79% do total 21,05%. A universidade “3” teve a menor quantidade; 44,35% do total 48,87%.

A partir desses dados Rosário (2004, p.13), vem reforçar o papel da Educação Física para os docentes e as docentes, diante dos rótulos culturalizados na sociedade:

Inebriados como estamos com o êxito do mundo que criamos, esquecemos que, se a todos os cientistas é proibida a ingenuidade, ao cientista das actividades corporais é vedada a pureza de ver o basquetebol, o futebol, o voleibol como estes são vistos pelos que, sem as suas responsabilidades, podem olhar unicamente a eficácia ou a beleza de um gesto. Por que os cientistas da nossa área têm também de se perguntar porquê e como. E ai dos que pensam que estudar e viver a Educação Física e os esportes é só imitar o já feito e ensinar o já aprendido. Essa ilusão levá-lo-á estagnação, à estagnação que é uma forma de morte, sem honra nem glória, dos tipos de esporte que amam mas servem muito pobremente.

Mesmo defendendo as palavras do autor, ainda encontramos alguns alunos e algumas alunas que não acreditam que a Ginástica Rítmica possa ser vivenciada na escola por ambos os gêneros; possivelmente esses serão docentes capazes de ensinar somente os gestos já conhecidos. Assim, empataram em segundo lugar as alternativas *‘Não faz parte do currículo escolar’* e *‘Não, os alunos e alunas gostam de outros esportes e não fariam as aulas’*; ambas com 2,25%, totalizando 4,5%. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física nestas duas alternativas, a universidade “3” teve a menor quantidade de respostas nesta alternativa; 3% do total 48,87%. A universidade “1” teve a segunda menor quantidade; 0,75% do total de 30,07% de participantes. A universidade “2” obteve a maior quantidade de respostas; 0,75% do total 21,05%.

Em quarto lugar empataram as alternativas *‘Sim, mas para turmas separadas por sexo’* e *‘Sim, mas para o sexo feminino’*; ambas com 1,50%, totalizando 3%. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física nestas duas alternativas, a universidade “3” teve a menor quantidade de respostas; 0,75% do total 48,87%. A universidade “1” teve a segunda menor quantidade; 0,75% do total de 30,07% de participantes. A universidade “2” obteve a maior quantidade de respostas; 1,5% do total 21,05%.

Na sexta opção de resposta está *‘Sim, mas para o sexo masculino’*, pois, nenhum discente das três universidades, repetindo o resultado da questão anterior, assinalou essa alternativa. Pela segunda vez os alunos e as alunas não

concordaram em trabalhar somente com o sexo masculino, mas uma quantidade maior concordou em trabalhar somente com o sexo feminino. Isso é preocupante mesmo sabendo que a grande maioria opta por ambos os gêneros.

Qual a diferença que esses discentes encontraram para aceitar a turma feminina fazer Ginástica Rítmica e impossibilitar a masculina? Na questão 16 aprofundamos essa investigação perguntando sobre as possibilidades de se ter atletas do sexo feminino e masculino na Ginástica Rítmica.

16) E enquanto esporte de alto-nível de desempenho é possível treinar ginastas dos sexos masculino e feminino?

* O total de respostas foi igual ao total de sujeitos que responderam o questionário, isto porque, nesta questão, se podia assinalar apenas uma alternativa.

Tabela 19. Respostas dadas à décima sexta pergunta do questionário.

Respostas	Universidade 1 São Paulo		Universidade 2 Paraná		Universidade 3 São Paulo		TOTAL
	F	M	F	M	F	M	
SEXOS							
1ª Sim, o esporte pode ser desenvolvido para todos os tipos de corpos;	11 8,27%	8 6,01%	10 7,51%	11 8,27%	16 12,03%	29 21,80%	85 63,90%
2ª Sim, mas para equipes separadas por sexo;	5 3,75%	10 7,51%	1 0,75%	3 2,25%	8 6,01%	8 6,01%	35 26,31%
3ª Não, o sexo masculino não está inserido no regulamento da modalidade;	---	2 1,5%	1 0,75%	2 1,5%	1 0,75%	1 0,75%	7 5,26%
4ª Não, só dá para treinar o sexo feminino;	---	3 2,25%	---	---	1 0,75%	---	4 3%
5ª Não, só dá para treinar o sexo masculino.	---	1 0,75%	---	---	---	---	1 0,75%
Total de respostas por universidade e por sexo	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	26 19,54%	38 28,57%	132 99,24%
<i>Sujeitos que não responderam esta questão</i>	---	---	---	---	1 0,75%	---	1 0,75%
Total de respostas + Sujeitos que não responderam	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%
Total de sujeitos participantes da pesquisa sobre Ginástica Rítmica e Gênero	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%

Apesar da porcentagem não ser tão superior quanto na questão anterior, ainda a maioria dos alunos e das alunas optaram pela alternativa *‘Sim, o esporte pode ser desenvolvido para todos os tipos de corpos’*; com 63,90%. Notamos assim, que mesmo quando falamos na Ginástica Rítmica competitiva, que pelas federações e confederações priorizam o sexo feminino, ambos os gêneros podem praticar diante do olhar dos participantes desta pesquisa.

Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade “3” teve a maior quantidade de respostas na alternativa *‘Sim, o esporte pode ser desenvolvido para todos os tipos de corpos’*; 33,83% do total 48,87%. A universidade “2” obteve a segunda maior quantidade de respostas; 15,78% do total 21,05%. A universidade “1” teve a menor quantidade; 14,28% do total 30,07%. Esses dados passam a ser confirmados nas palavras das autoras:

Sabemos que a Ginástica na contemporaneidade esta dividida em competitiva e não competitiva. As Ginásticas competitivas são organizadas e regulamentadas pela Federação Internacional de Ginástica e, as não competitivas são atividades que tem vários objetivos tais como: educacional, terapêutico, lazer, condicionamento, apresentação artística, ente outros. Tanto as ginásticas competitivas como as não competitivas são praticadas por ambos os sexos, mantendo ainda algumas diferenças fruto de conceitos e preconceitos existentes em tempos remotos (GAIO e GÓIS, 2006, p.4).

Mesmo concordando que as ginásticas podem ser praticadas por ambos os sexos, independente da sua característica e do seu local de atuação, tivemos em segundo lugar, a alternativa *‘Sim, mas para equipes separadas por sexo’*; com 26,31% das respostas, uma quantidade bastante significativa. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade “3” teve a menor quantidade de respostas nesta alternativa; 12,02% do total 48,87%. A universidade “2” obteve a segunda menor quantidade de respostas; 3% do total 21,05%. A universidade “1” teve a maior quantidade; 11,26% do total 30,07%.

O mais impressionante é averiguarmos com 5,26% das respostas em terceiro lugar, a alternativa *‘Não, o sexo masculino não está inserido no regulamento da modalidade’*. Isso de certa forma é verdade, pois o regulamento da Ginástica Rítmica foi elaborada para o sexo feminino, mas, nada impede deste ser adequado para atender todos os gêneros. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade “3” teve a menor quantidade de respostas nesta alternativa;

1,5% do total 48,87% de respostas. A universidade “1” teve a segunda menor quantidade; 1,5% do total 30,07%. A universidade “2” teve a maior quantidade; 2,25% do total 21,05%.

Em quarto lugar tivemos a alternativa ‘*Não, só dá para treinar o sexo feminino*’; com 3% das respostas. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, na universidade “2” ninguém respondeu esta alternativa. A universidade “3” teve a menor quantidade de respostas; 0,75% do total 48,87%. A universidade “1” teve a maior quantidade; 2,25% do total 30,07%. A partir desses resultados sentimos que ainda há alunos e alunas, mesmo em pequena quantidade, restringindo a modalidade ao sexo feminino.

Em quinto lugar detectamos a alternativa ‘*Não, só dá para treinar o sexo masculino*’; com apenas 0,75%, sendo esta resposta de um aluno da universidade “1”. Nas universidades 2 e 3 ninguém optou por esta alternativa. No entanto, esta é mais uma questão que a Ginástica Rítmica conduzida somente para o sexo masculino apareceu praticamente desprezada. Na pergunta seguinte identificamos os preconceitos que os alunos e as alunas participantes da pesquisa carregam enquanto seres humanos.

17) Você se considera uma pessoa preconceituosa em relação as... (pode assinalar mais de uma alternativa)

* A quantidade de respostas é superior ao total de pessoas que responderam o questionário, porque nesta questão se podia assinalar mais de uma alternativa.

Tabela 20. Respostas dadas à décima sétima pergunta do questionário.

Respostas	Universidade 1 São Paulo		Universidade 2 Paraná		Universidade 3 São Paulo		TOTAL
	F	M	F	M	F	M	
SEXOS							
1ª Não tenho preconceito;	14 9,45%	15 10,13%	8 5,40%	12 8,10%	18 12,16%	19 12,83%	86 58,10%
2ª Outros;	---	6 4,05%	2 1,35%	2 1,35%	6 4,05%	12 8,10%	28 18,91%
3ª Habilidades motoras;	1 0,67%	---	2 1,35%	1 0,67%	2 1,35%	6 4,05%	12 8,10%
4ª Sexo;	1 0,67%	1 0,67%	---	---	2 1,35%	3 2,02%	7 4,72%
5ª Raças;	---	1 0,67%	---	---	1 0,67%	4 2,7%	6 4,05%
5ª Necessidades especiais;	---	1 0,67%	---	---	2 1,35%	3 2,02%	6 4,05%
7ª Etnias.	---	---	---	1 0,67%	1 0,67%	1 0,67%	3 2,02%

Total de respostas por universidade e por sexo	16 10,81%	24 16,21%	12 8,10%	16 10,81%	32 21,62%	48 32,43%	148 100%
Total de sujeitos participantes da pesquisa sobre Ginástica Rítmica e Gênero	16 12,03%	24 18,04%	12 9,02%	16 12,03%	27 20,30%	38 28,57%	133 100%

Essa questão nos revela a maior surpresa deste questionário pelas respostas fornecidas pelos discentes e pelas discentes. Mais de 50% disse que não tem preconceito, ou melhor, 58,10% das respostas. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade “1” teve a maior quantidade de respostas nesta alternativa; 19,58% do total 27,02%. A universidade “2” teve a segunda maior quantidade; 13,50% do total 18,91%. A universidade “3” teve a menor quantidade; 24,99% do total 54,05% de respostas. Perante Goellner (2003, p.39),

A cultura de nosso tempo e a ciência por ela produzida e que também a produz, ao responsabilizar o indivíduo pelos cuidados de si, enfatiza, a todo momento, que somos o resultado de nossas opções. O que significa dizer que somos responsáveis por nós mesmos, pelo nosso corpo, pela nossa saúde e pela beleza que temos ou deixamos de ter.

A partir dessa idéia, de certa forma, somos responsáveis pelos nossos preconceitos, como também pela destruição ou, ao menos, pela amenização dos mesmos; somos responsáveis pelas atitudes dos nossos corpos. Dessa forma, verificamos em segundo lugar, a alternativa ‘*Outros*’, com 18,91% das respostas. O que nos faz entender que esses alunos e essas alunas possuem algum preconceito que não está estabelecido como alternativa. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, a universidade “3” teve a menor quantidade de respostas nesta alternativa; 12,15% do total 54,05%. A universidade “1” teve a segunda menor quantidade; 4,05% do total 27,02%. A universidade “2” teve a maior quantidade; 2,70% do total 18,91%.

Em terceiro lugar, porém, o primeiro preconceito que apareceu foi ‘*Habilidades motoras*’, com 8,10% das respostas. Justamente com discentes do curso de Educação Física, no qual o repertório corporal do ser humano é um dos principais objetivos do estudo, sendo, uma responsabilidade do profissional e da profissional de Educação Física competente compreender e respeitar às diferenças dos corpos. Como isso poderá acontecer se os futuros docentes têm preconceito com quem apresenta mais dificuldade em realizar um movimento? Somando os dois

sexos de cada curso de Educação Física, a universidade “3” teve a menor quantidade de respostas nesta alternativa; 5,40% do total 54,05%. A universidade “1” teve a segunda menor quantidade; 0,67% do total 27,02%. A universidade “2” tem a maior quantidade; 2,02% do total 18,91%.

Em quarto lugar, apareceu ‘sexos’, com 4,72% das respostas. Sendo o segundo preconceito que apareceu nesta pesquisa em que defendemos a Ginástica Rítmica para ambos os gêneros. Assim, notamos uma oposição com algumas questões anteriores quando a grande maioria respondeu que as turmas devem ser mistas nas disciplinas de Ginástica Rítmica; que na escola e enquanto esportes de competição a modalidade deve ser ensinada para ambos os gêneros.

Como podemos acreditar se aqui presenciamos sete discentes com preconceito em relação aos sexos? Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física, na universidade “2” ninguém respondeu a alternativa sexos. A universidade “3” teve a menor quantidade de respostas nesta alternativa; 3,37% do total 54,05%. A universidade “1” teve a maior quantidade; 1,34% do total 27,02%.

A individualização das aparências produzida a partir da valorização por vezes exacerbada da imagem transformada em performance tem levado os indivíduos a perceber que o corpo é o local primeiro da identidade, o *locus* a partir do qual cada um diz do seu íntimo, da sua personalidade, das suas virtudes e defeitos. Num tempo onde a individualização do seu eu se faz premente, ser único é sustentar uma inconfundível visibilidade, um eu localizado no visível de corpo. Um eu construído a partir de referências inscritas e prescritas em diversas instâncias culturais, através das quais, a todo e qualquer momento, é possível mensurar o ineditismo de nós mesmos, de nossa singularidade e individualidade (GOELLNER, 2003, p.39).

Contudo, em quinto lugar, empataram as alternativas ‘raças’ e ‘necessidades especiais’, ambas com 4,05% das respostas, totalizando 8,10%. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física nas duas alternativas, na universidade “2” ninguém respondeu. A universidade “3” teve a menor quantidade de respostas nesta alternativa; 6,74% do total 54,05%. A universidade “1” teve a maior quantidade; 1,34% do total 27,02%.

Por último, tivemos ‘etnia’, com 2,02%. Somando os dois sexos de cada curso de Educação Física nas duas alternativas, na universidade “1” ninguém respondeu. A universidade “3” teve a menor quantidade de respostas nesta alternativa; 1,34% do total 54,05%. A universidade “2” teve a maior quantidade; 0,67% do total 18,91%.

4.4 Análise geral dos resultados

A universidade “1”, localizada no Estado de São Paulo, tem um projeto de extensão em Ginástica Rítmica “Popular” promovendo o esporte para a construção da cidadania. Seus discentes e suas discentes, estudantes de Educação Física, que cursaram a disciplina de Ginástica Rítmica e participaram da pesquisa para este estudo comparativo, estão mais próximos do entendimento das teorias sobre gênero e de trabalhar a Ginástica Rítmica com os todos os gêneros.

A universidade “2”, localizada no Estado do Paraná, realiza um projeto de extensão em Ginástica Rítmica que tem como perspectiva o alto-nível de desempenho. Assim, comparando as respostas dos questionários seus acadêmicos e suas acadêmicas, estudantes de Educação Física, que cursaram a disciplina de Ginástica Rítmica e participaram da pesquisa estão mais distantes do entendimento das teorias sobre gênero e de trabalhar a Ginástica Rítmica com os todos os gêneros.

A universidade “3”, localizada no Estado de São Paulo, desenvolve um projeto de extensão para pessoas com deficiências integrando várias linhas de conhecimento, inclusive a Educação Física, sendo a Ginástica Rítmica uma das atividades oferecidas. A partir dos dados coletados e comparados, seus alunos e suas alunas, estudantes de Educação Física que cursaram a disciplina de Ginástica Rítmica e participaram da pesquisa estão distantes do entendimento das teorias sobre gênero e mais próximos de trabalhar a Ginástica Rítmica com os todos os gêneros.

Contudo, as respostas entre as universidades mostraram poucas diferenças e em algumas questões houve equivalência, de forma que, a maioria dos alunos e das alunas, tomam um mesmo rumo; apresentam conhecimentos bem próximos e, apesar de presos ao sistema das repressões, germinam sementes de esperança.

A seguir, apresentamos a conclusão deste nosso estudo sobre Ginástica Rítmica e Gênero, relacionando os dados coletados com o referencial teórico discutido.



Monika Mincheva

Fonte: *Home Page*, /www.flogao.com.br/gymclube, acessada em 08 abr 2007.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos que as alunas das três universidades em estudo, em maioria, apresentam mais interesse pela disciplina de Ginástica Rítmica com relação aos alunos. Isso talvez seja reflexo de uma modalidade competitiva prioritariamente feminina. O mesmo acontece com as questões de gênero, nas quais, possivelmente, tenham mais motivo por fazerem parte de um grupo ainda oprimido e submetido pela sociedade. Quanto ao sexo masculino ser inserido na Ginástica Rítmica, uma minoria de alunos mostram interesse nesta mudança. As mulheres estão mais preocupadas em incluir os homens, que os mesmos em serem incluídos.

Talvez seja incômodo para os homens presenciarem as mulheres dominando alguns setores da sociedade como a Ginástica Rítmica, por exemplo; gerando um constrangimento masculino ao encontrarem dificuldades nas atividades, freqüentemente, femininas. Mesmo porque, quando os homens assumem as tarefas culturalmente destinadas para o sexo feminino significa se rebaixar à submissão e para as mulheres assumirem as tarefas designadas ao sexo masculino, aproximam-nas da soberania.

Deste modo notamos a importância do plano de ensino estruturado e flexível, o qual é a bússola que aponta para o norte da formação profissional. Por mais que os professores e as professoras não cheguem exatamente no ponto indicado, se ficarem próximos, já será um começo. Isto porque, o caminho de uma disciplina, ao longo de um ou vários semestres, possui quedas, barreiras, buracos, desentendimentos, tropeços, chuvas, trovoadas e inúmeras dificuldades que não devem ser descartadas, pois servem para o crescimento do conjunto de docentes, discentes, coordenadores, coordenadoras, diretores, diretoras do curso e da instituição.

Por isso, apoiamos um plano de ensino para as disciplinas de Ginástica Rítmica fortalecido com bibliografias sobre gênero, uma vez que, esta pesquisa nos proporcionou ver que os alunos e as alunas do ensino superior em Educação Física, das universidades em estudo, possuem pouco conhecimento sobre as teorias de gênero aprofundadas em autores e autoras da área e, mesmo assim, estão a caminho de ensinar a Ginástica Rítmica para todos os gêneros, apesar de estamparem nas suas respostas que vivem em uma sociedade que, em geral, diferencia as atividades femininas das masculinas.

Na pesquisa realizada por Zuzzi (2005), também encontramos nos seus resultados uma carência na discussão das teorias de gêneros na formação

profissional em Educação Física, tais como: falta desse conhecimento, ausência desse conteúdo nas disciplinas do curso e também de bibliografias sobre o assunto.

Por outro lado, na nossa investigação temos com quase a unanimidade das universidades que: as turmas são mistas nas disciplinas de Ginástica Rítmica e a maioria das atividades é direcionada para todos os gêneros; a modalidade pode ser ensinada para todos os gêneros na escola e enquanto treinamento; a maioria aceita trabalhar com a modalidade para todos os gêneros e outras.

Diante desta busca para promover iguais oportunidades para os gêneros durante a Ginástica Rítmica, ou em outras atividades e esportes, solicitamos a reestruturação da formação profissional, nos cursos de Educação Física estudados, que já possuem essa modalidade como uma disciplina do currículo e, principalmente, nos cursos que ainda não oferecem esta disciplina, nem conteúdos sobre gênero acoplados em outras disciplinas. Por isso, repensarmos a formação profissional em Educação Física deve ser uma exigência quando necessitamos transformar a sociedade.

Os e as docentes da escola e de outros lugares de atuação enquanto não receberem estas mudanças e reestruturações continuarão com o direito de rejeitar a nossa proposta da Ginástica Rítmica ser desenvolvida para meninos e meninas. Em contraponto, valorizaremos as tentativas desses professores e professoras; estamos conscientes das dificuldades e do tempo que podem levar para manter a igualdade de oportunidade para os alunos e as alunas. Temos que reconhecer que mesmo distantes das informações acadêmicas e das precárias condições de ensino presenciamos docentes empenhados na luta por uma Educação Física para todos os gêneros.

O conflito faz parte do ser humano e não precisa ser nas aulas de Educação Física, nem na formação profissional. Uma vez em conflito, consigo mesmo, com o outro ou com o mundo é preciso compreendê-lo, superá-lo para então deparar-se com um novo conflito. A vida acaba sendo uma sucessão de conflitos e novas oportunidade. Assim, devemos rediscutir as relações humanas elaborando uma meta a caminho da aceitação e da compreensão dos seres humanos, cada qual, com suas aparências, dificuldades e defeitos.

Mesmo porque, as relações sociais de poder não são limitadas às diferenças entre os sexos, transitando por aspectos de classe e raça, importantes na compreensão da opressão na sociedade. O quívoco, muitas vezes, está em

estabelecer ou estudar gênero como sinônimo de mulher, isso favorece para que o mundo das mulheres seja parte do mundo dos homens, enquanto, um depende do outro (Zuzzi, 2005).

Com isso, a Educação Física com o caráter de gênero sendo empenhado, não deve estar distante dessa realidade, as aulas podem ser adequadas para proporcionar o conhecimento e a compreensão da igualdade em todos as relações e em todos os movimentos. Além de que, as ações dos professores e das professoras são fatores determinantes para o ser humano durante a Educação Física romper seus paradigmas compreendendo o novo.

Porém, os professores e as professoras da Ginástica Rítmica serão competentes para atuar com uma turma distinta, quando seus docentes ou suas docentes, que ministram as disciplinas sobre esta modalidade durante a formação, também forem competentes para inserir nas suas aulas estudos sobre gênero. Ressaltamos assim, que os e as docentes devem ser competentes para ensinar a superar obstáculos, permitir a descoberta do novo e estimular o movimento incessantemente. Sendo que, a descoberta do novo pode ser a Ginástica Rítmica, independente dos corpos que integram a turma.

Uma vez que, alguns países já desenvolvem a Ginástica Rítmica para todos os gêneros, ficando a responsabilidade da federação internacional e das confederações nacionais reiniciarem novas discussões sobre o assunto acatando e disseminando esta possibilidade. Enquanto isso não acontece, deixamos a nossa proposta mesmo sem a aprovação e regulamentação da Ginástica Rítmica masculina como esporte competitivo, tentando se igualar a realidade feminina.

Mas, geralmente, os livros, teses e dissertações depois das conclusões ficam, na maioria das vezes, empoeirados nas prateleiras das bibliotecas ou restritos aos debates acadêmicos. Assim, a população sem o conhecimento construído permanecerá descrente da igualdade, da compreensão e do respeito às diferenças, seja na Ginástica Rítmica e demais atividades.

Portanto, é esperado com esta pesquisa, que os docentes e as docentes, por meio de um olhar diferenciado sobre este estudo, reformulem suas propostas e que os erros, os acertos, as dificuldades e as facilidades, que fizeram parte desta jornada, possam instigar a busca por novas respostas, contribuindo academicamente para um tema tão relevante.



Simona Peycheva

Fonte: Home Page, www.flogao.com.br/gymclube, acessada em 08 abr 07.



Fonte: Home Page, Clube Recreativo Piedense
acessada em 08 abr 2007.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Unesp, 1998. 225p.

ALTMANN, Helena. *Meninos e Meninas jogam futebol*. Verso e Reverso. São Leopoldo: Unisinos. ano XVI.n.34.p.100-89, 2002.

_____. Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. *Revista de Estudos Feministas*, ano 9, n.2, p. 575-585, 2001.

ALVES, Rubem *A gestação do futuro*. Tradução de João Francisco Duarte Júnior. 2.ed. Campinas: Papirus, 1987. 199p.

ANDRADE, Thales H. N. Ética e Cidadania: uma reflexão atual e necessária para as Ciências Sociais. *Revista Humanitas – Dossiê Temas Atuais de Sociologia: Ensino Médio*, v.6, n.1-2, p. 15- 19, 2003.

BARBANTI, Valdir José. *Dicionário de Educação Física e Esporte*. 2.ed. São Paulo: Manole, 2003.

BENTO, Jorge Olímpio. Corpo e desporto: reflexões em torno desta relação. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). *Século XXI: a era do corpo ativo*. Campinas: Papirus, 2006a. p.182-155.

_____. *Do orgulho e da coragem de ser professor*. 2.ed. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2006b. 32p.

BETTI, Mauro. Perspectivas na formação profissional. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). *Educação Física e Esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus, 1992. p.254-239.

_____. *A janela de vidro: esporte, televisão e Educação Física*. Campinas: Papirus, 1998. 159p.

_____. O papel da Sociologia do Esporte na retomada da Educação Física. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte: Renovação e Consolidação. Anais XI Congresso Ciências do Desporto e Educação Física dos Países se Língua Portuguesa*. São Paulo: USP, v.20.n.5.p.192-191, 2006.

BISSOTO, Maria Luísa. Sobre a arte de indicar caminhos. In: LUZ RIVERO, Cléia Maria da. ; OLIVEIRA Jr., Waldemar de (orgs.). *Educação Profissional: caminhos na formação do professor*. Piracicaba: Unimep, 2004. p.96-87.

BORGES, Cecília Maria Ferreira. *O professor de Educação Física e a construção do saber*. Campinas: Papirus, 1998. 176p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 2002. 116p.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto/ Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997a.

_____. Ministério da Educação e do Desporto/ Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Educação Física: Terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997b.

_____. Ministério da Educação e do Desporto/ Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. *Temas Transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1997c.

BRUYNE, Paul; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: Os pólos da prática metodológica*. Tradução de Ruth Joffily. 5.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991. 252p.

CAPRA, Fritjof. *A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Tradução de Newton Roberval Eichenberg. 5.ed. São Paulo: Cultrix, 2001. 256p.

CARVALHO, Roberto Brito; GAIO, Roberta. *Os jogos olímpicos e o turismo: uma visão sócio-econômica*. Movimento e Percepção. Espírito Santo do Pinhal: Unipinhal. V.6.n.8. p.28-18, 2006.

CARVALHO, Yara Maria. *O mito da atividade física e da saúde*. São Paulo: HUCITEC, 1995. 133p.

CANDURO, Maria Teresa. O profissional de Educação Física e suas competências específicas In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.) *Formação e desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte*. Campinas: Papyrus, 2003. p.46-31.

CASALDÁLIGA, P. & TIERRA, P. *Ameríndia, morte e vida*. Petrópolis: Vozes, 2000.

CLUBE RECREATIVO PIEDENSE.

www.teresasimas.com/armazem/loucas/loucas.html. Acesso em 08 abr 2007.

COUTO, Luciana N. A deserotização do corpo: um processo histórico-cultural. In: ROMERO, Elaine (org.). *Corpo, Mulher e Sociedade*. Campinas: Papyrus, 1995. p.70-55.

CRAUSE, I.I. *Ginástica Rítmica Desportiva: um estudo sobre a relevância da preparação técnica de base na formação da ginástica*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação Física. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro, 1988.

_____. Histórico da Ginástica Rítmica Desportiva. In: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICAS. Código de Pontuação – GRD. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Sport, 1989. p.175-171.

DARIDO, Suraya; SILVA, Eduardo Vinícius Mota. O papel das disciplinas esportivas na formação profissional em Educação Física. In: MOREIRA, Wagner Wey & SIMÕES, Regina (orgs.). *Esporte como fator de Qualidade de Vida*. Piracicaba: Unimep, 2002. p.162-151.

DIMENSTEIN, Gilberto; ALVES, Rubem. *Fomos maus alunos*. 5.ed. Campinas: Papyrus, 2003. 125p.

EU AMO GINÁSTICA RÍTMICA. www.flogao.com.br/gymclube. Acesso em 08 abr 2007.

FARIA JR., Alfredo Gomes de. Perspectivas na formação profissional em Educação Física. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). *Educação Física e Esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papyrus, 1992. p.238-227.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. Disponível em www.fig-gymnastics.com/cache/html/12032-118-10001.html. Acesso em 07 abr 2007.

_____. Disponível em www.fig-gymnastics.com/index2.jsp?menu=disrg. Acesso em 21 abr 2007.

FINCO, Daniela. *Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil*. Pró-posições. Campinas: Unicamp. v.14.n.3.p.89-101, 2003.

FREIRE, João Batista; SCAGLIA, Alcides José. *Educação como prática corporal*. São Paulo: Scipione, 2003. 183p.

GAIO, Roberta. *Para além do corpo deficiente... histórias de vida*. 1999. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação. Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, Piracicaba-SP.

_____. *Para além do corpo deficiente: histórias de vida*. Jundiaí: Fontoura, 2006.

_____. *Ginástica Rítmica Popular: uma proposta educacional*. São Paulo: Robe editorial, 1996. 211p.

_____. *Ginástica Rítmica Popular: uma proposta educacional*. 2.ed. ampliada e atualizada. Jundiaí: Fontoura, 2007. 151p.

GAIO, Roberta; PORTO, Eline. Intervenção: o diálogo entre o fazer e o compreender em propostas de atividades motoras adaptadas. In: MOREIRA, Wagner Wey & SIMÕES, Regina (orgs.). *Educação Física: intervenção e conhecimento científico*. Piracicaba: Unimep, 2004. p.93-83.

GAIO, Roberta; GÓIS, Ana Angélica. *As ginásticas de ontem e de hoje: um estudo sobre gênero*. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: *Gênero e Preconceito*. Florianópolis: UFISC, 2006. ST21. "CD-ROM".

GEBARA, Ivone. *Teologia Ecofeminista: ensaio para repensar o Conhecimento e a Religião*. São Paulo: Olho D'água, 1997. 135p.

_____. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. 261p.

GINÁSTICA RÍTMICA: ESPORTE E INCLUSÃO SOCIAL. *UNOPAR em Revista*. Jornalista Maria Rosa Abelin.n.007. Junho, 2006.24p.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: _____; LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe. *Corpo, Gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

GUEDES, Maria Eunice Figueiredo. *Gênero: o que é isso?* Psicologia - Ciência e Profissão. [S.1.: s.n.], Jan/Mar, 1995. 11p.

HOLLANDA, Chico Buarque. *Construções*. Universal, 1993. 1 CD (60min), estéreo.

LAFFRANCHI, Bárbara. *Treinamento desportivo aplicado à Ginástica Rítmica*. Londrina: UNOPAR Editora, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Técnica de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002. 282p.

LANGLADE, A.; LANGLADE, N. R. *Teoria general da la gimnasia*. Buenos Aires: Editorial Studium, 1970.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 4.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989. 116p.

LOURENÇO, Márcia Regina Aversani; SANTOS, Eliana Virgínia Nobre dos; GAIO, Roberta. *Formação Profissional em Ginástica Rítmica*. In: 4º Congresso científico Latino-Americano de Educação Física. Piracicaba: Unimep, 2006. Pedagogia do movimento, Tema livre. "CD-ROM".

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (org.). BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *Histórias das mulheres no Brasil*. São Paulo: Unesp: Contexto, 2000. p. 481-443.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Pedagogia da animação*. 4.ed. Campinas: Papirus, 1989. 149p.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Estudos do Lazer: uma introdução*. 2.ed. Ampliada. Campinas: Autores Associados, 2000. 100p.

MARTINS, Ida Carneiro; BATISTA, José Carlos de Freitas. Educação Física, formação e prática profissional. In: DE MARCO, Ademir (org.). *Educação Física: cultura e sociedade*. Campinas: Papyrus, 2006. p.170-157.

MILANI, Luís Carlos & SOUZA, Clóvis Batista de. Séc. XXI, a educação precisa mudar. In: LUZ RIVERO, Cléia Maria da e OLIVEIRA Jr., Waldemar de (orgs.). *Educação Profissional: caminhos na formação do professor*. Piracicaba: Unimep, 2004. p.183-181.

MOREIRA, W. W. O Fenômeno da corporeidade: corpo pensado e corpo vivido. In: DANTAS, Estélio H. M. (org.). *Pensando o corpo e o movimento*. Rio de Janeiro: Shape, 1994.

_____. Perspectivas da educação motora na escola. In: DE MARCO, A. (org.). *Pensando a Educação Motora*. Campinas: Papyrus, 1995. p.104-95.

MOREIRA, W. W. ; SIMÕES, R.; MARTINS, I. C. Profissional de Educação Física: agente de intervenção e de produção de conhecimento. In: MOREIRA, W. W. & SIMÕES, R. (orgs.). *Educação Física: intervenção e conhecimento científico*. Piracicaba: Unimep, 2004. p.71-63.

MORIN, Edgar. *Ciência com Consciência*. Tradução de Maria G. de Bragança. Mem Martins: Europa-America, 1990. 255p.

_____. *Os Sete Saberes necessário à Educação do Futuro*. Tradução de Caterina Eleonora F. da Silva & Jeanne Sawaya. 3.ed. São Paulo: Cortez /UNESCO, 2001.118p.

NUNES FILHO, Nabor. *Eroticamente Humano*. 2.ed. Piracicaba: Unimep, 1997.146p.

OLIVEIRA Jr., Waldemar de. Formação Pedagógica de docentes para a Educação profissional. In: OLIVEIRA Jr., Waldemar de & LUZ RIVERO, Cléia Maria da (orgs.).

Educação Profissional: caminhos na formação do professor. Piracicaba: Unimep, 2004. p.32-21.

OLIVIER, Giovana Gomes de Freitas. Lúdico e Escola: entre a obrigação e o prazer
In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.) *Lúdico e Educação e Educação Física*.
Ijuí: Unijuí, 1999. p.24-15.

PAES, Roberto Rodrigues. *Pedagogia do esporte: contextos, evolução e perspectiva*. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte: Renovação e Consolidação. *Anais XI Congresso Ciências do Desporto e Educação Física dos Países se Língua Portuguesa*. São Paulo: USP, v.20.n.5.p.171, 2006.

PESSOA, Fernando. *Poesia completa de Alberto Caeiro*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005. 263p.

PISCITELLI, Adriana. Ambivalência sobre os conceitos de sexo e gênero na produção de algumas teóricas feministas. In: AGUIAR, Neuma (org.). *Gênero e Ciências Humanas: desafios às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record: rosa dos Tempos, Coleção Gênero.v.5,1997. p.65-49.

POLÍTICA DE EXTENSÃO. Universidade Metodista de Piracicaba, 3.ed. Piracicaba: UNIMEP, 2002. 72p.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS. Disponível em <http://www.puc-campinas.edu.br>. Acesso em 01 nov 2006.

PRIORE, Mary Del. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. In: PRIORE, Mary Del (org.). BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *Histórias das mulheres no Brasil*. São Paulo: Unesp: Contexto, 2000. p.114-78.

QUINTANA, Mário. Das corcundas. *Quintana de Bolso*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1997. 168p.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del. (org.). BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *Histórias das mulheres no Brasil*. São Paulo: Unesp: Contexto, 2000. p.606-578.

RUDIO, Franz Victor. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. 32.ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 144p.

RUSSO, Renato. Vamos fazer um filme (faixa 8). *O Descobrimento do Brasil*. 1993. 1 CD (60min), estéreo.

RINALDI, Ieda Parra Barbosa; CESÁRIO, Marilene. Ginástica Rítmica: da compreensão de sua prática na realidade escolar à busca de possibilidades de intervenção. *Revista Bulletin FIEP*. Special Edition. Article, v.75.n.2.p.36-40, 2005.

ROMERO, Eliane. A arquitetura do corpo feminino e a produção do conhecimento. In: ROMERO, Eliane (org.). *Corpo, Mulher e sociedade*. Campinas: Papyrus, 1995. p.270-235.

ROSÁRIO, Alberto Trovão do. A sociedade, o corpo, o desporto. In: MOREIRA, Wagner Wey & SIMÕES, Regina (org.s). *Fenômeno Esportivo no início de um Novo Milênio*. Piracicaba: Unimep, 2000. p.199-207.

_____. Presente e Futuro das atividades Corporais: a nossa responsabilidade. In: MOREIRA, Wagner Wey & SIMÕES, Regina (org.s). *Educação Física: intervenção e conhecimento científico*. Piracicaba: Unimep, 2004. p.23-13.

RUBIO, Kátia; FUTADA, Felipe de Mello & SILVA, Everton Carlos da. *Os jogos indígenas e as contradições do confraternizar e competir*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas: Autores Associados. v.28.n.1.p.105-120, Set./2006.

SACCONI, Hélio F. *A ginástica na escola para crianças dos 6 aos 12 anos*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Faculdade de Educação Física, Piracicaba. Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP. Piracicaba-SP.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Avançar sobre possibilidades: horizontes de uma reflexão ecoepistêmica para redimensionar o debate sobre os esportes. In: MOREIRA, Wagner Wey & SIMÕES, Regina (Org.s). *Esporte como fator de qualidade de vida*. Piracicaba: Unimep, 2002. p.100-85.

_____. Corpo ativo e religião. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). *Século XXI: a era do corpo ativo*. Campinas: Papyrus, 2006. p.89-63.

SANTIN, Silvino. Perspectivas na visão da corporeidade. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). *Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus, 1992, p.69-51.

_____. Corpo e a ética. Pensando o corpo e o movimento. In: TOJAL, João Batista. *Ética profissional na Educação Física*. Rio de Janeiro: Shape, 2004.

SARGENTO, Nelson. *Pensamentos*. Rio de Janeiro: Olho do Tempo, 2005.

SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 11.ed. São Paulo: Cortez/Autores associados, 1982. 224p.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre: Universidade federal do Rio Grande do Sul.v.20.n.2.p.99-71.jul/dez, 1995.

_____. _____. Campinas: Autores Associados. v.28.n.1.p.105-120, Set./2006

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Educação Ideologia e contra-ideologia*. São Paulo: Pedagogia e Universitária LTDA - E.P.U., 1986. 106p.

_____. *Metodologia do trabalho científico*. 22.ed.ampliada. São Paulo: Cortez, 2002. 335p.

SNYDERS, Georges. *Alunos Felizes: reflexões sobre a alegria na escola*. Tradução Catia A. P. da Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. 204p.

SOARES, Carmem Lúcia. *Educação Física: Raízes Européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994. 167p.

_____. Sobre a formação do professor em Educação Física: algumas anotações. In: DE MARCO, Ademir (org.). *Pensando a Educação Motora*. Campinas: Papirus, 1995. p.138-133.

_____. *Imagens da Educação no corpo*. Campinas: Autores Associados, 1998. 145p.

SOUZA, Érica Renata. Gênero, orientação sexual e pluralidade cultural: repensando os PCNs e o trabalho docente. Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: *Gênero e Preconceito*. Florianópolis: UFISC, 2006. ST7. "CD-ROM".

SOUZA, Érica R.; CRUZ, Elizabete F.; ALTMANN, Helena; CAMPOS, Maria T. Perguntas Gerando Perguntas em Educação Sexual. In: *28ª Reunião Anual da ANPED – Programa e Resumos*. Rio de Janeiro: Vozes, p.67-68, 2005.

SPECIAL OLYMPICS BRASIL.

www.specialolympicsbrasil.org.br/jogosnacionais/imagens/fotos/thumb.html. Acesso em 22 mai 2007.

STANQUEVISCH, Patrícia. *Possibilidades do corpo em Ginástica Geral a partir do discurso dos envolvidos*. 2004. 103p. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física. Universidade Metodista de Piracicaba-UNIMEP. Piracicaba-SP.

TEIXEIRA, Roseli Terezinha Selicani. *A Ginástica Rítmica Desportiva nas universidades públicas do Paraná: um estudo de caso*. 1996. 147p. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Metodista de Piracicaba-UNIMEP. Piracicaba-SP.

TEVES, Nilda. Corpo e esporte: símbolos da sociedade contemporânea. In: MOREIRA, Wagner Wey & SIMÕES, Regina (Org.s). *Fenômeno Esportivo no Início de um Novo Milênio*. Piracicaba: Unimep, 2000. p.198-189.

TEREZANI, Oswaldo Luís. *A avaliação discente nas disciplinas práticas no curso de graduação em Educação Física da Unimep: um estudo de caso*. 1994. 98p. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação. Universidade Metodista de Piracicaba-UNIMEP. Piracicaba-SP.

TOJAL, João Batista. O Ano da Responsabilidade Ética. In: TOJAL, João Batista. *Ética profissional na Educação Física*. Rio de Janeiro: Shape, 2004. p.18-15.

TOJAL, João Batista. Fundamentos Deontológicos da Ética da Educação Física. In: TOJAL, João Batista. *Ética profissional na Educação Física*. Rio de Janeiro: Shape, 2004. p.104-93.

TUBINO, Manuel José Gomes. *Dimensões sociais do esporte*. São Paulo: Cortez, 1992. 79p.

_____. Os impactos do fenômeno do esporte na sociedade contemporânea. In: MOREIRA, Wagner Wey & SIMÕES, Regina (Org.s). *Fenômeno Esportivo no Início de um Novo Milênio*. Piracicaba: Unimep, 2000. p.253-247.

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA. Disponível em <http://www.unimep.br>. Acesso em 01 nov 2006.

UNIVERSIDADE DO NORTE DO PARANÁ. Disponível em <http://www.gr.unopar.br>. Acesso em 01 nov 2006.

ZUZZI, Renata P. *Ser Homem, ser mulher, ser humano: as relações de gênero na visão docente e suas implicações na formação profissional em Educação Física*. Piracicaba. 2005. 140p. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física. Universidade Metodista de Piracicaba-UNIMEP. Piracicaba-SP.

APÊNDICE

APÊNDICE 1 - Questionário aplicado aos discentes e às discentes

Título da Pesquisa: (Des) encontro de gêneros na Ginástica Rítmica: um estudo sobre formação profissional em Educação Física

Responsável pela Pesquisa – Mestranda Larissa Áurea Terezani e Orientadora: Dra. Roberta Gaio

Eu _____, portador (a) do RG _____ e CPF _____ residente à rua _____, na cidade de _____, concordo em participar da pesquisa acima mencionada. Declaro estar ciente de que a identificação dos participantes será mantida em segredo, as informações prestadas serão utilizadas somente para fins de pesquisa científica, podendo ocorrer publicações sobre o assunto, e que a pesquisa não oferece desconforto e riscos. Entendo que o estudo fornecerá um registro de dados científicos sobre Formação Profissional em Educação Física, Ginástica Rítmica e Gênero, resultando em benefícios indiretos para os profissionais da área em questão e população que vivência a Educação Física em espaços escolares e não escolares. Declaro que sou participante voluntário, com liberdade para recusar a participação da pesquisa. Entendo também o valor da mesma para a área de Educação Física e estou ciente que poderei conhecer os resultados da investigação através das pesquisadoras responsáveis.

Data: ___/___/___

Assinatura do participante: _____

Questionário para discentes (adaptado de ZIZZI, 2005)

Sujeito nº _____

Instituição: _____

Idade: _____ Sexo: () Masculino () Feminino

Período do curso: () Diurno () Noturno

- 1) Você conhece as teorias sobre gênero?
() Sim () Não () Tenho algum conhecimento.
- 2) Você já leu ou discutiu sobre preconceito e discriminação entre sexos, raças, etnias dentro da Educação Física?
() Sim, acho interessante;
() Não, acho insignificante;
() Sim, mas não acho importante;
() Não, mas acho muito interessante;
() Não lembro.
- 3) E durante a/as disciplina/as de Ginástica Rítmica houve discussões sobre esses assuntos?
() Sim. Quais os temas abordados? _____
() Não;
() Não lembro.
- 4) Os conteúdos apresentados no início da disciplina de Ginástica Rítmica se preocupavam em discutir gênero?
() Sim. Qual/is? _____
() Não;
() Os conteúdos não foram apresentados;
() Não lembro.
- 5) Foi indicado bibliografia sobre gênero?
() Sim; () Não; () Não lembro.
- 6) Nas aulas as turmas são mistas?
() Sim () Não
- 7) Na disciplina de Ginástica Rítmica as turmas devem ser separadas por sexo?
(pode assinalar mais de uma alternativa)
() Sim, pois os alunos não atrapalhariam no desempenho das alunas;
() Sim, pois poderíamos ter atividades específicas para cada sexo;

- Sim, pois o Professor/a teria mais tempo para dedicar-se aos alunos que apresentam mais dificuldade;
- Sim, pois o Professor/a poderia adiantar a matéria para as alunas que apresentam mais facilidade;
- Não, pois existem diferenças biológicas/fisiológicas entre alunos e alunas, mas, essas não podem ser usadas como justificativas para a separação das turmas por sexos;
- Não, alunos e alunas devem caminhar juntos nas alunas com os mesmos conteúdos dando oportunidade para as diferenças e/ou dificuldades.
- 8) Quanto às outras disciplinas do curso, devem ter as turmas separadas por sexo?
- Sim. Qual/is? _____
- Não. Por quê? _____
- 9) Ao longo da disciplina de Ginástica Rítmica tiveram atividades direcionadas somente aos homens?
- Sim. Quais? _____
- Não.
- 10) Tiveram atividades direcionadas somente às mulheres?
- Sim. Quais? _____
- Não.
- 11) Quais foram os métodos de avaliação proposto pelo Professor/a? (pode assinalar mais de uma alternativa)
- Execução dos movimentos;
- Participação nas aulas;
- Discussões e debates;
- Trabalhos em grupos homogêneos;
- Trabalhos em grupos heterogêneos;
- Trabalhos em grupos homogêneos e heterogêneos;
- Provas. Sobre qual/is conteúdo/s? _____
- Seminários. Qual/is o/s assunto/s? _____
- Outros _____

- 12) Qual a/s dificuldade/s encontrada/s na disciplina de Ginástica Rítmica? (pode assinalar mais de uma alternativa)
- Execução dos movimentos;
 - Relacionamento com os colegas;
 - Conceitos e regras;
 - Domínio feminino por apresentarem mais facilidade;
 - Domínio masculino por não fazerem as atividades;
 - Exclusão;
 - Discriminação e/ou Preconceito;
 - Não tenho dificuldades.
- 13) Sofreu alguma frustração/vergonha durante as aulas da disciplina de Ginástica Rítmica?
- Sim. Qual/is? _____
 - Sim, mas não quero falar sobre o assunto.
 - Não.
- 14) Se recebesse uma proposta para trabalhar com a modalidade Ginástica Rítmica, o que aceitaria?
- Trabalhar com turmas mistas;
 - Trabalhar com turmas separadas por sexo;
 - Trabalhar só com o sexo feminino;
 - Trabalhar só com o sexo masculino;
 - Não aceitaria, por que não gosto da modalidade;
 - Não aceitaria, por que é difícil de ensinar;
 - Não aceitaria, por que teria poucos participantes interessados.
- 15) A Ginástica Rítmica pode ser ensinada nas aulas de Educação Física da escola para ambos os sexos?
- Sim, com certeza;
 - Sim, mas para turmas separadas por sexo;
 - Sim, mas para o sexo feminino;
 - Sim, mas para o sexo masculino;
 - Não faz parte do currículo escolar;

- Não, os alunos e alunas gostam de outros esportes e não fariam as aulas.
- 16) E enquanto esporte de alto-nível de desempenho, é possível treinar ginastas do sexo masculino e feminino?
- Sim, o esporte pode ser desenvolvido para todos os tipos de corpos;
- Sim, mas para equipes separadas por sexo;
- Não, só dá para treinar o sexo feminino;
- Não, só dá para treinar o sexo masculino;
- Não, o sexo masculino não está inserido no regulamento da modalidade.
- 17) Você se considera uma pessoa preconceituosa em relação as...
(pode assinalar mais de uma alternativa)
- Raças;
- Etnias;
- Necessidades especiais;
- Habilidades motoras;
- Sexo;
- Outros;
- Não tenho preconceito.

APÊNDICE 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu _____,
Professor/a _____ da _____ instituição
_____ e
portador do documento de identidade _____ declaro ter aceitado
participar como sujeito da pesquisa intitulada "(Des)Encontros de gênero na
Ginástica Rítmica: um estudo sobre formação profissional", conduzidas pela Prof.a.
Dra. Roberta Cortez Gaio (orientadora) e Prof.a. Larissa Aurea Terezani
(orientanda), contactados respectivamente, pelos e-mails e telefones,
rcgaio@ig.com.br (19-3124-1515) e larissa.terezani@ig.com.br (19-34262407) em
que demonstra com clareza os principais objetivos da pesquisa: investigar se nos
currículos dos cursos de ensino superior em Educação Física existe a disciplina de
Ginástica Rítmica; verificar autores e autoras que pesquisam sobre a formação
profissional em Educação Física; verificar autores e autoras que pesquisem sobre a
Ginástica Rítmica; verificar autores e autoras que pesquisem sobre Gênero;
conhecer o discurso dos alunos e alunas dos cursos de Educação Física
selecionados para a pesquisa; analisar também seus respectivos projetos de
extensão. Declaro estar ciente dos riscos e benefícios que por ventura a pesquisa
possa trazer à minha pessoa e conseqüentemente à minha atividade profissional e
também estou ciente que todos os dados observados e coletados serão mantidos
em confidencialidade e caso esses requisitos não sejam cumpridos ficam
responsabilizados os condutores da pesquisa, arcando com o ressarcimento de
despesas e indenização por danos causados a minha pessoa. Estou ciente também
de que posso retirar este termo de consentimento de sujeito da pesquisa a qualquer
momento em que achar conveniente.

Piracicaba, __ de _____ de 2005

(Assinatura) _____